

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADO EM GEOGRAFIA

**O PAPEL DO SETOR ATACADISTA NO REFORÇO DA CENTRALIDADE DE
UMA CIDADE MÉDIA: DOURADOS-MS**

Dourados/MS

2019

WILIAM MORENO VASCON

**O PAPEL DO SETOR ATACADISTA NO REFORÇO DA CENTRALIDADE DE
UMA CIDADE MÉDIA: DOURADOS-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do Espaço Regional e Fronteira.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria José Martinelli Silva Calixto.

Dourados-MS

2019

WILIAM MORENO VASCON

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG/UFGD

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria José Martinelli Silva Calixto (UFGD)

1º Examinador

Prof. Dr. Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

2º Examinador

Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira (UFGD)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

V331p Vascon, Wiliam Moreno
O PAPEL DO SETOR ATACADISTA NO REFORÇO DA CENTRALIDADE DE UMA
CIDADE MÉDIA: DOURADOS-MS [recurso eletrônico] / Wiliam Moreno Vascon. -- 2019.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Maria José Martinelli Silva Calixto.

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados,
2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Setor Atacadista. 2. Centralidade. 3. Cidade Média. 4. Rede Urbana. 5.
Dourados-MS. I. Calixto, Maria José Martinelli Silva. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

“Enquanto eles capitalizam a realidade, eu socializo meus sonhos.”

Sérgio Vaz

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato às adversidades que apareceram na minha vida, pois elas me ensinaram a tolerância, a simpatia, o autocontrole, a perseverança e outras qualidades que, sem essas adversidades, eu jamais conheceria.

Napoleon Hill

Não podemos esquecer quem nos auxiliou em toda nossa trajetória, não só acadêmica, mas de vida, pois cada uma dessas pessoas teve um papel fundamental na construção do que sou.

Primeiro lugar, dedico e agradeço “Àquele” que sempre esteve ao meu lado, que nunca me abandonou, mesmo em momentos de alegrias e dúvidas que marcam esta minha trajetória na universidade. Manifesto publicamente o meu agradecimento a **Deus** como um bom católico apostólico romano, que acredita na intercessão de **Nossa Senhora** para alcançar as bênçãos almejadas. Amém!

A **minha mãe**, por ser a minha inspiração, meu exemplo de mulher e de amor, por me acalmar, e cobrar quando necessário, e nunca me deixar desistir.

Ao **meu pai**, por ser meu exemplo de homem justo e de caráter inquestionável, por sua superação e determinação, por sempre me ensinar a correr atrás dos meus objetivos.

Ao **meu irmão**, Gabriel, ou apenas Bel, como o chamo desde criança, pela calma e serenidade que contagia a todos, e por ser um fiel companheiro e amigo.

Aos meus avós paternos **Maria e Antônio**, e maternos **Nidelci e Getúlio**, que são exemplos de união e fraternidade e responsáveis pelas minhas melhores lembranças de infância de uma criança arteira, que curtia as férias e finais de semana nos sítios dos avós.

As minhas tias, **Márcia, Mari e Fátima**, que sempre souberam me aconselhar e me acolham tão bem, minha gratidão consiste na ternura que sempre me cativou.

Aos meus tios, **Eno, Mauri, Maycon, Paulo e Marcos**, que sempre foram muito companheiros e amigos de todas as horas, não se negando nunca a me auxiliar.

Ao **Davi**, meu afilhado, que tem a capacidade de melhorar qualquer dia ruim com sua doçura de criança e seu sorriso encantador, que me faz ama-lo como um filho.

Aos meus primos, **Rafaela, Higor, Jéssica, Giovani, Tatiani, Juliana, Lucas e Matheus**, pelos diversos momentos passados em família, pelos conselhos e companhias em momentos difíceis.

A toda minha família no geral, por serem responsáveis pela continuação dos meus estudos, pois sabemos que por mais que a universidade seja pública, nem todos têm o “direito” de fato de vivenciá-la no sentido mais simples da palavra. Aos meus heróis, minha inspiração de cada dia, minha gratidão.

À professora **Maria José**, Zezé, minha orientadora de longa data. Já são 7 anos “puxando minha orelha” e sempre buscando tirar o melhor de mim. Me ensinou muito nesses anos, sendo uma profissional exemplar e uma pessoa fantástica. Agradeço por todas as orientações e “sermões” (sempre importantes e necessários), que me fizeram chegar até aqui. Obrigado por confiar em mim e no meu potencial.

À **Taiane**, ou somente Tai, minha amiga de todos os momentos, de sorrisos ou lágrimas, sempre presente, sempre disponível, mesmo diante as adversidades da vida nunca tivemos a amizade abalada. Me ajudou muito traçar meus objetivos e focar nos estudos.

À **Amandinha**, parceira de estudos e de exercícios físicos, exemplo de pessoa determinada e focada nos seus sonhos, me espelho em você para alcançar o sucesso.

Ao Grupo “**Pupilos da Zezé**” formado por amigos da faculdade que se conheceram no curso de Geografia, (Léo, Fernando e Bruno) agradeço aos inúmeros encontros regados a cerveja e muitas histórias do tempo da Graduação.

Aos **amigos e colegas** do grupo de estudos de Geografia Urbana, pelos debates regados a boas conversas e descontração.

A todos os **colaboradores** da pesquisa, funcionários dos estabelecimentos, amigos e colegas que auxiliaram na coleta de dados e pesquisadores do Recime como referencias bibliográficos.

A todos os **professores** do Programa de Pós-Graduação – UFGD, pelos debates e contribuições.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia, em especial **Laura, Daniel, Gesliane e Edmilson**, pelas trocas de experiências de alegrias, de angústias e de reflexões.

A todos, que responderam aos questionários e são parte indissociáveis desta pesquisa.

Às instituições: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN); Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); Hospital Evan Dr. Sra. Goldsby king unidade Hospital da Vida;

Hospital Universitário da UFGD e Central de Regulação de Leitos. Agradeço pelo fornecimento de informações para a pesquisa.

Às **empresas**: Assaí Atacadista Ltda., Atacadão Ltda. e Shopping Avenida Center.

À **banca** do Exame de Qualificação, professores Alexandre Bergamin Vieira e Pierre Alves Costa, pela leitura cuidadosa e pelos valiosos apontamentos.

À **CAPES**, pela bolsa de estudo concedida, no auxílio financeiro para a construção deste trabalho.

Se por ventura nesta ocasião de pura ansiedade, alguém, não se ver nesta lista, peço-lhe que se sinta inserido como parte indissociável deste trabalho.

Assim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, possibilitaram a construção desta pesquisa.

Sobre o contexto brasileiro, de uma “guerra ideológica”, no qual a dissertação foi elaborada, uma frase resume tudo:

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une”.

Milton Santos

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	12
LISTA DE QUADROS	14
LISTA DE TABELAS	14
LISTA DE SIGLAS.....	15
RESUMO.....	16
Abstract.....	17
INTRODUÇÃO AO TEMA, PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	18
CAPÍTULO I - O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA CONSOLIDAÇÃO DA CONDIÇÃO DE CENTRALIDADE DE DOURADOS-MS.....	23
CAPÍTULO II - DOURADOS-MS: ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE UMA CIDADE MÉDIA.....	44
2.1 Dourados-MS: uma análise de sua condição regional.....	51
CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS SUPERMERCADOS E O SEGMENTO ATACADISTA.....	64
3.1. - O Supermercado no Brasil.....	64
3.2 – Considerações sobre o grupo Carrefour (Atacadão) e o Pão de Açúcar (Assaí).....	74
3.3 - O Comércio Atacadista, suas ramificações, funções e finalidades.....	79
CAPÍTULO IV - O PAPEL DOS SUPERMERCADOS ASSAÍ E ATACADÃO EM DOURADOS-MS.....	82
CAPÍTULO V - OS DESLOCAMENTOS NO ÂMBITO DA REDE URBANA: OUTRAS VARIÁVEIS QUE CONTRIBUEM PARA O REFORÇO DA CENTRALIDADE.....	101

5.1 – Os deslocamentos ligados aos serviços de saúde.....	104
5.2 – Os deslocamentos ligados à educação Superior.....	116
5.3 - Os deslocamentos ligados ao Shopping Avenida Center.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
APÊNDICES.....	135

LISTA DE FIGURAS

1 – DOURADOS (2016)

Mapa da localização do Município de Dourados.....26

2 – DOURADOS (1943)

Localização da Colônia Agrícola Nacional de Dourados.....31

3– DOURADOS (1940-2010)

Crescimento Populacional.....36

4 – DOURADOS (1940-1980)

Dourados -MS e a Ponta Porã-MS - crescimento demográfico.....38

5 – MATO GROSSO DO SUL (2008)

Rede Urbana de Dourados.....53

6 – MATO GROSSO DO SUL (2008)

Mapa da Rede Urbana de Dourados.....60

7 – MATO GROSSO DO SUL (2008)

Mapa da Área de Influência de Dourados61

8 – DOURADOS (2018)

Localização dos Supermercados Assaí e Atacadão.....85

9 - CENTRO OESTE (2019)

Mapa de localização dos supermercados Assaí e Atacadão no Centro Oeste.....87

10– DOURADOS (2018)

Supermercado Atacadão.....89

11 – DOURADOS (2017)

Assaí Atacadista.....	89
12 - DOURADOS (2018)	
Interior dos Supermercados Atacadão e Assaí respectivamente.....	90
13 - DOURADOS (2017)	
Supermercado Assaí – origem dos consumidores.....	92
14 - DOURADOS (2017)	
Supermercado Atacadão – origem dos consumidores	92
15 – JARDIM-MS (2018)	
Imagem do restaurante da entrevistada.....	97
16 – NAVIRAÍ-MS (2018)	
Imagem da padaria do entrevistado.....	98
17 – DOURADOS (2018)	
Supermercados Atacadão e Assaí – Proporção de Consumidores na venda por atacado e varejo.....	100
18 – DOURADOS (2019)	
Localização dos estabelecimentos analisados para quantificar os fluxos e deslocamentos diários.....	105
19 – DOURADOS (2019)	
Hospital da Vida.....	112
20 – DOURADOS (2019)	
Hospital Universitário (UFGD).....	112
21 DOURADOS (2018)	
Shopping Avenida Center.....	121

LISTA DE QUADROS

1 – DOURADOS (2019)

Estabelecimentos dos Grupos Pão de Açúcar e Carrefour em todo território nacional.....78

2 – DOURADOS (2017)

Pacientes internados e suas respectivas cidades de origem.....110

3 - DOURADOS (2017)

Pacientes internados no Hospital da Vida.....113

4 – DOURADOS (2017)

Pacientes internados no Hospital Universitário/UFGD.....114

5 – DOURADOS (2018)

Levantamento da origem dos acadêmicos das instituições de ensino superior.....119

LISTA DE TABELAS

1 - DOURADOS (1940-2010)

Centros da rede urbana – Contingente populacional.....55

LISTA DE SIGLAS

ABAD (Associação Brasileira Atacadista e Distribuidores)
ABRAS (Associação Brasileira de Supermercados)
BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)
CAND (Colônia Agrícola de Dourados)
CNES (Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde)
EaD (Ensino à Distância)
EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária)
ESAI (Empresa Supermercadista de Atuação Internacionalizada)
GPA (Grupo Pão de Açúcar)
IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)
IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)
HU (Hospital Universitário)
PDN (Plano de Desenvolvimento Nacional)
PIB (Produto Interno Bruto)
PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)
PRODEGRAN (Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados)
REGIC (Regiões de Influência das Cidades)
SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste)
SUS (Sistema único de Saúde)
UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados)
UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul)
UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
UTI (Unidade de Terapia Intensiva)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o papel do setor atacadista no reforço da centralidade de Dourados-MS. Para tal, tomamos como referencial os supermercados Atacadão e Assaí e outras variáveis que desencadeiam deslocamentos no interior da rede urbana. Nessa perspectiva, foi realizado o trabalho de campo nos pátios e interior dos supermercados, e de outros estabelecimentos de consumo, buscando analisar o fluxo e o quantitativo do deslocamento de pessoas de outras cidades para Dourados. Partimos inicialmente da consideração do papel das políticas públicas, que acabaram por consolidar os papéis regionais de Dourados, desencadeando os fluxos interurbanos. Assim, Dourados concentra atualmente uma demanda, por intermédio de comércio e serviços e, por consequência, tende a concentrar fluxos de pessoas, bens, ideias, capital etc. No que diz respeito ao comércio atacadista, este estudo revelou que do montante de consumidores pesquisados, nos estabelecimentos tomados como objeto de análise, uma parcela significativa era proveniente de outras cidades da região. Da mesma forma, nos foi possibilitado perceber que, a maioria dos deslocamentos se davam por uma combinação de interesses ligados a outros serviços prestados por Dourados como, educação, saúde, lazer ou mesmo outra atividade de comércio. Sendo assim, consideramos outras variáveis que acreditamos funcionar como elementos reforçadores da relação entre Dourados (local onde os moradores das cidades menores buscam atividades mais especializadas de serviços e comércio), e seu entorno, nos possibilitando dimensionar sua condição regional e seu papel de cidade média.

Palavras chaves: Setor Atacadista; Centralidade; Cidade Média; Rede Urbana; Dourados (MS).

ABSTRACT

This paper aims to analyse the role of the wholesale sector in strengthening the centrality of Dourados-MS. For this, we take as a reference the supermarkets Atacadão and Assaí and other variables that trigger displacements within the urban network. From this perspective, fieldwork was carried out in the courtyards and interiors of supermarkets and other consumer establishments, seeking to analyse the flow and the amount of movement of people from other cities to Dourados. Initially, we started by considering the role of public policies, which eventually consolidated Dourados' regional roles, triggering long-distance flows. Thus, Dourados currently concentrates a demand through trade and services and, as a result, tends to concentrate flows of people, goods, ideas, capital, etc. With regard to wholesale trade, this study revealed that of the amount of consumers surveyed, in establishments taken as the object of analysis, a significant portion came from other cities in the region. Likewise, we were able to realize that most displacements were due to a combination of interests linked to the services provided by Dourados, such as education, health, leisure or even other trade activity. Thus, we consider other variables that we believe function as reinforcing elements of the relationship between Dourados (a place where residents of smaller cities seek more specialized services and trade activities), and its surroundings, enabling us to measure its regional condition and its role as a medium-sized city.

Keywords: Wholesale sector; Middle City; Centrality; Urban Network; Dourados (MS)

INTRODUÇÃO AO TEMA, PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Neste trabalho¹ nos propomos analisar a cidade de Dourados, considerada a segunda maior do estado, em termos populacionais. Localiza-se ao Centro-Sul de Mato Grosso do Sul, posição geográfica que a privilegia nas interações com as outras cidades do entorno, por meio da convergência de vias de circulação. Destaca-se pelo papel que as atividades comerciais e de serviços especializados exercem sobre a população da circunvizinhança, dinâmica que intensifica os fluxos em direção a Dourados e expressa uma condição de centralidade que tem a porção sul do estado como principal área de influência. Dessa forma, a cidade de Dourados tem expressiva importância no contexto regional e localiza-se a 220 quilômetros de distância da capital, Campo Grande.

O desafio de análise e compreensão de uma cidade média, são complexos. No entanto, torna-se necessário seu estudo, já que essas cidades desempenham papéis cada vez mais significativos na realidade urbana brasileira. No âmbito dos destes estudos, é a partir das considerações de Corrêa, que compreendemos o compromisso de realizar as pesquisas e as discussões. O referido estudioso afirma que.

A relevância de qualquer tema deriva da capacidade do pesquisador em problematizá-lo, de transformá-lo em uma questão teórica ou empírica, visando quer uma ação prática, quer a compreensão de um ou mais aspectos associados à ação humana [...] é possível, com base numa pré-problemática, criar uma problemática que alimente os estudos a respeito dessa temática. Cria-se, assim, uma relevância para o tema” (CORRÊA, 2007, p. 26-27).

Frente a isso, buscamos considerar a importância de Dourados no contexto regional, a partir da análise do comércio atacadista, enfocando os supermercados Atacadão e Assaí, entre outras variáveis, como reforçadores da centralidade dessa cidade média, contribuindo para a reflexão acerca desses temas, com apoio de outros estudos e da análise de dados coletados. Nessa perspectiva, um dos objetivos do trabalho é apreender as variáveis envolvidas no processo de reforço da centralidade desempenhada por Dourados, que envolve os deslocamentos na escala interurbana. É objetivo do trabalho, ainda, trazer contribuições para a análise acerca da

¹ Cabe aqui ressaltar que esta dissertação é continuidade de uma pesquisa iniciada em 2013, junto ao Programa de Educação Tutorial (PET) e ao Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC), que culminou no trabalho de monografia de graduação, apresentado em abril de 2016, e forneceu alicerce para esta pesquisa.

reestruturação urbana de Dourados a partir de meados da década de 1960, passando, como já pontuado, pela discussão sobre cidade média, rede urbana e deslocamento para consumo.

Buscando atender os objetivos propostos, o texto estrutura-se em cinco capítulos, conforme segue:

No **Capítulo I**, buscamos resgatar as políticas públicas engendradas pelo Estado que, à princípio, impulsionou o desenvolvimento de uma região propícia ao complexo agroindustrial, o que resultou, por meio de um processo de reestruturação urbana, no reforço da condição de centralidade exercida por Dourados.

No **Capítulo II**, apresentamos um levantamento bibliográfico acerca da temática das Cidades Médias, assim como dos conceitos de centralidade e rede urbana. Por fim, neste capítulo, buscamos trazer elementos que configuram Dourados como centro prestador de serviços.

Já no **Capítulo III**, com base em dados empíricos, buscamos demonstrar como os deslocamentos oriundos do setor atacadista – supermercados – contribui para o reforço da centralidade urbana/regional de Dourados.

No **Capítulo IV**, foi realizado, por meio de um levantamento bibliográfico, uma análise sobre o surgimento dos supermercados no Brasil, com destaque para o contexto da prática atacadista e dos grupos empresariais presentes no país.

Por último, no **Capítulo V**, trouxemos uma discussão acerca dos fluxos e deslocamentos estabelecidos no âmbito da rede urbana, considerando, além dos supermercados Assai e Atacadão, outras variáveis como saúde, educação superior e o shopping Avenida Center, haja vista que desencadeiam articulações e interações espaciais com o contexto regional, que reforçam a condição de cidade média de Dourados.

Como **procedimento metodológico**, convém ressaltar que, para o desenvolvimento das reflexões que aqui apresentamos, inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico acerca da temática das cidades médias e das políticas públicas impetradas na região de Dourados, buscando estabelecer um arcabouço que pudesse dar suporte as reflexões.

Da mesma forma, tem sido considerada a bibliografia que trata a temática da centralidade e rede urbana, de modo a oferecer um panorama de análise que possibilite reflexões sobre a realidade de Dourados como centro prestador de serviços atacadistas no sul do estado de Mato Grosso do Sul.

Considerando que Dourados assume a condição de centro regional para a qual a demanda das cidades menores se desloca para realizar o consumo de bens e serviços mais especializados, a ênfase foi dada à “Difusão do comércio e dos serviços especializados”², na tentativa de aprofundar a análise do papel dos supermercados, no estabelecimento de relações/articulações entre Dourados e os municípios da região sul do estado, que compõem sua rede urbana.

A necessidade do trabalho empírico configura-se como fundamental na proposta de pesquisa. Nesse sentido, realizamos o trabalho de campo nos pátios e interior dos supermercados, e de outros estabelecimentos de consumo como hospitais públicos, instituições de ensino superior e o shopping center, buscando analisar o fluxo e o quantitativo do deslocamento de pessoas de outras cidades para Dourados. Realizamos a contagem de consumidores e pacientes em hospitais, assim como de seus respectivos veículos ao adentrarem nos supermercados, como também a aplicação de entrevistas e questionários que possibilitaram agregar à pesquisa os dados primários. Da mesma forma, fizemos o levantamento de dados secundários, sobre Dourados, dos supermercados etc., visando possibilitar o cruzamento e análise de informações.

Em estudo de campo iniciado nos supermercados, e posteriormente nos hospitais, nas universidades e shopping center, buscamos informações com os funcionários dos estabelecimentos, com o objetivo de coletar dados iniciais para o prosseguimento da pesquisa. Foi possível observar a presença de consumidores de outras localidades nos estabelecimentos. Frente a isso, partimos para quantificar e qualificar os dados. Começamos pela contagem de consumidores, em determinados horários, contabilizando quantos são residentes na cidade de Dourados e quantos são de outras cidades. Posteriormente, foram realizadas as entrevistas e aplicação de questionários³.

² Ver Sposito (2007).

³ Cabe aqui ressaltar que para a confecção dos mapas presentes na dissertação utilizamos a ferramenta de Sistema de Informações Geográficas (SIG), através do programa Arcgis 10.5.

A partir dos levantamentos bibliográficos e empíricos - dados coletados -, tentamos construir uma reflexão que possibilitasse entender o papel da cidade de Dourados e sua centralidade na rede urbana regional, buscando destacar as relações/articulações estabelecidas por uma cidade média.

Tendo em vista que procuramos entender a dinâmica urbana desta cidade considerando as políticas públicas de desenvolvimento regional, se torna importante considerar o processo de reestruturação. Assim, salientamos que, segundo Sposito (2004 p. 384), a expressão reestruturação deve ser: “[...] guardada para se fazer referência aos períodos em que é amplo e profundo o conjunto de mudanças que orienta os processos de estruturação urbana e da cidade”.

A referida autora, ao propor a utilização da expressão estruturação enfatiza que esta possibilitaria a análise da “estrutura” como um processo, como uma contínua transformação no qual este arranjo contém e está contido na reprodução dos processos sociais. Nesse sentido, cumpre observar que a mesma não é estática, pois se encontra em constante movimento a partir do processo de (re)estruturação. Assim, alia-se o processo à forma, e a estrutura deve ser entendida como um mero recorte temporal de um amplo e contínuo processo de estruturação.

É ainda Sposito (2004), quem salienta que se deve guardar a expressão reestruturação para os momentos nos quais se contempla um amplo e intensivo conjunto de mudanças na estrutura urbana, partindo da ideia de ruptura com a dinâmica constituinte de uma estrutura anterior. Ou seja, a reestruturação desencadeia-se de uma desestruturação, que marca um rompimento, uma mudança significativa no processo de estruturação. Teríamos, assim, um processo contínuo de estruturação-desestruturação-reestruturação.

Assim, é necessário considerar que as rupturas ocorridas no processo de estruturação compreendem uma articulação temporal e dialética entre o velho e a imposição do novo, tanto como conteúdo social, quanto como processo espacial.

De acordo com Santos (1993, p. 227), as rupturas “podem ser consideradas um fator de desagregação, [ou uma] desestruturação, se nos colocamos em relação ao passado, isso é, ao equilíbrio anterior. E de uma reestruturação, se vemos a coisa do ponto de vista que se está dando”. Outro ponto relevante é compreender que a reestruturação que se expressa no espaço intraurbano tem profunda relação com

movimentos de reestruturação interurbana, o que Sposito (2004, 2007), denomina de reestruturação da cidade e reestruturação urbana, respectivamente.

Dessa forma, a autora enfatiza que o movimento de estruturação interna das cidades é incapaz de responder a si mesmo, quando desconexo do próprio movimento que implica na atribuição e modificação contínua dos papéis às cidades na rede urbana. Entretanto, isso não significa que esses processos não sejam distintos, embora também sejam complementares.

Nessa perspectiva, a autora procura reforçar a necessidade de utilização do conceito “(re)estruturação urbana” em detrimento do conceito de estrutura urbana. Isso devido a capacidade analítica e de fundamentação crítica que o conceito de estruturação proporciona, ao possibilitar análises de usos do solo e ao que está fixo no território, mas sobretudo aos fluxos gerados no processo e mantidos pelo arranjo e rearranjo do que está localizado no território.

Ao discutir a reestruturação, Soja (1993), assegura que o termo reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite uma ideia de mudança em relação a uma determinada ordem e configuração da vida social, econômica e política. “Evoca, pois uma combinação sequencial de desmoronamento e reconstruções, de desconstrução e tentativas de reconstituição, provenientes de algumas tendências ou perturbações nos sistemas de ação e de pensamento aceitos” (SOJA, 1993, p. 193).

A reestruturação não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados. Em sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária e reativa a choques nas situações e práticas sociais preexistentes, e desencadeadora de uma intensificação de lutas competitivas pelo controle das forças que configuram a vida material. Assim, implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma complexa e irresoluta de continuidade e mudança (SOJA, 1993, p. 194).

Por sua vez, Sposito (2004, p. 385), destaca que é necessário atentar para as particularidades entre os “pares” estruturação urbana e estruturação da cidade, pois apesar de apresentarem-se de forma articulada “não há estruturação urbana sem estruturação da cidade e vice-versa”, existem especificidades. Estruturação urbana, a

grosso modo, abarca os processos urbanos como um todo e estruturação da cidade enfatiza a morfologia interna da cidade.

Destacamos que a discussão sobre a reestruturação adquiriu maior vigor, na análise geográfica, nas últimas décadas, em função de todas as transformações pelas quais vem passando a cidade. Todavia, como destacou Villaça (2001), nem sempre com a devida preocupação sobre as especificidades do processo nos níveis intra-urbano e interurbano. Segundo esse autor, o que comumente se chama estruturação urbana não é estruturação (ou reestruturação) urbana, mas estruturação (ou reestruturação) regional, pois não aborda o elemento urbano da estrutura regional, o processo de urbanização enquanto processo do espaço regional (VILLAÇA, 2001, p. 19).

Como foi observado acima, estruturação urbana está associado as contradições, ações e reações associadas ao processo de urbanização em escala mais ampliada; e a estruturação da cidade à materialização de tais processos no nível intraurbano.

“ A geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre os homens e entre estes' e a natureza ”. (CORRÊA, 2003, p.43)

CAPÍTULO I

O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA CONSOLIDAÇÃO DA CONDIÇÃO DE CENTRALIDADE DE DOURADOS-MS

Neste capítulo vamos analisar a condição de centralidade⁴ de Dourados (ver **Figura 01**), uma cidade média no interior do estado de Mato Grosso do Sul (que se destaca regionalmente tanto pelo seu potencial agrícola, como por ser um centro prestador de serviços, comércio, lazer etc.), tomando como viés analítico o processo de reestruturação urbana⁵, decorrentes das políticas públicas implementadas na porção sul do estado.

⁴ Baseado na teoria desenvolvida por Christaller em 1933, este conceito explica a formação e desenvolvimento dos centros urbanos oriundos da circulação e articulação entre os núcleos urbanos, reforça a diferenciação no que tange o volume de produtos comercializados e atividades políticas administrativas entre as localidades. Essa diferenciação traduz-se, portanto, como uma hierarquia entre os centros urbanos. Características que determinam a relação destes centros com as demais localidades, como áreas de mercado, designam sua ideia de importância. Christaller, no entanto, não se preocupa com a localização, mas com a organização do espaço, pois segundo o autor a centralidade é definida pela capacidade de oferecer bens e serviços (de melhor qualidade) para outras localidades. (CORREIA, 1989)

⁵ Apesar de não termos a pretensão de adentrar essa discussão, achamos conveniente destacar que nos anos 1950, quando o estudo das estruturas urbanas acabou por ganhar destaque diante as outras frentes de pesquisa, a palavra "estrutura" aparecia como um termo chave para a Geografia Urbana. Segundo Tricart apud Gottdiener (1956, p. 481) "por intermédio desse estudo (das estruturas urbanas) é que a geografia urbana se tornará mais autônoma em relação às ciências afins, com as quais ela tem se confundido mais ou menos até o presente". Porém, apenas o estudo das estruturas urbanas não era suficiente. Era necessário entender como essas estruturas urbanas se formavam. Com isso, a Escola de Chicago, por meio da Ecologia Humana, contribuiu, já na década de 1920, mesmo que de maneira muito contestada posteriormente. Park, Burgess e McKenzie elaboraram o conceito de "ecologia humana", a fim de sustentar teoricamente os estudos de sociologia urbana. O conceito de ecologia humana serviu de base para o estudo do comportamento humano, tendo como referência a posição dos indivíduos no meio social urbano. A abordagem ecológica questiona se o habitat social (ou seja, o espaço físico e as relações sociais) determina ou influencia o modo e o estilo de vida dos indivíduos. (GOTTDIENER, p. 48)

FIGURA 01
DOURADOS-MS – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO (2018)

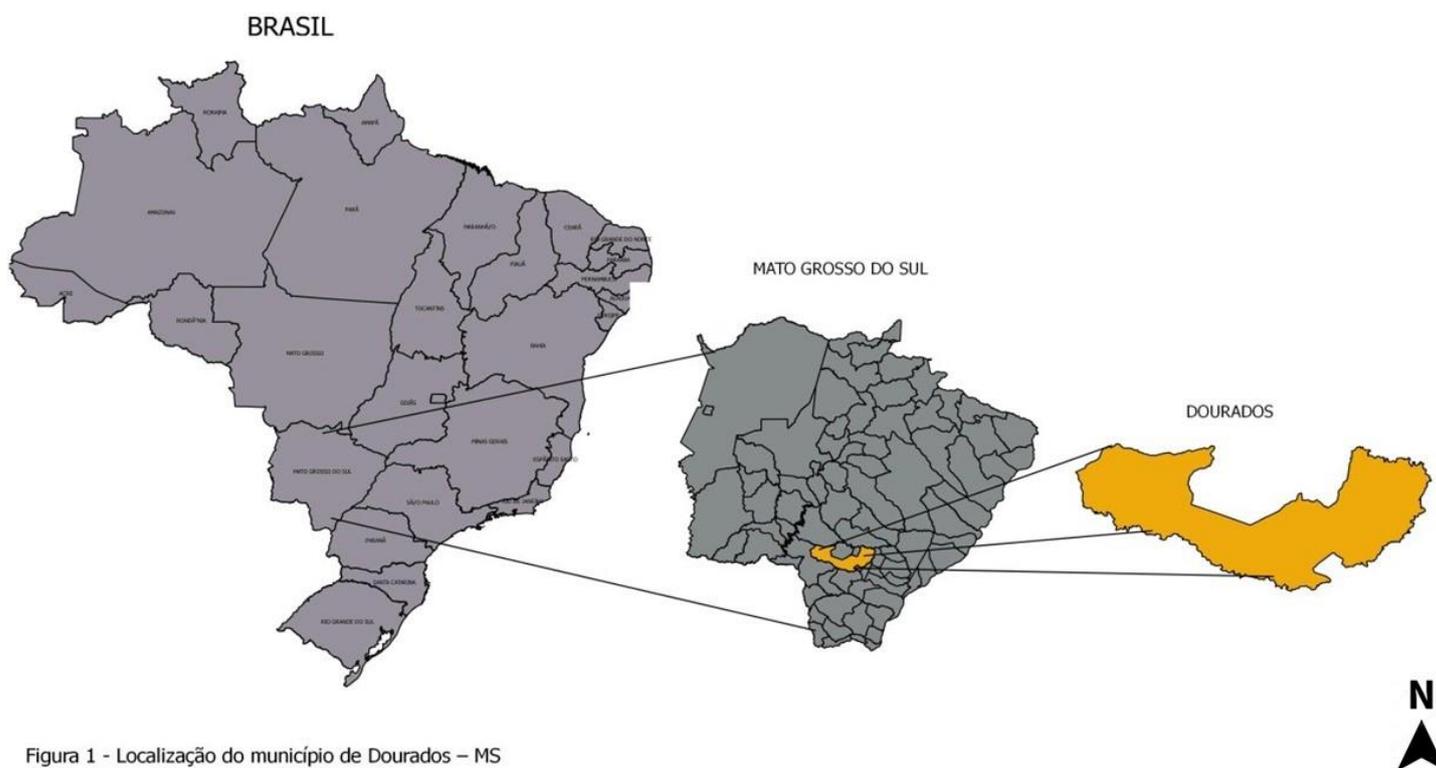


Figura 1 - Localização do município de Dourados – MS
ORG.: Lidiane Cristina Lopes Garcia de Souza

Aqui convém destacar que discutir cidade média, pressupõe considerar as discussões que envolvem a centralidade, que pode ser abordada a partir de duas escalas, que se diferenciam e se articulam: a interurbana, que se dá a partir da condição e expressão central que uma cidade pode exercer em relação ao conjunto de centros urbanos de sua rede, e a intraurbana, que toma como referência o território da cidade a partir de seu centro ou centros. (SPOSITO, 1998)

Ainda que os dois níveis de centralidade estejam articulados e não possam ser vistos separadamente, neste estudo, nossa atenção recairá sobre a centralidade regional, portanto, sobre a centralidade interurbana de Dourados.

Também convém ressaltar que a centralidade tem sido debatida por correntes teóricas que apresentam certas distinções entre si. Essas correntes pautam suas análises basicamente em dois conceitos que, embora aparentemente encontrem certa proximidade, trazem distinções importantes: o conceito de estrutura urbana e o de

estruturação urbana. No primeiro grupo de teóricos encontram-se os pesquisadores filiados à Escola Estruturalista de Chicago (também conhecida por Ecologia Urbana) e, no segundo, os ligados à Escola Francesa Clássica.

De acordo com Silva (2001), a principal divergência entre essas duas escolas encontra-se nas críticas formuladas pela Escola Francesa Clássica aos estudos de pesquisadores da Ecologia Urbana. As críticas decorriam da constatação de que os estudos da Ecologia Urbana se concentravam demasiadamente na formulação de modelos, em detrimento de estudos sobre a gênese histórica e sobre as características físicas da área em análise. O segundo grupo de teóricos é identificado por realizar um debate acerca da centralidade a partir do conceito de estruturação urbana. Esse conceito não se prende exclusivamente na descrição e interpretação das formas e equipamentos que se encontram fixos, mas compreendem a relevância do debate acerca dos fluxos que se encontram em movimento no território.

Assim, essa perspectiva analítica tende a considerar que “a centralidade deve ser entendida a partir dos fluxos que geram de pessoas, de automóveis, de capitais, de decisões, de informações e, sobretudo, de mercadorias” (SILVA, 2001, p. 108). Nessa direção, depreende-se que o estudo da centralidade urbana se consolida em íntima relação com a própria noção de estrutura e estruturação urbana, e das modificações e rupturas que se processam no tempo.

Corroborando com a necessidade de relacionar centralidade e estruturação urbana, Castells (1983)⁶ aponta que a centralidade constitui-se como elemento fundante das articulações entre os demais elementos que compõem a estrutura urbana, sendo a centralidade permeada por um conteúdo social, ao mesmo tempo em que se apresenta como um local geográfico. Assim, a centralidade expressaria, ao mesmo tempo, um conteúdo e uma forma, posto que se materializa em centros, desdobramentos do centro, sub-centros⁷, dentre outras possibilidades da centralidade se materializar ao assumir formas espaciais.

Sobre o enfoque da centralidade exercida por Dourados, devemos fazer algumas ponderações, pois a mesma se expressa a partir da capacidade de

⁶ Ainda que o autor trate de centralidade intraurbana, acreditamos que a análise e os pressupostos podem ser aplicados à escala interurbana.

⁷ Sobre os sub-centros e a centralidade intraurbana da referida cidade de Dourados, indicamos a leitura de Shiwa (2018).

concentrar e atrair atividades e pessoas, pela prestação de serviços, redirecionando os fluxos. Com isso, quanto mais intensa a centralidade de um centro urbano, mais forte a sua capacidade de atrair atividades ou pessoas.

A centralidade também está ligada a quantidade de fluxos que perpassam determinado centro urbano. Assim, quanto mais intensa a quantidade de fluxos que convergem para determinado local, maior o grau de centralidade.

Para Lefebvre a centralidade é:

... considerada como o movimento dialético que a constitui e a destrói, que a cria ou a estilhaça. Não importa qual ponto possa se tornar central, esse é o sentido do espaço-tempo urbano. A centralidade não é indiferente ao que reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. E, no entanto, não importa qual seja o conteúdo (LEFEBVRE, 1999, p. 108).

A capacidade de reunir, de juntar, de concentrar, é uma característica da cidade, principalmente no âmbito da rede urbana, em que a capacidade de concentrar primeiramente uma realidade material (infraestruturas, ruas, prédios públicos e privados, dinheiro etc.) e também consumidores, frequentadores, sentimentos e valores simbólicos. Assim, forma e processo, fixo e fluxo, são pares que exemplificam essa relação.

Ainda para Lefebvre: "A centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. (2008, p. 108).

Também refletindo acerca da centralidade, Castells⁸ afirma que

La centralidad urbana proviene, en un primer punto, de la expresión a nivel de espacio de lo que los estudiosos llaman desde hace tiempo la división social del espacio. Es decir, en la medida en que hay una división del trabajo en la sociedad, en la medida en que hay distintas actividades y distintos niveles sociales ligados a estas actividades, esta división se espacializa y al espacializarse hay, a la vez, elementos de diferenciación y elementos de coordinación, tanto a nivel social como espacial. (1979, p. 230)

Ainda para Castells:

Este conceito [a centralidade] refere-se à combinação de vários processos sociais no espaço [econômicos, políticos, simbólicos]. Não há uma centralidade, mas um conjunto de processos que a definem. (1988, p. 29)

⁸ Esclarecemos que tanto Lefebvre, quanto Castells, discutem a centralidade na escala intraurbana. Contudo, acreditamos que também oferecem uma contribuição para o entendimento da centralidade na escala interurbana, por isso os trouxemos para a análise aqui apresentada.

A centralidade, compreendida como articulação entre fixos e fluxos nas escalas local, regional, nacional e global e permeada pelo meio técnico-científico-informacional (Santos, 2008), promove uma série de modificações nas produções espaciais citadinas. Conseqüentemente, a especialização funcional pela oferta de um os vários serviços por uma cidade, ou por uma fração espacial, acabam por dinamizar os deslocamentos de pessoas, mercadorias e informações, quer na escala intraurbana, quer na interurbana. (SANTOS, 2008).

As expressões da centralidade, seja no nível intraurbano, seja no interurbano, sofrem mutações resultados das transformações por que passam o processo de urbanização. Nessa direção, a produção do espaço urbano a partir da constituição de áreas especializadas na produção e consumo de atividades comerciais e de serviços possibilita um jogo dialético que se reflete nas formas e conteúdos espaciais, sendo a centralidade produto e produtora da realidade vivida.

Assim, a compreensão da constituição da centralidade e suas expressões e transformações é fundamental na apreensão das (re)configurações socioespaciais e suas lógicas, dinâmicas e ações de diversos agentes produtores do espaço urbano. Daí que o debate da centralidade exercida pelas atividades comerciais e de serviços presentes na cidade permite compreender a (re)produção do espaço e auxiliam no entendimento dos processos de reestruturação urbana. (SPOSITO, 2007)

Nessa direção, conforme já pontuado, pensar a reestruturação urbana e da cidade requer a compreensão que esses dois processos têm diferenciações, mas mantêm-se articulados e indissociáveis. A ideia de reestruturação urbana parte da compreensão da urbanização como movimento temporal e espacial, que se caracteriza como um modo de vida e como um processo que promove transformações territoriais nas mais variadas dimensões. Portanto, a reestruturação urbana, conforme já dito, corresponde às dinâmicas e processos referentes aos espaços regionais que ocorrem na rede urbana de uma dada espacialidade. Já a reestruturação das cidades refere-se às dinâmicas e processos presentes na escala intraurbana. Destarte, articulam-se duas escalas geográficas e distintas, mas interligadas, a interurbana e a intraurbana, com diversas determinações entre si (SPOSITO, 2007).

Refletir sobre as dinâmicas e processos constituintes da reestruturação urbana de Dourados remete à compreensão dos movimentos da sociedade, a qual reproduz

formas e funções aos espaços construídos e nas relações sociais. Nesse sentido, ocorrem (re)funcionalizações, tendo em vista sua adequação às novas de formas de uso, produção, organização e apropriação do solo urbano.

Os espaços urbanos contemporâneos podem ser vistos como a síntese contraditória do processo histórico de urbanização. Cada cidade é, simultaneamente, expressão do processo de urbanização, decorrência dos papéis urbanos desempenhados no decorrer do tempo histórico. (SPOSITO, 1999, p.13)

Nesse sentido, no que diz respeito a escala regional, o processo reestruturação engendrado pelo Estado, que detinha o objetivo de desenvolver a região, devido ao seu potencial agrícola, junto a outros agentes privados, revelou a construção de uma nova feição urbana, configurando e assegurando sua condição de centralidade e, por decorrência, de cidade média de Dourados.

A expansão agroindustrial e seu corolário de mudanças no Espaço de Dourados é um processo que não pode ser completamente desvendado se não se considera a participação de um agente fundamental: o Estado. A partir, sobretudo, de meados dos anos sessenta, é possível identificar a elaboração de uma estratégia estatal visando, por um lado, à constituição de um CAI e por outro à articulação da agricultura brasileira a esse complexo. (SILVA, 1992 p.96)

No entanto, essa condição precisa ser considerada de forma processual, a partir de um conjunto de transformações regionais, que impactaram e influenciaram o processo de produção da própria cidade e no reforço da centralidade regional.

...o ponto de inflexão nesse processo de ordenação do Espaço de Dourados é observado a partir de 1968, com a expansão do capital agroindustrial nessa industrialização da agricultura desencadeando um movimento intenso de mudança que, no presente, é o responsável pela reestruturação desse espaço. (SILVA, 1992, p.3)

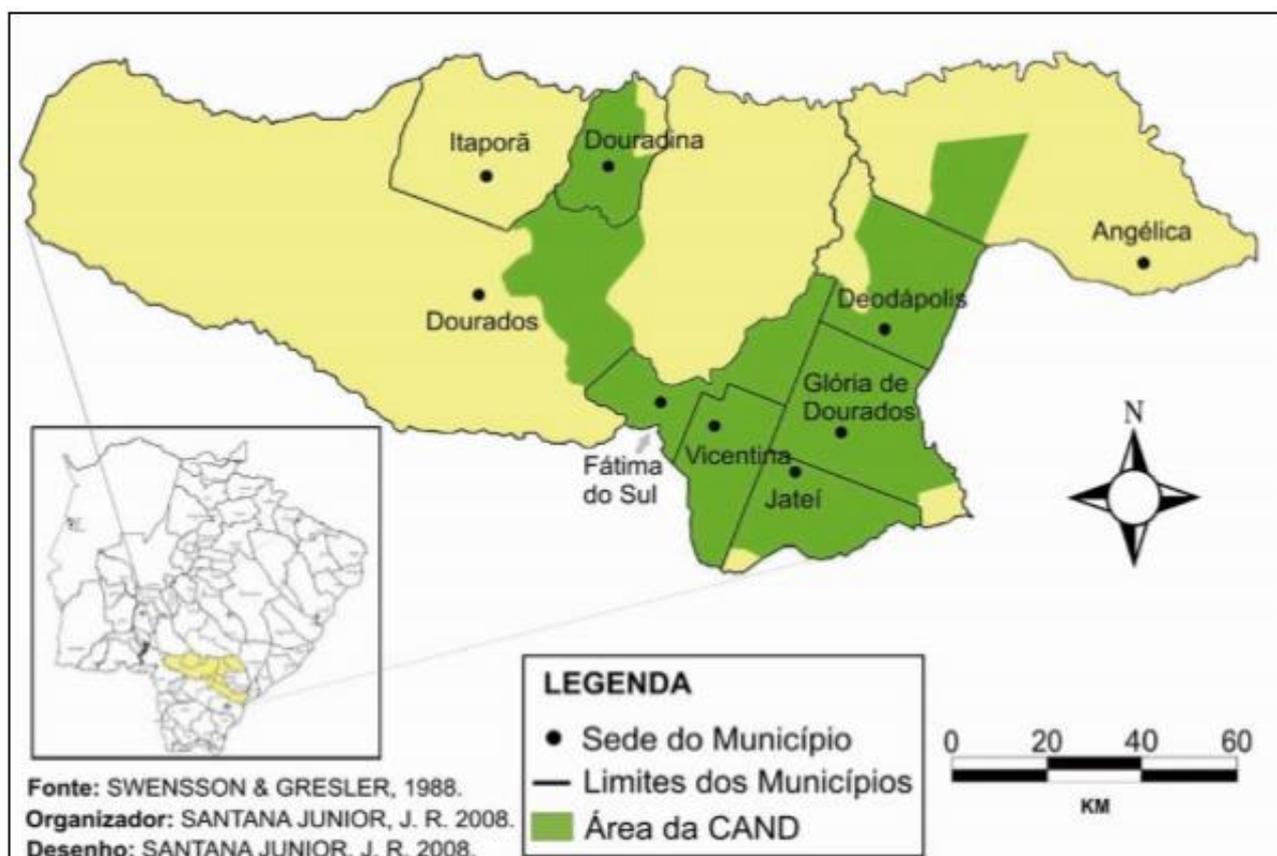
Sobretudo a partir do final da década de 1960, Dourados tem seus papéis redefinidos no contexto regional e, de acordo com estudos de vários autores, intensifica as relações no âmbito de sua rede urbana, reestruturando a própria rede e redefinindo a lógica da centralidade, tanto urbana, quanto regional.

O processo de reestruturação urbana tratado aqui se traduz nas profundas transformações pelas quais a região de Dourados passou nas últimas décadas. São mudanças que não estão circunscritas apenas à escala regional, mas reproduz dinâmicas no espaço intraurbano. Assim, articulação entre diferentes dinâmicas que possibilita a reorientação das lógicas, segundo as quais a estrutura urbana vai se redefinir. (SPOSITO 2004, p. 384-5).

Por um lado, a investigação sobre processo suscita questões sobre as alterações na divisão técnica, territorial e social do trabalho, em escalas diferentes, possibilitando repensar o conceito de centralidade (SANTOS, 2008).

Conforme já dito, essa relação precisa ser analisada processualmente e, nesse sentido, teve papel fundamental a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), na década de 1940 – **Figura 02**.

FIGURA 02
DOURADOS-MS – LOCALIZAÇÃO DA COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS (1943)



Fonte: Junior, 2008.

A CAND pode ser considerada uma das primeiras ações de política pública⁹ que reconfigura a região, marcando, mesmo que de forma incipiente, a condição de centralidade regional de Dourados, já que era a sede da colônia¹⁰.

Calixto (2017), aponta que:

Podemos afirmar, portanto, que a centralidade de Dourados na rede urbana regional, ainda que de modo embrionário, foi se desenhando com a implantação da CAND, que indica, estrategicamente, o início de uma condição diferenciada, a qual foi se reforçando no decorrer das décadas seguintes. (p.72)

Posteriormente, com o passar dos anos, várias intervenções do governo federal e estadual contribuíram para a reconfiguração regional. Esse foi o caso da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), Programa Especial de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados (PRODEGRAN), entre outras ações do poder público que tiveram papel importante no reforço da centralidade regional de Dourados.

Portanto, no processo de reestruturação urbana, teve fundamental importância o papel do Estado, que teve início com as políticas para o então estado do Mato Grosso, que buscava desarticular o poder Cia Matte Laranjeira na região.¹¹

⁹ Mesmo que de maneira muito simplória, vale destacar a visão de alguns autores acerca de Política Pública. Souza (2006), aponta que não existe uma única, nem melhor, definição sobre o que seja política pública. Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo viés: política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”. A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz. Com base nos estudos de (RUA, 1998) podemos compreender que as políticas públicas, por sua vez, são resultantes da atividade política, logo então compreendem um conjunto de decisões e ações. Contudo é necessário distinguir entre política pública e decisão política. Uma política pública geralmente envolve mais do que uma decisão e requer diversas ações estrategicamente selecionadas para implementar as decisões tomadas (RUA, 1998).

¹⁰ A fim de contextualizar, cabe ressaltar que no século XVI, a região foi palco de disputas entre Portugal e Espanha e no século XIX foi cenário nacional com a Guerra do Paraguai, que com a vitória do tríplice (Brasil, Argentina e Uruguai), resultou em uma nova reconfiguração de territórios. Não podemos esquecer também da importância da Cia Matte Laranjeiras, criada em 1882, por meio de concessão de terras ao então proprietário Thomaz Laranjeira por serviços prestados na guerra, que com a extração da erva-mate, configurou novos papéis para o então estado de Mato Grosso, principalmente na questão econômica Naglis (2007). A Cia foi responsável pelo crescimento do estado e pelo seu povoamento, e pela criação das cidades de Porto Murtinho-MS e Guairá-PR.

¹¹ A Cia impulsionou políticas públicas do governo para o estado do Mato Grosso, que buscava desarticular o poder Cia Matte Laranjeira na região, e nacionalizar as áreas de fronteira. Entre essas

De acordo com Silva (1992) de todas as políticas de integração nacional, implementadas no século XX, a de maior destaque e importância para Dourados foi a Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND, pelo Decreto Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943¹².

Silva destaca que:

...em 28 de outubro de 1943 foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND. Entre as várias medidas políticas públicas que posteriormente terão como alvo o então estado de Mato Grosso do Sul, certamente a CAND, se destaca por ser a pioneira e por seus grandes impactos socioculturais, econômicos, agrários, **intra e inter-urbanos**, principalmente na porção sul do estado de Mato Grosso do Sul. A CAND foi instituída a partir do decreto lei nº 5.941, com o objetivo de realizar a distribuição de 6.500 lotes entre 20 e 50 hectares, para atender a pequenos lavradores comprovadamente pobres. (2011, p.39. Grifo nosso.)

Como, sobretudo a porção sul do estado de Mato Grosso, era dominada pela presença da Cia Mate Laranjeira, com a criação do Território Federal de Ponta Porã e implantação da CAND o objetivo do governo Getúlio Vargas era deslocar os interesses estrangeiros e promover a nacionalização da fronteira. Portanto, havia uma preocupação geopolítica.

Calixto (2017) coloca que:

Além de ser a sede administrativa da CAND, Dourados era o local de beneficiamento e de comercialização da produção de colonos. Assim, passava da condição de centro de pecuária extensiva tradicional e de exploração ervateira, para principal polo do estado na produção agrícola, fazendo que a condição de centralidade começasse a se desenhar. O processo de dinamização desencadeado pela CAND não favoreceu apenas Dourados, mas teve também papel significativo na ampliação e na conformação da rede urbana regional, originando diversos povoados e vilas que acabaram transformando-se em cidades. (2017, p. 70)

Por sua vez, Silva aponta:

[...] A repercussão da CAND na rede de cidades não se resumiu, no entanto, à dinamização e ao patamar assumido por Dourados. Vários outros centros urbanos: Deodápolis, Glória de Dourados (antiga Vila Glória) e Fátima do Sul (antiga Vila Brasil) nasceram e se expandiram a partir dos estímulos oferecidos pela colônia. (1992, p. 62-63)

mediadas do governo, aparece a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e a ampliação de ramal de Ponta Porã. (NAGLIS, 2007, p.27).

¹² Com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (C.A.N.D.), intensificou-se um grande movimento migratório que já se viu em nosso país, abrangendo todo o território nacional. Imensas levas de colonos dos mais distantes rincões de nossa pátria, com o ardente desejo de possuir um pedaço de terra própria e nela se radicar, para cá se deslocavam..." (SILVA, 1992, 11)

Silva (1992) ainda destaca a repercussão da CAND na rede de cidades e na nova configuração urbana regional (com o surgimento e expansão de centros urbanos), sinalizando para a dinamização econômica de Dourados e para um novo patamar assumido, passando a exercer novos papéis dentro da rede urbana regional, como atração de novos investimentos e a implantação de políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento econômico, reforçando a centralidade na oferta de novos serviços.

Dessa forma, com a consolidação da CAND, Dourados passa a se destacar mais no cenário regional, com o apoio de novas medidas políticas do governo federal. Medidas estas que buscavam integrar o Centro Oeste ao cenário econômico nacional, em que Silva 2011 divide em duas fases: a primeira ocorrida em meados do século XX, com as ações do governo para melhor integrar o Centro Oeste ao Sudeste; e a segunda fase ocorre por volta de 1967, época que o governo buscou a integração da região à dinâmica produtiva nacional dos Complexos Agroindustriais. Assim, foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), com o discurso de que era necessário ocupar as áreas “vazias” do território nacional.

A SUDECO objetivava consolidar a produção no campo, ampliando as relações com o capital agroindustrial, de modo a integrar o Centro Oeste no novo padrão agrário moderno. Assim, de maneira seletiva e excludente, os incentivos governamentais couberam aos municípios maiores produtores, consolidando também os latifúndios.

A implementação dos programas de colonização, ocupação, integração e desenvolvimento do Centro-Oeste, modificaram a configuração territorial da região, principalmente da região de Dourados, no qual a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), desempenhava o papel de gerenciador das políticas. (SANTANA JUNIOR, 2009, p.93)

Na década de 1970, também teve papel importante o II PDN (Plano de Desenvolvimento Nacional - 1975/1979), interferindo no próprio processo reestruturação urbano-regional e, por consequência, na condição de centralidade de Dourados. Nesse contexto se destacou o PRODEGRAN - Programa Especial da Região da Grande Dourados. Silva ressalva:

O uso da terminologia ‘Grande Dourados’ é originado no PRODEGRAN (Programa Especial de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados),

criado pela SUDECO em 1976. Esse programa visava o aproveitamento do potencial agrícola de 41 municípios do Sul do atual estado de Mato Grosso do Sul. (2012, p. 4).

Criado em 1976, o PRODEGRAN visava ao aproveitamento da potencialidade agrícola da região sul do então estado de Mato Grosso, envolvendo inicialmente 22 municípios¹³, cujo o centro gestor de desenvolvimento seria a cidade de Dourados. A área destinada ao programa tratava-se de uma porção do estado, com elevada produtividade e que se encontrava sob o impacto direto da influência de São Paulo, em virtude das relações comerciais com as áreas de mercado do Centro-Sul. A ideia era fomentar a infraestrutura necessária para potencializar vantagens comparativas já estabelecidas, pois os solos são férteis para a produção de diversos grãos. Vislumbrava-se a ampliação da produção agropecuária objetivando à exportação, o que era o objetivo do II Plano Nacional de Desenvolvimento, por um lado e a retração na importação de produtos como trigo, que passam a ter atenção especial, na “Região da Grande Dourados”.

O sentido dessa iniciativa estatal consistia em promover a integração subordinada da agricultura a um complexo agroindustrial em processo de montagem por intermédio da transformação (tecnificação) da base produtiva rural. Com esse objetivo foram criados uma série de instrumentos de política agrícola, cujo conjunto articulado nos fornece uma visão geral do encaminhamento dessa estratégia estatal de promoção da agroindustrialização. (SILVA, 1992, p.96)

Durante a ação do PRODEGRAN a região atraiu capital comercial, agropecuário e financeiro. Neste contexto, Dourados coloca-se como centro de referência na porção sul do estado, concentrando agências bancárias, novos cursos superiores, serviços médicos etc.

Nesse contexto, o Espaço de Dourados surge como espaço opcional para a reprodução dessa agricultura moderna para onde se dirige, principalmente a partir do início dos anos 70, parcela desse contingente de granjeiros que aí passa a introduzir as lavouras mecanizadas de trigo e soja. (SILVA, 1992, p.44)

O estado passa então a vivenciar a implantação de novos complexos agroindustriais. Silva (1992) assevera que esses diversos complexos foram atraídos para o Sul de Mato Grosso do Sul em função dessa região enfeixar uma específica combinação de habilidades e recursos atraentes, favoráveis para o desenvolvimento

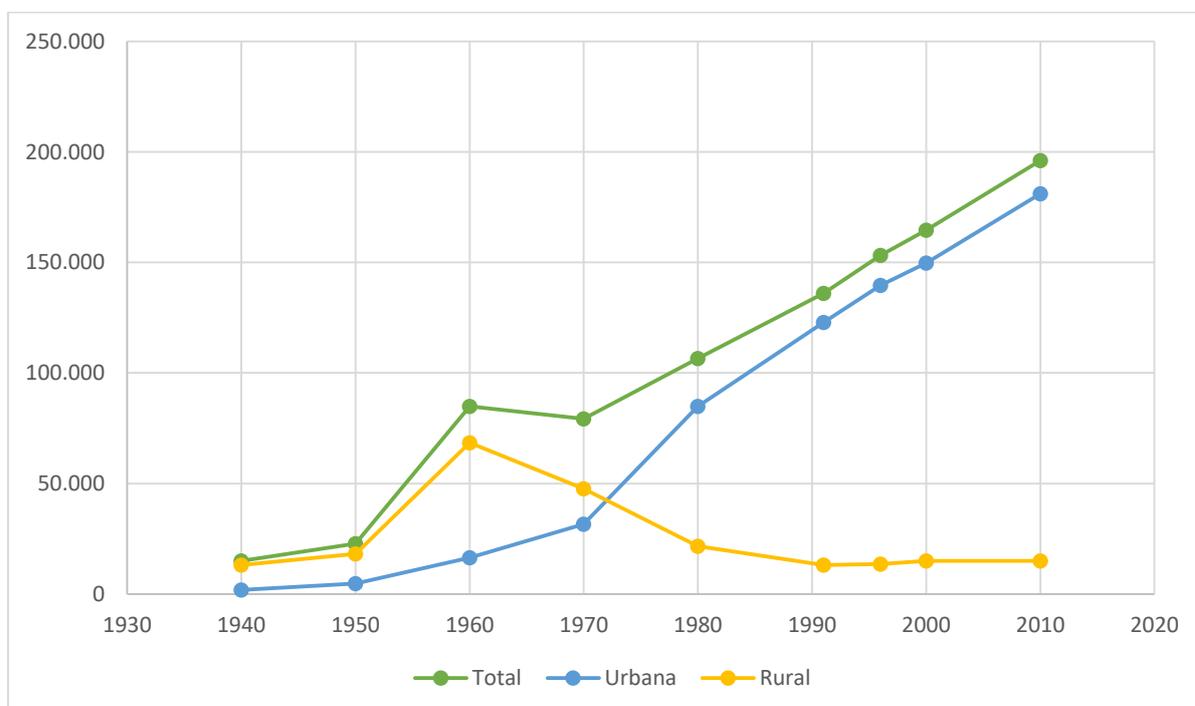
¹³ Chamada “Região da Grande Dourados” sendo os municípios: Amambai, Anaurilândia, Antônio João, Bataguassu, Bataiporã, Bela Vista, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Guia Lopes da Laguna, Iguatemi, Itaporã, Ivinhema, Jardim, Jateí, Maracaju, Naviraí, Nova Andradina, Ponta Porã, Rio Brillhante e Sidrolândia. (ABREU, 2001, p.172)

das atividades da agricultura moderna. Neste sentido, vale destacar a implantação da unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), que surge com objetivo de dar suporte ao desenvolvimento agrícola da região, assim como de outras empresas privadas que tinham o mesmo objetivo. Essas empresas evidenciam as inter-relações cada vez maiores entre o campo e a cidade e exigem a organização de novos serviços que atendam a esse mercado. Com isso, dá-se a ampliação e difusão de empresas ligadas a este setor da agricultura.

Por sua vez, a racionalização desse espaço imposta pela difusão do agronegócio deriva da formação de redes de produção agropecuária globalizadas que associam: empresas agropecuárias, fornecedores de insumos químicos e implementos agroindustriais, cadeias de supermercados, de distribuição comercial, de pesquisa agropecuária, de marketing e de fast food etc. (ELIAS, 2007, p. 116)

Nesse sentido, as políticas públicas tiveram importante papel no sentido de reforçar e consolidar a centralidade urbano-regional de Dourados. A **Figura 03** retrata a dinâmica populacional.

FIGURA 03
DOURADOS-MS – CRESCIMENTO POPULACIONAL (1940-2010)



Fonte: IBGE

Org: William Vascon

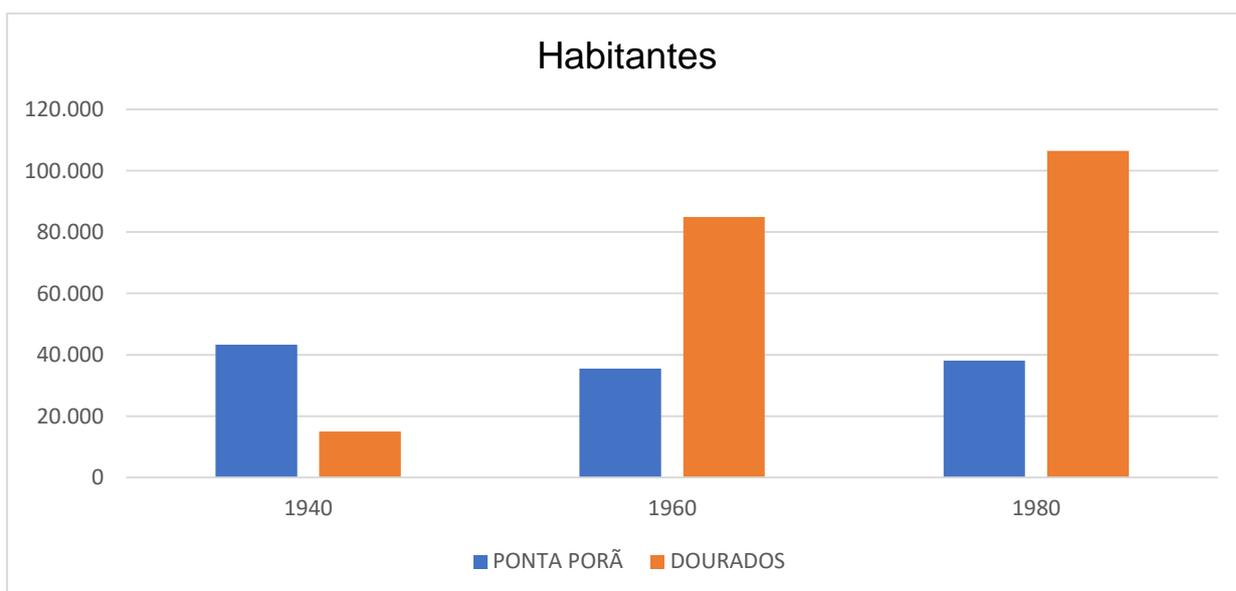
Entre o período de 1940 a 1970, destaca-se a intervenção estatal, por meio de projetos públicos e privados de colonização e de interiorização do capital, via agricultura moderna. As transformações advindas das novas dinâmicas econômicas promovidas pelo Estado, como a ampliação da população urbana e a intensificação do processo de apropriação da terra urbana, redefiniram o espaço. Podemos perceber como o êxodo rural atrelado à modernização do campo modifica o contingente populacional após a década de 1960. Constituinte, desse modo, um novo desenho da espacialidade urbana e a intensificação dos fluxos de capital, pessoas, mercadorias, informações, ideias e símbolos, permitindo, assim, novas articulações com centros funcionalmente diferenciados.

Comparando os dados, percebemos que em 1940 a população brasileira era de 41 236 315 hab. e em 2000 o Censo Demográfico do IBGE levantou 169.590.693 hab. o que representa um crescimento de 226,4% em cinquenta anos. O crescimento relativo foi maior no Centro-Oeste (657,8%) e no Norte (529,3%), pois essas regiões, com exceção do Sudeste, foram as que mais receberam migrantes neste período em virtude do investimento estatal nos planos regionais de desenvolvimento. Como consequência do processo de industrialização e modernização da agricultura no Brasil a partir da década de 1960, a população brasileira deixou de ser predominantemente rural no período 1960-1970. Como representado no Gráfico da **Figura 03**, enquanto a população total e a população urbana do Brasil e de Dourados apresentaram evolução positiva constante, a população rural do país e do município apresentou evolução negativa a partir do período 1960-1970.

Foi neste período que o êxodo rural se intensificou e a linha da população rural cruzou a linha da população urbana, indicando a inversão de uma população majoritariamente rural para uma população predominantemente urbana. Entre 1991 e 2000 o crescimento da população brasileira foi de 1,55% (22.765.218 hab.) e as regiões que apresentaram maiores taxas de crescimento relativo foram o Norte (28,5%) e o Centro-Oeste (23,2%). Nordeste, Sudeste e Sul apresentaram taxas de crescimento relativo respectivamente de 12,2%, 15,2% e 13,3%.

Corroborando com os dados apresentados, segundo IBGE, na década de 1940, Ponta Porã, (ver **Figura 04**) até então terceira maior cidade do estado de Mato Grosso¹⁴, contava com uma população superior a 43 mil habitantes, enquanto Dourados no mesmo contexto tinha em torno de 14 mil habitantes. Analisando os dados das décadas seguintes, podemos ver o resultado das políticas públicas de intervenção em Dourados, no qual ultrapassa Ponta Porã, cenário esse representado pelo fluxo migratório oriundo da intervenção estatal e seus programas de desenvolvimento na região de Dourados.

FIGURA 04
DOURADOS-MS E A PONTA PORÃ-MS - CRESCIMENTO
DEMOGRÁFICO (1940-1980)



Fonte: IBGE Censo 1940 a 1980. Org: William Vascon

Com o aumento considerável de sua população urbana, Dourados começa a desenvolver outros setores da economia e a assumir regionalmente o papel de referência, via expansão das atividades comerciais e de prestação de serviços e a criação de um mercado consumidor. Essa transformação projetou Dourados

¹⁴ Neste contexto do ano de 1940, Campo Grande detinha uma população de 49.629 habitantes e Cuiabá 56.394.

dinamicamente no cenário regional, fazendo da cidade um centro prestador de serviços e de atração de investimentos, sobretudo aqueles ligados à agroindústria.

A década de 1970 é marcada então pela política de incentivos fiscais, de créditos subsidiados aos produtores e a integração de Dourados aos Complexos Agroindustriais com o cultivo da soja, milho e trigo. Essas ações motivaram o investimento em infraestrutura com a construção de um sistema rodoviário, necessário para o escoamento da produção. (SILVA, 2011).

Além disso, há a ampliação da rede bancária, como a Caixa Econômica Federal (1974), Banco Mercantil do Brasil (1975), Banco da América do Sul (1976), Banco do Brasil (1978), Banco Banorte (1981), Banco Nacional de Crédito Cooperativo (1981), UNIBANCO (1982), Banco de Crédito Nacional (1982), Banco Sudameris do Brasil (1984), Banco Itaú (1985), Banco Bamerindus (1989). Essa rede bancária visava atender ao capital investido em Dourados e região, tanto o setor agrícola, como no terciário, além de atender às novas formas de consumo da população formada por profissionais liberais como médicos, dentistas, professores e gerentes de banco. (SILVA, 2011)

Portanto, é na década de 1980 que se tem o aprofundamento do processo de agro industrialização, através dos Complexos Agroindustriais com a incorporação de empresas ligadas à agricultura, como a SADIA, AVIPAL, CEVAL etc.

Segundo Calixto (2008), de acordo com dados do IBGE, entre os períodos de 1970 a 1980, houve uma alteração significativa no perfil da população residente em Dourados, apresentando um aumento de 1200% de pessoas com nível superior, ou seja, de um total de 119 (em 1970) passa a 1438 profissionais (em 1980). De acordo com a referida autora, esta nova realidade imprime na cidade alterações nas relações intra e interurbanas, por meio do fluxo de capital e de pessoas, o que estimula os papéis e a importância de Dourados, que passa a responder às novas necessidades de consumo.

Essa realidade também denota um dinamismo no setor imobiliário, estimulado diretamente pelas intervenções estatais, através do Banco Nacional de Habitação-BNH:

A produção em maior escala impulsionou e dinamizou as atividades do setor imobiliário, que se restringiam às transações baseadas majoritariamente na

compra e venda de lotes não edificados. Porém, a implantação dos conjuntos habitacionais, via BNH, interveio nesse quadro, ou seja, a partir daquele momento tornaram-se significativas as transações comerciais (compra, venda, aluguel) envolvendo edificações pois as unidades residenciais implantadas passaram a ser objeto de negociação. (CALIXTO, 2008, p.147)

Esse processo sinaliza profundas alterações nos padrões de articulação regional, pois Dourados, nesse contexto, torna-se o local de destino de investimentos estatais, que além de promover a diversificação de sua economia, altera a rede de relações, tornando as interações espaciais mais intensas e complexas. De tal modo, a incorporação de novas áreas urbanas, a renovação urbana, a relocação diferenciada da infraestrutura e a mudança do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade, constituem novos elementos da produção, apropriação e consumo do espaço urbano (CALIXTO, 2000). Dessa forma, o papel de Dourados como cidade média vai sendo delineado e reforçado.

Ao considerar o papel das cidades médias, Sposito coloca que:

Há necessidades de um determinado nível de densidade de consumidores para que uma localidade seja objeto de interesse de capitais que se desconcentram espacialmente e se expandem territorialmente, razão pela qual se reforçou o papel das cidades médias como espaços de consumos e regionais. (2007, p. 44).

Despertando cada vez mais investimentos de capitais, Dourados torna-se referência em termos de consumo local e regional, reforçando sua centralidade.

Assim, as interações por meio de fluxos, constroem e reconstroem sua centralidade, tanto na escala interurbana, quanto na escala intraurbana. Segundo Sposito (2004) a centralidade se dá por meio da convergência de elementos aglutinadores que demandam a concentração de fatores fundamentais (comércio, serviços, gestão pública e privada, lazer e valores materiais e simbólicos) para a manutenção da sociedade em um espaço determinado.

No entanto, decide-se um centro que vai deter mais funções e desempenhará mais papéis regionais, pois quanto mais se acentua a divisão social do trabalho, mais capital se concentra, fazendo com que os lugares se especializem, inclusive, para o próprio consumo de bens e serviços.

Resultante deste processo, verifica-se a multiplicação dos fluxos, com aumento dos deslocamentos populacionais, de capital e consumo. Há uma ampliação e difusão de diversas formas de consumo, como por exemplo, de serviços de saúde, educação,

lazer além, de informação e ideias. Aliado a isso, há a inserção de vários projetos de infraestruturas, como por exemplo, a ampliação do sistema de transporte, sistema de telecomunicação e da produção de energia, ou seja “o espaço torna-se fluido, permitindo que os fatores de produção, o trabalho, os produtos, as mercadorias, o capital passem a ter uma grande mobilidade” assegurando assim os fluxos intra e interurbanos. (SANTOS, 2008)

Se instalaram em Dourados diversas empresas multinacionais dando suporte à atividade agrícola, como Cargill, Bunge Alimentos, Bayer, Monsanto, Basf, a Syngenta, COMID Máquinas Ltda e CVale Cooperativa Agroindustrial; além de outras unidades vinculadas a Manah, Serrana Fertilizantes e Serrana Nutrição Animal (Bunge), DuPont, Caterpillar, Massey Ferguson, New Holand, John Deere, Case Agriculture, entre outras. Isso faz com que Dourados detenha a oferta de tecnologia para a região.

A configuração de uma rede de relações entre o campo e a cidade se efetiva pela presença de empresas ligadas a este setor da economia, que oferecem serviços que variam desde produtos agropecuários como máquinas, rações, defensivos, adubos e empresas que prestam assessoria administrativa, técnica, contábil e de projetos e pesquisa. A implantação cada vez mais intensa de empresas ligadas ao atendimento das exigências do campo modernizado denota a importância da agricultura científica.

As cidades médias têm como papel o suprimento imediato e próximo da informação requerida pelas atividades agrícolas. Em muitos casos a atividade urbana acaba sendo claramente especializada, graças às suas relações próximas e necessárias com a produção regional. (SANTOS e SILVEIRA, 2004, p.281)

Nessa perspectiva a atuação do governo federal no Mato Grosso do Sul foi muito importante, desde o processo de colonização, até a consolidação produtiva, por meio dos investimentos em infraestrutura de transportes, energia e armazenagem, além de um amplo conjunto de políticas econômicas e sociais.

Neste cenário da reestruturação urbana observa-se então um o processo do desenvolvimento tanto econômico como demográfico, além da consolidação dos papéis regionais, oriundo da migração, como também do êxodo rural, todos estes motivados pela intervenção estatal iniciada na década de 1940, com a CAND até a

instalação de complexos agroindustriais na década de 1980. Nesta conjuntura Dourados já desempenhava seu papel de destaque na hierarquia da rede urbana e centralizava comércio e serviços de saúde e de educação superior.

Feitas tais considerações, a seguir, nos deteremos na análise da centralidade de Dourados que se reverbera em sua condição de cidade média.

O Mapa

*Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...*

(E nem que fosse o meu corpo!)

*Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre (Dourados)
Onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)*

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)*

E talvez de meu repouso...

Mario Quintana

CAPÍTULO II

DOURADOS-MS: ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE UMA CIDADE MÉDIA

No capítulo anterior procuramos destacar que com a política de colonização ocorrida nos anos de 1940, foi possível o surgimento e fortalecimento de cidades, além de instituir um mercado consumidor que acelerou a dinâmica econômica e o processo de urbanização no estado.

Reforçamos que foi nesse período que Dourados se diferencia de Ponta Porã, iniciando o processo de centralização das funções econômicas desse espaço e que se esboça o embrião da rede urbana presente atualmente nesta porção do Mato Grosso do Sul meridional. Deste modo, nos anos de 1970, o estado de Mato Grosso do Sul meridional passa pela modernização do campo, especialmente, da lavoura de trigo e de soja, implicando no reforço do papel de Dourados no cenário regional.

Nessa perspectiva, neste capítulo procuramos, apoiados na bibliografia que trata da temática, caracterizar as relações/articulações de uma cidade média com sua rede urbana, de modo a oferecer um panorama de análise que possibilite reflexões sobre a realidade de Dourados.

Primeiramente convém destacar que, de acordo com Sposito (2007), as cidades médias são aquelas que desempenham papéis de intermediação em suas redes urbanas, diferenciando-as de cidades de “porte médio”, que são aquelas que são assim definidas, exclusivamente, em função de seu tamanho demográfico.

No geral, o que se quer entender historicamente por cidades médias, não são cidades de porte médio (aquelas que têm tamanho demográfico médio), mas são aquelas cidades que, na rede urbana, desempenham o papel de intermediação entre as pequenas e as grandes, então são cidades que comandam uma região, que polarizam uma região, que crescem em detrimento de sua própria região ou crescem em função de sua própria região, as duas coisas acontecem. (SPOSITO, 2009, p.19)

A mesma autora ainda alerta que, além de considerar as relações da cidade com a rede urbana, tentando compreender seu papel de intermediação e suas articulações, também é importante considerar a situação ou posição geográfica nas relações

desempenhadas pela cidade, considerando a distância entre ela e os centros de maior nível hierárquico. (SPOSITO, 2007)

Para Calixto (2017):

Devido à sua posição geográfica, que a notabiliza como única cidade desse porte demográfico e importância, em um raio de mais de 200 km, Dourados apresenta significativo nível de centralidade interurbana, denotado pela relevância de seu papel no setor comercial e, sobretudo, no de serviços, que assegura sua condição de destaque na rede urbana regional e, por consequência, de cidade média.(p.58)

Como já mencionamos, a intervenção do Estado, intensificou o processo de reestruturação urbana, levando Dourados a assumir novos papéis e funções regionais reconfigurando-se e reconfigurando sua própria rede urbana. Haja vista que a partir das ações do Estado passou a desempenhar maiores relações/articulações no âmbito de sua rede.

Ainda é importante destacar que o contingente populacional também é fator que pode fazer com que as cidades venham a desempenhar determinadas funções e características de cidades médias e, assim, exerçam uma condição de centralidade, por meio da intensificação das relações comerciais, de fluxos e trocas com cidades de sua região.

Sabemos que um aporte estritamente quantitativo ou demográfico, ainda que possua sua relevância, é insuficiente e não determina uma cidade média. Nesse sentido, o patamar demográfico deve vir acompanhado de outras variáveis e fatores, tanto quantitativos quanto qualitativos. Essa “tradição” quantitativa coloca em evidência que é extensa a diversidade entre as cidades médias e/ou de porte médio.

Por outro lado, a escolha de variáveis que embasam as definições de cidades médias e eclodem em perspectivas divergentes, em certo sentido, expressam uma consistente dificuldade de congregar e sintetizar a evidente amplitude da heterogeneidade que compreende a realidade das cidades médias (SANTANA JÚNIOR, 2008).

Em outras palavras, nota-se que é crescente a dificuldade na definição de cidades médias, sobretudo por ser necessário considerar as diferentes escalas de análise, que vão da local à mundial, passando por todas as escalas que se possam considerar entre essas duas “extremidades”.

As nuances e imbricações espaço-temporais decompostas e recompostas pela desigualdade e diferenciações inerentes no/do processo de reprodução social do espaço condicionam, assim como também rearranjam os papéis e a relevância das cidades médias na rede urbana em diferentes escalas, nas quais se articulam e se interpenetram questões políticas, econômicas, culturais, dentre outras. (SANTANA JÚNIOR, 2008, p. 208)

Estudos recentes, como os de Bellet Sanfelíu e Llop Torné (2004) e Castello Branco (2006), dentre outros, apontam para outros aspectos qualitativos e quantitativos que subsidiam com maior propriedade uma definição e classificação ou tipologia de cidades médias. Outra questão relevante na definição de cidades médias é que por se encontrarem entre dois extremos (pequenos núcleos urbanos e grandes aglomerações urbanas) são definidas como uma espécie de “conceituação negativa”: cidades médias são aquelas que nem são grandes nem são pequenas, o que mais uma vez traz ao centro do debate o problema quantitativo, que, como dito, tem sua relevância, embora deva ser contextualizado. (SANTANA JÚNIOR, 2008 p.209)

Exemplificando, uma cidade de 200.000 habitantes, está contextualizada diferencialmente na realidade brasileira, estadunidense, portuguesa, francesa, chinesa etc. Até mesmo na realidade brasileira, uma classificação única sobre cidade média brasileira torna-se impossível devido ao contraste existente entre as regiões do país.

Ao defender a denominação de cidade intermédia¹⁵, Bellet Sanfelíu e Llop Torné (2004) expressam a opinião de que o adjetivo “intermédia” introduz três novas dimensões que anteriormente encontravam-se “veladas” pelo adjetivo “média”: (1) acrescenta a idéia de que a importância da cidade não depende tanto do seu tamanho demográfico como do modo como se articula com o restante dos elementos do sistema; (2) realça e introduz aspectos mais dinâmicos e estratégicos da cidade na rede urbana; (3) supõe a substituição do sentido estático e hierarquizado por uma idéia mais aberta, dinâmica e interativa (DEMMATEIS *apud* BELLET SANFELÍU e LLOP TORNÉ, 2004).

¹⁵ Segundo Bellet Sanfelíu e Llop Torné (2004a) o uso do adjetivo intermédia começou a ser efetivado com considerável aceitação no meio acadêmico no decorrer da década de 1980. Os autores consideram que esse adjetivo dilata o significado da denominação que ele substitui, na medida em que cidade média tem relação direta com critérios quantitativos excessivamente rígidos e estáticos, que serviram, e ainda servem, para tornar oculta a função principal desempenhada por esse tipo de cidades: a da intermediação entre os espaços locais e os espaços regionais, nacionais e, em alguns casos, inclusive globais.

A evolução e o desenvolvimento dos debates sobre as cidades médias como ponto principal das discussões geográficas pautaram-se no sentido de buscar consolidar o seu conceito e suas especificidades. Contudo, não é somente por meio de um conceito estritamente pré-estabelecido que se encerrarão as discussões, já que o que se observa é a preocupação em relação à questão conceitual aliada ao esforço de compreensão dos papéis e funções assumidas por estas cidades no contexto da rede urbana nacional. Para isso são consideradas as especificidades de cada local e suas relações de influência regional e de centro gestor político.

Dentre os debates possibilitados pelas pesquisas sobre cidades médias está a necessidade de se considerar a questão da escala e o processo de urbanização, principalmente quando tomamos para análise as cidades médias brasileiras que apresentam muitas diferenças funcionais e estruturais. (SILVA, 2011, p.64)

Partimos do pressuposto de que é necessário considerar a cidade média por meio das diversas possibilidades de articulações. Nesse sentido, entendemos as cidades médias como cidades que desempenham papel de intermediação entre as pequenas e as grandes cidades numa articulação que nem sempre é hierárquica, numa dinâmica de comando de sua região. Essas cidades crescem em detrimento da sua região ou crescem em função da sua própria região, podendo acontecer das duas maneiras (SPOSITO, 2009).

Cidades médias que ampliam seus papéis, porque diminuem os papéis das cidades pequenas a partir de uma série de mecanismos econômicos, ou cidades que, em função do tipo de atividade que têm, das lideranças que ali se encontram, são capazes de crescer e propor um projeto ou desempenhar um papel político, econômico e social de crescimento para toda uma região. (SPOSITO, 2009, p.19)

Retomamos às contribuições de Bellet Santelú e Llop Torné (2004), em que vão salientar que as “cidades intermédias” se convertem em centro de serviços e equipamentos (mais ou menos básicos) de que se servem tanto os habitantes do mesmo núcleo urbano como aqueles que residem em sua área de influência. Para isso, desenvolvem funções de distribuição e intermediação, sendo dotadas de uma série de infraestruturas coletivas, com destaque para a comunicação e o transporte (Santana Júnior, 2008). A este conjunto de cidades também é associada uma melhor qualidade de vida, que, entretanto, se traduz muitas vezes, numa forma de *marketing* e promoção urbana e de determinados setores da economia, além de pessoal quando diretamente associada aos gestores e administradores públicos. Expressa-se, ainda,

na valorização de publicações de rankings de qualidade de vida das cidades, premiações pela qualidade dos serviços coletivos, dentre outros.

Pesquisa publicada por um jornal eletrônico de Dourados¹⁶ em 2015, mostra um estudo feito pela Austin Rating em parceria com a Editora Três, trazendo municípios do estado, como Campo Grande, Dourados, Nova Andradina e Corumbá entre os melhores do Brasil. Para concluir o levantamento e montar o ranking, os pesquisadores desenvolveram uma metodologia de classificação que levou em conta 212 indicadores dos municípios sobre questões como execução do orçamento, capacidade de arrecadação, qualificação de emprego e o nível de distribuição de renda, mobilidade digital e acesso gratuito à internet, e números de investimentos em serviços básicos como educação e saúde. Em relação ao padrão de vida, com números baseados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Campo Grande (1ª colocada) e Dourados (3ª no quesito de Cidade Média). Dourados também aparece como a 5ª colocada, entre municípios com até 200 mil habitantes, no potencial de geração de postos de emprego e renda.

Nessa perspectiva, podemos destacar também uma matéria da revista Exame¹⁷ publicada em outubro de 2018, Dourados é apontado num ranking elaborado pela consultoria Urban Systems como a melhor cidade do interior da região Centro Oeste para fazer negócio. No estudo, elaborado com base em 28 indicadores, Dourados aparece na posição 63 no Brasil, no ranking das 100 melhores, com o índice 8,17. No Centro Oeste, estão à frente de Dourados apenas as capitais. No Mato Grosso do Sul está à frente de Dourados apenas a capital Campo Grande, na posição 28 e com índice 9,13. A outra cidade do estado que aparece é Três Lagoas, porém atrás de Dourados, na posição 78 e com índice 7,98. No estado de Mato Grosso a única cidade do interior que aparece é Rondonópolis, mas também com índice inferior a Dourados, na posição 76 e com índice 8,02. Goiás também tem cidade do interior no ranking, Rio Verde, na posição 65, e Anápolis, na posição 98.

¹⁶ <http://www.douradosnews.com.br/noticias/cidades/dourados-e-tres-cidades-de-ms-entre-melhores-do-pais/783211/>

¹⁷ <http://www.dourados.ms.gov.br/index.php/revista-exame-aponta-dourados-como-a-melhor-cidade-do-interior-do-centro-oeste-para-investir/>

No ranking feito para a Revista Exame Dourados ainda aparece à frente de cinco capitais de estado, que são João Pessoa, Rio Branco, Natal, Porto Velho e Manaus. Em setembro de 2016, Dourados já havia recebido um prêmio por estar no ranking das melhores cidades do Brasil pela revista Isto É, com a reportagem sobre o ranking publicado a matéria “As melhores Cidades do Brasil mostra como Dourados, através da gestão fiscal eficiente, conseguiu fazer mais com menos”. No anuário “As Melhores Cidades do Brasil” Dourados ficou em 1º lugar no país em indicadores fiscais entre os municípios de médio porte e em 2º no ranking geral desse segmento, atrás apenas de Macaé (RJ).

No ranking geral envolvendo todos os segmentos (indicadores fiscal, social, econômico e digital) e todos os portes de cidade (pequena, média e grande), Dourados foi apontado como a 67ª melhor cidade do Brasil. Quando se analisa apenas cidades de médio porte, apenas Dourados ficou em 10º lugar no Brasil. Entre as cidades médias, Dourados também foi a 2ª melhor em indicadores econômicos, a 3ª em padrão de vida, a 5ª em mercado de trabalho, a 7ª em capacidade de arrecadação, a 9ª em aplicação na saúde e educação, a 17ª em sustentabilidade financeira, a 24ª em qualidade de vida e a 26ª em execução do orçamento. No ranking geral Dourados é a 42ª do Brasil em padrão de vida e a 53ª em indicadores econômicos.

Castello Branco (2006), ao realizar uma análise das cidades médias no Brasil, aponta a importância que essas cidades vêm adquirindo nas últimas décadas, fato que se expressa tanto no crescimento do número de cidades médias quanto no incremento populacional expresso nestas cidades.

Com objetivo de contribuir com a definição de cidades médias, a referida autora conclui que embora o tamanho demográfico deva ser considerado no processo de investigação, deve-se ressaltar que tanto a localização destas cidades, quanto o sistema de transportes em que está inserida tem peso relevante. Ressalta, ainda, a importância do potencial econômico e do grau de urbanização, além da qualidade de vida urbana, mas atribui como essência das cidades médias a centralidade.

A autora reforça que, neste sentido, é preciso considerar que a não inclusão das cidades que se encontram inseridas em regiões metropolitanas ou polarizadas por capitais de estados ou províncias na classificação de cidades médias se deve ao fato de que estas cidades certamente não possuiriam as condições necessárias para

polarizar sua hinterlândia¹⁸ e exercer as funções de centralidade e intermediação com outras escalas, tomadas como ponto de partida para a definição de cidades médias.

Sposito (2006) também destaca a inserção das cidades médias em redes de articulações de diferentes escalas espaciais que não necessariamente necessitem de continuidades territoriais, o que significa que paralelamente ao seu papel regional, as cidades médias exercem novos papéis. Desta forma, cumpre compreender como e porque no momento atual os papéis das cidades médias se modificam e se redefinem. (SPOSITO, 2006)

Assim, a partir do final da década de 1970, com a crise de acumulação do capital implicando num processo de reestruturação produtiva, as cidades médias revestem-se de novos atributos que cada vez mais se apresentam como não mensuráveis sob os critérios quantitativos rígidos que historicamente consubstanciam a definição desta categoria de cidades. E, neste sentido, as redefinições atuais dos papéis das cidades médias se embebem de ordens e racionalidades globais e locais que se entrecruzam e se interpenetram. Esse movimento atribui então novos papéis às áreas não metropolitanas frente ao processo de mundialização do capital, dentre os quais se destacam as cidades médias por apresentarem os requisitos necessários às novas necessidades de alocação do capital. (SPOSITO, 2007)

Nesta direção, e em função desses novos momentos e processos inseridos na dinâmica da produção do espaço, se criam novas centralidades nas escalas intra e interurbanas, gerando e mantendo fluxos de diferentes naturezas.

Em outras palavras, se consolidam áreas ou locais que se revestem de maior poder de articulação, assumindo papel significativo sobre as demais parcelas do espaço, sendo capaz de gerar e manter fluxos (de pessoas, capitais, mercadorias etc.), e não apenas concentrar determinados fixos. Essa realidade, podemos perceber com a condição dos supermercados atacadistas de Dourados, que produz uma centralidade concentrada em fluxos acerca do comércio varejista das cidades circunvizinhas, conforme trataremos posteriormente.

¹⁸ Hinterlândia é considerada como uma área geográfica (que pode se tratar de um município ou um conjunto de municípios) sendo conectada por uma rede de transportes, relações comerciais, fluxos de pessoas, através da qual recebe e envia mercadorias ou passageiros. Trata-se, portanto, da área de influência de uma cidade que, por concentrar significativa atividade econômica, pode engendrar uma rede urbana, constituída por centros urbanos menores. (SPOSITO, 2007)

Contudo, a concentração de equipamentos, atividades econômicas e serviços, é extremamente necessária para uma maior dinamização dos fluxos, sobretudo de mercadorias, objetivando que as trocas se realizem de forma mais profícua. Tal concentração, ao propiciar uma centralização urbana, termina por implicar “numa articulação diferenciada nos usos do solo, alterando a forma urbana e tornando-a segmentada” (SILVA, 2001, p. 108) tanto social e econômica quanto espacialmente.

Com base nas contribuições apresentadas por diversos autores acima, acerca da temática sobre cidades médias e centralidade, e tendo em vista a condição exercida pela cidade de Dourados no seu contexto regional, podemos considerá-la um centro que desempenha os papéis de uma cidade média. Conforme já ressaltado, por se localizar em uma região que as políticas públicas tinham como objetivo maior o de intensificar o potencial agrícola, Dourados passou a atender a necessidade da oferta de equipamentos e serviços, reforçando a sua centralidade na rede urbana regional. É sob esta perspectiva que se torna relevante o estudo da cidade de Dourados, buscando analisar as relações que definem e configuram sua condição, no bojo da qual emerge sua centralidade regional (CALIXTO, 2017).

Dessa forma, no próximo item, buscaremos tratar da condição regional de Dourados.

2.1- Dourados-MS: uma análise de sua condição regional

Como já pontuado, em termos demográficos, Dourados é considerada a segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul¹⁹, exercendo significativa centralidade regional. Sendo assim, neste momento do texto, buscaremos salientar as dinâmicas que configuraram sua centralidade. Para isto, consideraremos a relação marcada por diversidade e complementaridade (CALIXTO, 2017) estabelecida entre Dourados e os centros que, segundo IBGE/REGIC – Regiões de Influência das Cidades (2008), compõem sua rede urbana.

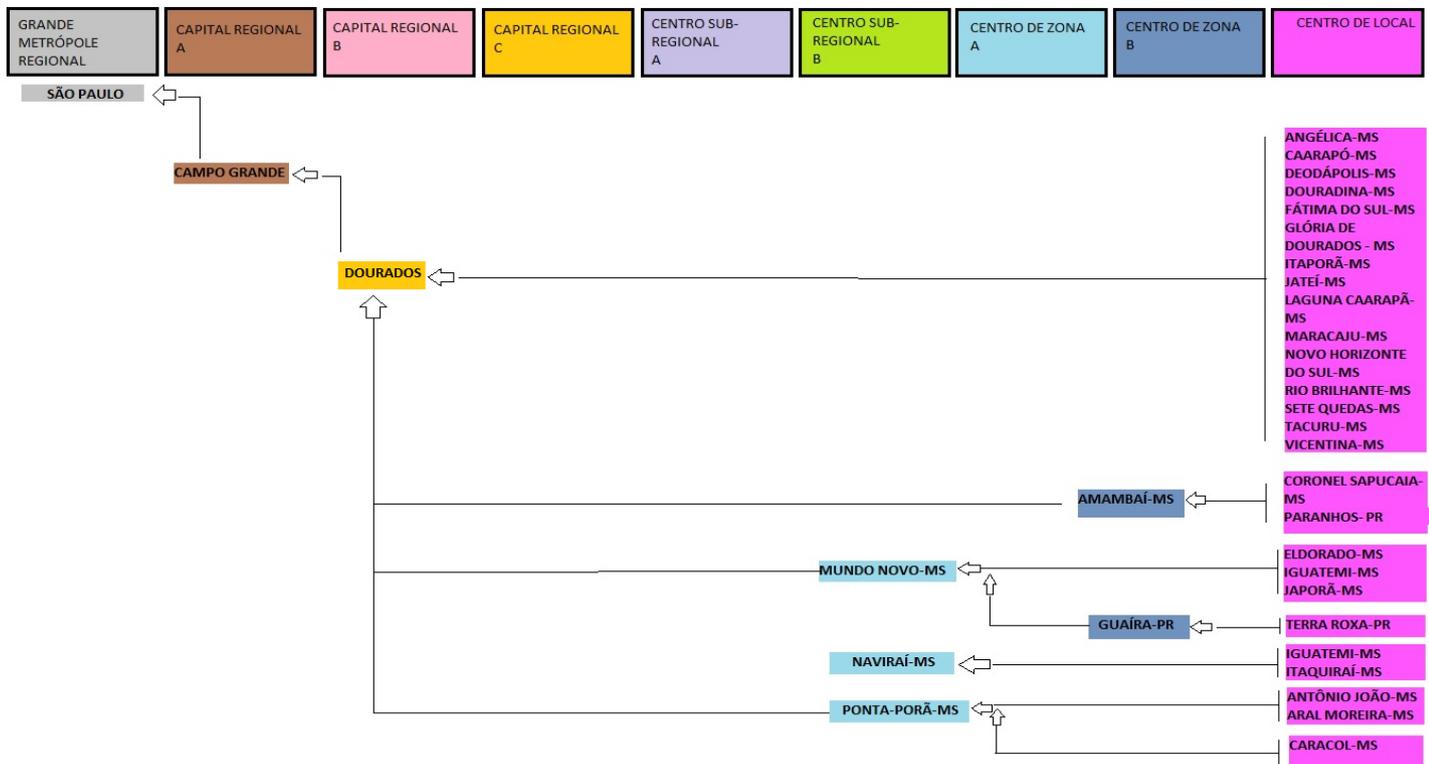
¹⁹ De acordo com estimativas da contagem populacional realizada em 2015, conta com 212.870 habitantes (CALIXTO, 2017)

Ainda segundo dados do IBGE/REGIC (2008), Dourados é considerada como Capital Regional C²⁰, polariza: Naviraí, Mundo Novo e Ponta Porã (classificados como centros de zona A); Guaíra/PR, Bela Vista e Amambai (centros de zona B), bem como seus respectivos centros de influência, os chamados centros locais (Figura 5). Congregando desta forma, 33 centros na sua área de influência (21 de forma direta e, por meio destes mais 12), estabelecendo relações com o estado do Paraná (Guaíra e Terra Roxa) e reforçando sua centralidade na rede urbana regional (CALIXTO, 2017).

²⁰ O estudo da Regic (Região e Influência de Cidades) definiu a estrutura e hierarquia da rede urbana brasileira, classificando as cidades em cinco níveis, e suas subdivisões. Metrôpoles, sendo cidades que têm forte poder de influência sobre uma escala maior de cidades, além e suas fronteiras estaduais. No Brasil são reconhecidas doze metrôpoles, divididas em subníveis: A) Grande Metrôpole Nacional, tendo a cidade de São Paulo, como a única deste nível. B) Metrôpole Nacional, tendo Rio de Janeiro e Brasília. C) Metrôpole, sendo as nove restantes, Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre. Esta incluída também na hierarquia das cidades, as Capitais Regionais, neste nível encontra-se 70 cidades em que a escala de influência restringe-se em somente no âmbito regional e estadual. Esse nível também possui três subdivisões: A) Capital Regional A: nível constituído por 11 cidades brasileiras, com uma população média de 955 mil habitantes. B) Capital Regional B: Constituído por 20 cidades, com média de população entre 435 mil habitantes. C) Capital Regional C: Nível composto por 39 cidades, com uma média populacional de 250 mil habitantes. O terceiro nível de cidades são os Centros sub-regionais, composto por 164 cidades, tendo escala de influência regional, normalmente em municípios vizinhos. Subdivido em Centros sub-regionais A, com média de 95 mil habitantes, tendo em torno de 85 cidades no país, e Centros sub-regionais B, constituído 79 cidades, com população entre 70 mil habitantes. O quarto nível seria os Centros de Zona, é um nível local composto por 556 cidades brasileiras de pequeno porte, com poderes de influência bem restritos aos municípios próximos, divididos também entre A e B, o primeiro formado por 192 cidades, com médias populacionais entre 45 mil habitantes, o segundo por 364 cidades, com população entre 23 mil habitantes. O quinto e último nível é o Centro Local, formado pelas demais cidades, cerca de 4470 cidades, com poderes de influência que não extrapola seus limites municipais, com populações sempre abaixo de 10 mil habitantes. (Regic 2008). Ainda com base nos dados do IBGE/REGIC 2008, Dourados é designada como capital regional C. Uma Capital Regional são centros que, como as metrôpoles, também se relacionam com o estrato superior da rede urbana. No entanto sua capacidade de gestão é bem notavelmente inferior ao das metrôpoles, têm área de influência de âmbito regional. A Capital Regional C, são cidades com medianas entre 250 mil habitantes, no Brasil são 39, com 162 relacionamentos. (IBGE/REGIC, 2008) demonstra a sua importância para seu entorno centralizando, desse modo, fluxos espaciais de várias cidades ao seu redor, centros de zona A, zona B e centros locais, cidades nos mais baixos níveis da hierarquia urbana, em que não passam de 10 mil habitantes, com mediana entre 8 mil. Para o IBGE/REGIC, Mato Grosso do Sul possui duas redes urbanas de grande importância, a primeira e de mais destaque comandada pela capital Campo Grande. A segunda é o conjunto de centros urbanos integrados por Dourados.

FIGURA 05

MATO GROSSO DO SUL - REDE URBANA DE DOURADOS (2008)



Fonte: IBGE – Organizado pelo autor

Ainda segundo (Calixto, 2017), ao considerarmos o contingente populacional²¹ de centros do estado de Mato Grosso do Sul ligados à sua rede urbana, de acordo com o censo (IBGE, 2010), podemos observar mais um elemento que possibilita mensurar o seu papel regional, pois reúne cerca de 740 mil habitantes – ver Tabela 01.

²¹ Podemos destacar, os pares apresentados por (Sposito, 2009) em que o par da articulação entre “concentração e dispersão”, (ou densidade e extensão) se expressa nesta abordagem. Ou seja, a autora salienta que nem toda rede urbana e a definição dos papéis urbanos se estabelece, apenas pelo princípio da concentração. Todavia, mesmo que em áreas de baixa densidade demográfica como o caso de Dourados frente a outras realidades, o tamanho da extensão é combinado com da sua densidade, porque não se estabelece um padrão ou um patamar de densidade ocupacional ao qual deveriam chegar todos os territórios e todas as ocupações. Há, portanto, um movimento de concentração aqui, e um de dispersão acolá. (SPOSITO, 2009, p.23).

TABELA 01
DOURADOS/MS. CENTROS DA REDE URBANA. CONTINGENTE
POPULACIONAL. 1940-2010.

Cidade	População Urbana							
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Amambai	-	1.770	2.601	4.430	22.975	15.279	18.838	22.375
Angélica	-	-	-	-	4.228	5.683	5.692	7.691
Antônio João	-	-	-	1.356	3.116	5.173	6.297	6.828
Aral Moreira	-	-	-	-	1.936	2.949	3.271	5.357
Bela Vista	5.639	6.090	S/I**	10.546	10.232	15.093	18.023	18.927
Caarapó	-	-	1.793	2.849	9.297	12.848	14.656	18.309
Caracol	-	-	-	568	887	1.892	2.760	3.238
Coronel Sapucaia	-	-	-	-	-	5.787	9.472	10.208
Deodápolis	-	-	-	-	3.306	5.333	8.436	10.047
Douradina	-	-	-	-	-	1.994	2.703	3.286
Dourados	1.821	3.042	10.757	25.977	65.803	117.007	149.928	181.005
Eldorado	-	-	-	-	5.822	6.756	8.318	9.348
Fátima do Sul	-	-	-	7.212	10.512	14.597	16.280	16.967
Glória de Dourados	-	-	-	4.494	6.459	7.715	7.208	7.670
Iguatemi	-	-	-	625	4.390	6.997	9.259	11.006
Itaporã	-	-	2.422	4.043	5.113	7.778	11.731	13.290
Itaquiraí	-	-	-	-	-	5.285	6.281	7.600
Ivinhema	-	-	-	2.268	6.653	13.180	15.088	17.274
Japorã	-	-	-	-	-	-	1.205	1.400

Jateí	-	-	-	580	921	1.347	1.303	1.871
Juti	-	-	-	-	-	3.074	3.365	3.925
Laguna Carapã	-	-	-	-	-	-	2.200	2.737
Maracaju	1.011	1.308	1.848	3.366	8.278	16.728	21.190	32.224
Mundo Novo	-	-	-	-	13.821	14.556	13.612	15.271
Naviraí	-	-	-	7.657	15.272	25.192	32.662	42.855
Nova Alvorada do Sul	-	-	-	-	-	-	6.682	12.286
Novo Horizonte do Sul	-	-	-	-	-	-	2.326	2.660
Paranhos	-	-	-	-	-	5.793	5.795	6.263
Ponta Porã	4.480	5.152	9.610	12.668	22.163	43.266	54.383	62.067
Rio Brilhante*	1.388	985	876	3.546	5.461	10.605	16.677	24.557
Sete Quedas	-	-	-	-	-	8.532	8.999	8.974
Tacuru	-	-	-	-	-	3.338	4.380	3.767
Vicentina	-	-	-	-	-	2.588	3.544	4.243
Total								595.526

* Em 1940, Rio Brilhante foi elevado à categoria de vila, quando ainda era denominado Entre Rios.

** Sem Informação.

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 1940 - 2010).

Org.: Maria José Martinelli S Calixto (2011). Extraído de: Calixto, 2017.

Partindo do pressuposto que as cidades médias precisam ser analisadas na sua relação com a rede urbana, (Corrêa, 2010), nos aponta que a rede urbana pode ser entendida, como um conjunto de centros que se articulam por meio de relações de diferentes naturezas, materiais e/ou imateriais, permitindo e assegurando a circulação de informações, fluxos de pessoas, capital, bens, serviços etc.

Vale ressaltar que, sendo meio em que a produção, circulação e consumo se realizam efetivamente, a rede urbana vincula-se à crescente rede de comunicações,

contribuindo para o cenário de economia global atual²². É considerada por Corrêa, e outros autores, como condição para a divisão territorial do trabalho. Corrêa (2006) ressalta:

É à primeira vista através das funções articuladas de suas cidades comércio atacadista e varejista, indústrias e serviços de transporte, armazenagem, contabilidade, educação, saúde etc. – que a rede urbana é uma condição para a divisão territorial do trabalho. (2006, p.26).

Segundo o mesmo autor, a rede torna viável a articulação a circulação e consumo, tornando o mundo de hoje integrado.

A rede urbana atual é um reflexo das características dos contextos políticos, econômicos e socioculturais do seu território. Nesse contexto de reestruturação da rede urbana, cabe reconhecer, portanto, os novos papéis desempenhados pelas cidades e suas respectivas regiões, assim como importa identificar as novas funções urbanas e as novas interações espaciais que delas derivam, particularmente, as relações cidade-região e as relações interurbanas. Essas mudanças determinam os novos modos de inserção das cidades na rede urbana, porquanto alteram os seus aspectos estruturais, a saber: os dimensionais, os funcionais e os espaciais (NASCIMENTO, 2014).

A rede urbana de Dourados se reconfigurou por meio, dos projetos implementados, via políticas públicas, do comércio diversificado em nível regional, e pela sua prestação de serviços. A região foi maleável à expansão de um meio técnico-científico-informacional, caracterizado pela implantação de objetos técnicos, escolas de cursos de capacitação, universidades, entre outros, ligados normalmente aos interesses da produção agrícola.

Destaca-se pela prestação de serviços, rede de comunicação e oferta de empregos pelos setores indústrias e do comércio, cujo conjunto caracteriza a configuração territorial de um dado lugar, baseada em trocas e interações no âmbito

²² A rede urbana brasileira, até a década de 1970, caracterizava-se, de acordo com Corrêa (2001, p.360), por uma relativamente pequena complexidade funcional dos seus centros urbanos, por um pequeno grau de articulação entre estes referidos centros, com interações espaciais predominantemente regionais e pela existência de padrões espaciais simples. Corrêa (2001, p.428) ressalta que, a partir desse período, as modificações que sobre tudo vão caracterizar a rede urbana brasileira são a continuidade da criação de novos núcleos urbanos, a crescente complexidade funcional dos centros urbanos, a mais intensa articulação entre centros e regiões, a complexidade dos padrões espaciais da rede e as novas formas de urbanização.

regional. Tais fixos auxiliaram no desenvolvimento das atividades econômicas, com destaque para a modernização agropecuária, para a expansão de um complexo agroindustrial processador de grãos e de carnes e para a ampliação e diversificação das atividades terciárias, especialmente, comércio atacadista/varejista, e, por conseguinte, possibilitaram o incremento e a diversificação e fluxo de pessoal, matéria, capital e informação. Essas relações de trocas intensificam a articulação no interior da rede urbana.

Assim, considerando a realidade de Dourados Calixto (2017) nos coloca que se constitui como um centro ligado ao comércio e serviços especializados.

Por sua vez, Sposito (2007) assegura que uma cidade média, conforme já dito, se caracteriza de acordo com sua posição geográfica e de proximidade com os demais centros, facilitando desenvolver o papel político-administrativo, principalmente ligado ao tempo de deslocamento necessário.

A importância de uma cidade média tinha, e ainda tem, relação direta com a área sobre a qual ela é capaz de exercer influência ou, em outras palavras, a área a partir a qual alguém está disposto a se deslocar até uma cidade média para nela ter acesso ao consumo de bens e serviço. (2007, p. 37).

O papel de Dourados como cidade média vai sendo delineado, então, por diversos agentes socioeconômicos que se apropriam do espaço para a reprodução de novas formas de produção, consumo, e de outras necessidades sociais, no caso de atendimento médico, de formação acadêmica, ou até mesmo de lazer.

Há necessidades de um determinado nível de densidade de consumidores para que uma localidade seja objeto de interesse de capitais que se desconcentram espacialmente e se expandem territorialmente, razão pela qual se reforçou o papel das cidades médias como espaços de consumos e regionais. (SPOSITO, 2007, p. 44).

São várias as interações espaciais e as relações estabelecidas por Dourados com as cidades que estão em seu raio de influência. Ocorrem por meio do consumo de bens e serviços, desde o atendimento médico-hospitalar público e privado; educação nível fundamental e nível superior público e privado; comércio atacadista, (de alimentos, produtos agrícolas, peças automotivas etc.) e comércio varejista de vestuário, calçadista e alimentício, destacando-se também os trabalhadores que se deslocam diariamente de suas cidades, para trabalhar, principalmente nas usinas, frigoríficos ou comércio de Dourados.

Esses elementos reforçam e consolidam o papel dessa cidade na rede urbana regional. Tendo em vista que há várias possibilidades de análise, torna-se necessário um recorte analítico. Assim, neste trabalho será discutido, posteriormente, papel do comércio atacadista alimentício, por meio do estudo dos supermercados.

Ao considerarmos a condição de centralidade de Dourados e, por consequência, de cidade média, devemos tentar compreender os determinantes envolvidos no processo de reconfiguração de seu papel.²³ Nessa perspectiva destaca-se a presença do Shopping Avenida Center²⁴, concentrando fluxos de pessoas e investimentos e representando novas formas de apropriação do espaço urbano.

No cenário regional, Dourados também se destaca como principal centro de atração de investimentos financeiros, com 12 financeiras, 16 agências bancárias e 44 postos de atendimento, atendendo principalmente as atividades ligadas a agricultura, que organizam o setor terciário na prestação de serviços (SILVA, 2011).

A cidade próxima ao campo modernizado tem a tarefa de oferecer informação imediata e próxima a uma atividade agrícola [...] O entorno da cidade influencia no fazer habitual das instituições. (SANTOS e SILVEIRA, 2004, p.282)

Também destaca-se a presença de empresas multinacionais, como: Cargil, Bunge Alimentos, Syngenta. Empresas estas todas voltadas à produção agrícola e pecuária. Calixto, ao mencionar as concessionárias de máquinas agrícolas que dão suporte a produção, ressalta a

...significativa presença de concessionárias e revendedoras de máquinas, tratores e implemento agrícolas – dentre as quais se destacam: Matra Tratores, Tratornan, Comid,, Shark/Valtra Tratores e Peças, Comatral Equipamentos Agrícolas, Agricase, Impeças, etc. (2017, p. 83)

Ao destacar o papel do comércio, Pereira (2005), aponta que:

Os últimos dados disponíveis sobre a arrecadação de ICMS no município de Dourados apresentam a seguinte distribuição: 41,9% comércio, 7,9% indústria, 0,8% serviços, 38,9% agricultura, 7,3% pecuária e 2,9% eventuais. A expressão da arrecadação do comércio é até mesmo superior à da agricultura e da pecuária, ramos tradicionais e expressivos na economia do município. (2005, p.136).

²³ Um fato importante para esta condição, já mencionada é a sua posição geográfica, colocando-a em proximidade com a fronteira seca entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). As relações que essa condição envolve, assegura uma especificidade que também interfere na reconfiguração da rede urbana.

²⁴ Para uma melhor contextualização sobre a instalação do Shopping Avenida Center em Dourados, indicamos a leitura de Romero (2010).

Podemos dizer, com base em Calixto (2017), que há uma relação de diversidade e complementaridade entre Dourados e seu entorno, pois o município é importante para as outras cidades, mas sem a presença dessas outras cidades, Dourados não asseguraria sua condição de centralidade regional. Como salienta a referida autora:

Dourados atende a necessidade da oferta de equipamentos e serviços, o que reforça a sua centralidade na rede urbana regional e fortalece a relação marcada por diversidade e complementaridade entre esse centro e os demais centros da sua rede urbana, pois, ao mesmo tempo em que se mantém numa posição diferenciada dos outros, necessita da demanda deles para que sua condição seja assegurada. (CALIXTO, 2017, p.65)

Portanto, Dourados dinamiza-se, capitalizando recursos dos centros vizinhos, concentrando atividades, sobretudo aquelas ligadas ao consumo de bens e serviços, consolidando o papel de destaque no contexto regional enquanto prestadora de serviços a este mercado consumidor. Calixto destaca:

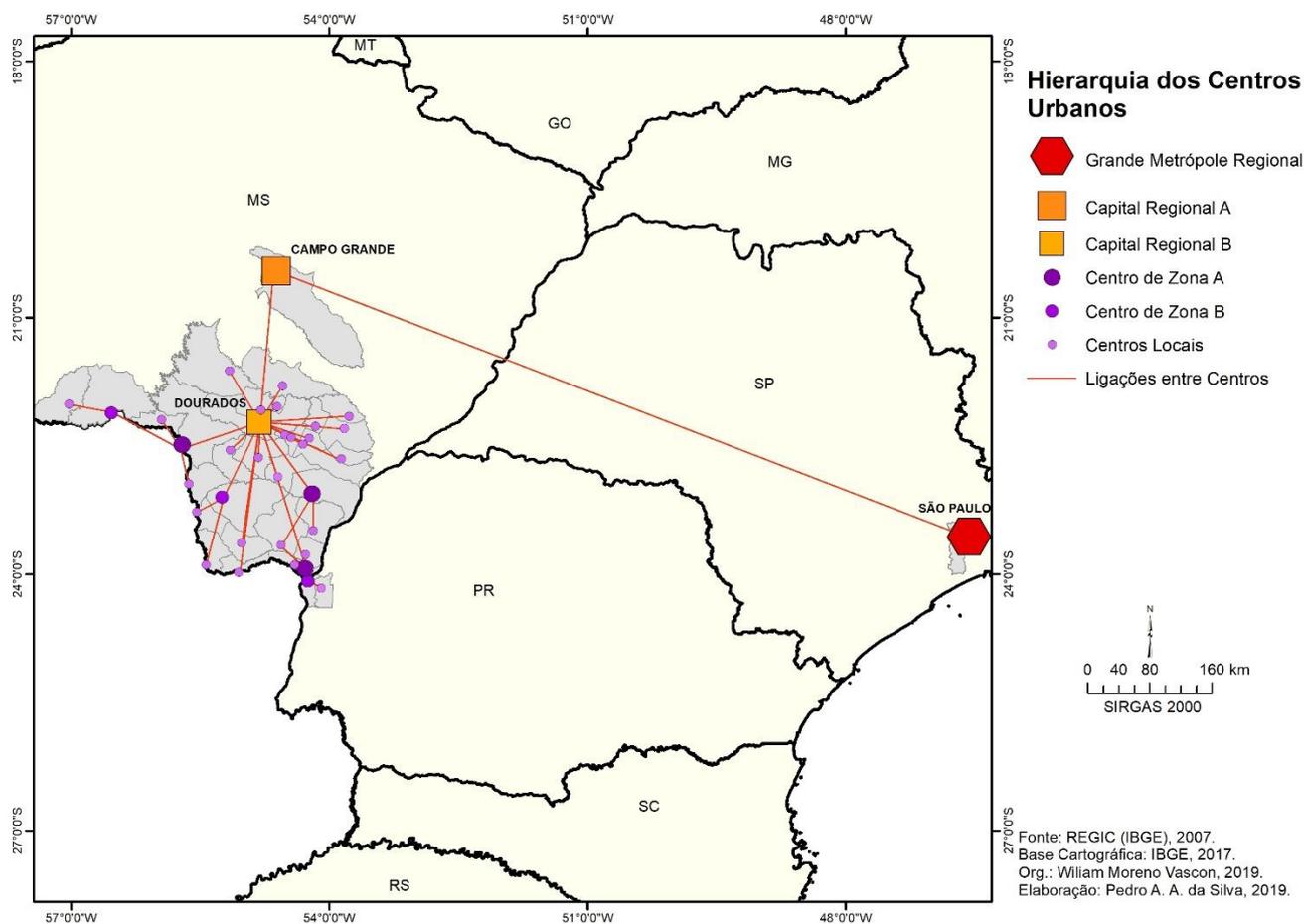
Além de estar articulado e responder a ações e determinações de escalas mais amplas (associadas a circuitos produtivos mais abrangentes), vale destacar que dentre os serviços especializados ofertados por Dourados destacam-se os ligados à educação superior e à saúde, haja vista que Dourados conta com cinco hospitais e clínicas especializadas e uma quanta considerável de cursos superiores, distribuídos em cinco instituições de ensino presencial duas públicas e três privadas: uma universidade federal, uma estadual duas instituições particulares e uma Faculdade Teológica, ligada ao Seminário Batista. (CALIXTO, 2013, p.3).

A **Figura 06** nos dá um demonstrativo das interações estabelecidas a partir de Dourados. SPOSITO enfatiza que:

A importância de uma cidade média tinha, e ainda tem, relação direta com a área sobre a qual ela é capaz de exercer influência ou, em outras palavras, a área a partir a qual alguém está disposto a se deslocar até uma cidade média para nela ter acesso ao consumo de bens e serviço. (2007, p. 37).

FIGURA 06

MAPA DA REDE URBANA DE DOURADOS (REGIC – 2008)



A cada interação socioespacial, a rede urbana se reconfigura, sendo para Corrêa (1989), resultado e condição da divisão territorial do trabalho, geradora de especializações produtivas distintas.

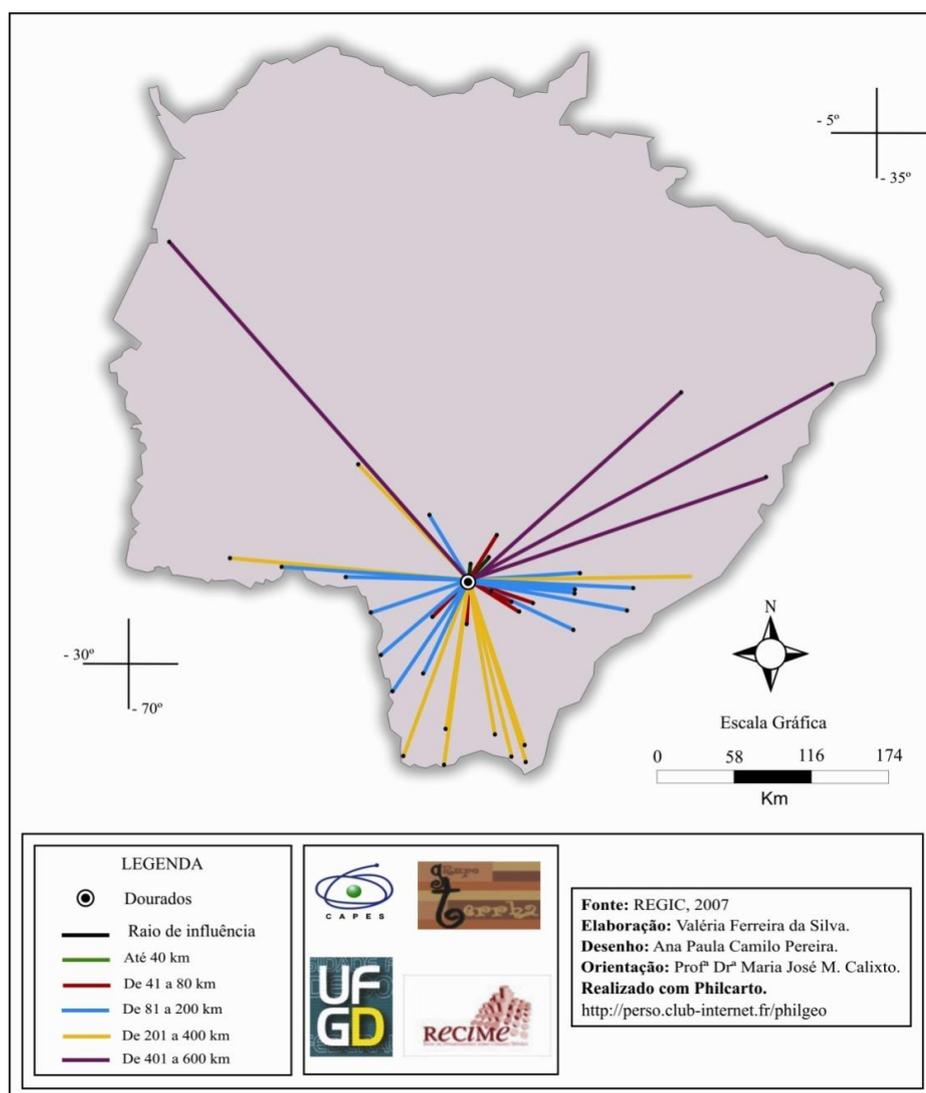
Para Souza (2009), os fluxos estabelecidos a partir de uma rede se efetivam por meio de relações de exploração econômica e de poder. Então, por ser produto de um processo de construção social, a rede expressa o fluxo e o movimento das relações/articulações que a produzem.

No contexto, atual, Dourados consolida-se como capital regional, funcionando como centro de convergência das principais vias rodoviárias. Essa dinâmica intensifica os fluxos comerciais e de serviços, potencializando sua condição de centralidade no âmbito da rede urbana, estreitando a relação entre diversidade e complementaridade (CALIXTO, 2017, p.62)

No período de 2001 a 2007, também segundo o IBGE/REGIC (2008), Dourados amplia a sua área de influência, sobretudo num raio de mais de 200 km (e,

especialmente, em direção à porção sul e sudeste do estado) – ver **Figura 05**-. Ou seja, nesse período, a centralidade de Dourados tornou-se mais abrangente, haja vista a ampliação das escalas geográficas. (CALIXTO, 2017)

FIGURA 07
MATO GROSSO DO SUL – MAPA DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DE DOURADOS
(2008)



Fonte: Silva (2011).

Atualmente, Dourados possui uma boa logística, sendo servido pela BR-163, a chamada “espinha dorsal” do Brasil. É o centro de uma região onde encontram-se em funcionamento 14 usinas de álcool e açúcar. Assim, consolida-se como importante centro regional, principalmente para a porção sul do estado.

Ainda para SPOSITO.

Há necessidades de um determinado nível de densidade de consumidores para que uma localidade seja objeto de interesse de capitais que se desconcentram espacialmente e se expandem territorialmente, razão pela qual se reforçou o papel das cidades médias como espaços de consumos e regionais. (2007, p. 44).

Assim, Dourados consolida-se como uma cidade média, em razão das relações que estabelece em seu entorno, da influência que exerce regionalmente, dos serviços oferecidos, da dinâmica econômica que desenvolve, bem como da importância do seu papel estratégico de centro gestor regional no estado de Mato Grosso do Sul.

As cidades médias têm como papel o suprimento imediato e próximo da informação requerida pelas atividades agrícolas. Em muitos casos a atividade urbana acaba sendo claramente especializada, graças às suas relações próximas e necessárias com a produção regional. (SANTOS e SILVEIRA, 2004, p.281)

Como percebemos, as cidades médias se destacam no contexto regional, como centros de serviços e especialização, seja mão de obra, saúde, educação, lazer e oferta de empregos. O que vale a pena destacar é que o papel regional de Dourados tem relação direta com a sua área de influência. Sendo assim, analisar a cidade de Dourados nos permitiu observar esta relação de diversidade e complementaridade estabelecida. A cidade que exerce centralidade, se destaca como prestadora de serviços, construindo dessa forma, interações espaciais a partir de fluxos materiais e imateriais, vindo a assumir novos papéis e função no âmbito regional ou mesmo nacional e internacional.

No levantamento de dados e entrevistas até o momento realizadas, pudemos observar que a maior parte do comércio de atacado ofertado por Dourados, congrega usuários de diversas cidades do estado, com destaque para a demanda regional.

Assim, torna-se significativa a demanda, tanto de comerciantes, como de particulares. Os comerciantes da região buscam produtos mais diversificados, e com preços mais baixos, presentes apenas nas cidades de maior destaque no estado, no caso, Dourados e a capital, Campo Grande. Nesse sentido, constatamos o fluxo de pessoas de várias cidades para consumir nestes estabelecimentos, seja como consumidor final ou revendedor.

Portanto, o processo de construção da pesquisa, até o momento, nos permitiu verificar o papel desempenhado por Dourados no contexto regional, fornecendo

elementos para análise e reflexão sobre as cidades médias e buscando contribuir para sua compreensão. As relações entre Dourados (local onde os moradores das cidades menores buscam atividades mais especializadas de serviços e comércio), e seu entorno, é fundamental para entendermos sua condição de centralidade regional e seu papel de cidade média. (CALIXTO, 2017)

Nesse sentido, os centros urbanos que concentram a demanda, por intermédio de comércio e serviços, tendem também a concentrar fluxos de pessoas, bens, ideias, capital etc., assegurando e reforçando seus papéis urbanos e, conseqüentemente, sua condição regional.

Tratadas tais questões, em seguida, com base na bibliografia sobre o tema, faremos algumas considerações sobre os supermercados, com destaque para o segmento atacadista, visando melhor dimensionar algumas questões acerca de nosso objeto de análise.

CAPÍTULO III

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS SUPERMERCADOS E SEGMENTO ATACADISTA

Até então, apresentamos Dourados como uma cidade média que exerce sua centralidade por meio, dentre outros, da prestação de serviços. De acordo, com um referencial bibliográfico, com dados levantados e entrevistas realizadas, observamos que um dos serviços que movimenta deslocamentos diários tanto de pessoas como de capital é o setor dos supermercados atacadistas. É válido ressaltar que, embora Dourados seja referência regional em outros setores, os supermercados atacadistas tendem a reforçar o seu papel na rede urbana.

Nesse sentido, antes de analisarmos a centralidade interurbana a partir da análise dos fluxos, advindos do comércio atacadista - supermercados Assaí e Atacadão - acreditamos ser importante fazer algumas considerações sobre os supermercados no Brasil. Para tal, baseados em bibliografia consultada sobre a temática, abordaremos também os grupos e redes de supermercados que tem atuação em Dourados.

3.1. - O Supermercado no Brasil

Ainda que o início da atividade supermercadista tenha relação com o contexto estadunidense do início do século XX, no Brasil, é possível verificar uma consolidação do ramo supermercadista a partir em meados da década de 1970, sendo o topo da atividade representado por um conjunto de redes regionais de grande poderio econômico e presença ascendente nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste de um agente que já despontava em força concorrencial nas escalas nacional e até mesmo internacional no período, o Grupo Pão de Açúcar²⁵.

²⁵ A história deste grupo no Brasil será detalhada posteriormente neste capítulo.

Essa tática de crescimento por meio de fusões e aquisições incentivadas pelo I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) e financiadas com recursos públicos via BNDE, foi complementada na década de 1970 pelo surgimento de novos formatos supermercadistas (CYRILLO, 1987), promovendo maior diversificação da atividade e permitindo a apropriação de novos mercados consumidores, instituindo formas comerciais com inserções e desdobramentos espaciais distintos daqueles originalmente operados desde a década de 1950.

Consideramos que a continuidade na instalação de hipermercados em porções periféricas, expressa o sucesso da relação entre tal tipo de lojas e escolhas locacionais deste tipo, apoiando a ideia de que tal forma comercial possui, por si só, um grande poder de reordenamento dos fluxos realizados com intenção consumista, incentivando o deslocamento do consumidor para porções mais distantes dos centros principais das cidades e dos bairros de moradia, que tinham suas principais vias como redutos concentradores dos estabelecimentos do ramo. (GOMES, 2017, p.77)

Para a explicação das circunstâncias que marcaram o surgimento e a evolução dos supermercados brasileiros, faz-se necessária a compreensão da conjuntura socioeconômica e dos demais impulsionadores que ora fomentaram, ora restringiram, mas que sempre direcionaram sua difusão. Em linhas gerais, a atividade supermercadista brasileira pode ser dividida em cinco etapas, conforme elenca Sesso Filho (2003), que são:

- 1) - 1953 – 1965. Introdução dos supermercados no Brasil;
- 2) - 1965 – 1974. Rápida expansão do setor supermercadista;
- 3) - 1975 – 1985. Desaceleração do crescimento;
- 4) - 1986 – 1994. Adaptação à crise econômica;
- 5) - 1995 – Atual. Modernização do setor supermercadista.

Concordamos com a proposta de Sesso Filho (2003) no que tange as características dominantes e da atividade supermercadista brasileira ao longo de sua história, bem como os cinco períodos em que sua divisão foi procedida, até o ano de publicação de sua obra, entretanto, temos algumas ressalvas quanto aos anos escolhidos pelo mesmo como limites iniciais e finais de cada fase. Consideramos que os processos apontados por autores como Stilman (1962), Knoke (1963), Pintaudi

(1981) e Cyrillo (1987) são mais representativos dos balizamentos iniciais e finais de cada uma delas.

Como nosso objetivo não é analisar de maneira destacada cada etapa, mas sim o período recente no Brasil, entendemos que é válido avaliar com mais profundidade o período pós meados da década de 1990, no qual se deram grande parte das ocorrências fundamentais para a compreensão da atividade supermercadista brasileira das décadas de 2000 e 2010, sendo os demais momentos históricos, apresentados de modo sintético. Como requisito à instalação dos supermercados, é necessária a adoção do autosserviço, modelo este experimentado no comércio de produtos alimentícios pela primeira vez no Brasil no ano de 1947, por uma empresa de capital estadunidense chamada Frigorífico Wilson (MARCOVICH, 2005, p. 129).

Inspirados nas lojas estadunidenses de então, os primeiros supermercados brasileiros eram lojas muito diferentes que os iniciais "cheappies" estadunidenses, focando, no caso da cidade de São Paulo (SP), em consumidores de maior rendimento e/ou moradores de suas áreas centrais (PINTAUDI, 1981).

Ainda que vendas por telefone e por meio do crédito não fossem realizadas, para atendê-los, tais lojas se distinguiam com prestação de serviços adicionais, como a entrega das mercadorias até o carro ou em domicílio próximo, além de uma maior elaboração visual e valorização da qualidade no atendimento, bem como se instalando em localidades mais próximas dos consumidores.

Stilman (1962) levantou as características de todos os 20 supermercados da cidade de São Paulo (SP) em 1962, sendo que quase a metade deles pertencia a uma única rede, a Sirva-se. Quanto à relação com a clientela, destaca-se que esses supermercados tinham pouco interesse em realizar propaganda, funcionavam majoritariamente de segunda a sábado, das 8:00 às 22:00 e atendiam majoritariamente mulheres. Sua clientela variava de acordo com o horário, dia da semana, períodos do mês (STILMAN, 1962).

A sua inserção na cidade seguia alguns preceitos, privilegiando primeiramente áreas centrais e logo em seguida, distritos de atividades comerciais consolidadas e densidade demográfica elevada, ainda que de forma marginal analisassem as

possibilidades de crescimento futuro das porções próximas ao ponto escolhido, caracterizando uma prática de antecipação espacial (CORREA, 2007, p.70), ou junto a populações de maior rendimento e se preocupando em instalar as unidades em vias de intenso tráfego e fácil locomoção/estacionamento (STILMAN, 1962; PINTAUDI, 1981).

A ideia de que as lógicas locacionais dos primeiros supermercados brasileiros se vinculavam a existência de altos níveis de densidade demográfica e rendimento é apontada pelos trabalhos de Cyrillo (1987) e Pintaui (1981; 1984). Além disso, a obra de Knoke (1963) complementa tais informações ao afirmar que os supermercados comercializavam a preços comumente superior ao das feiras livres, ligando-se preferencialmente aos estratos de alto rendimento e à classe média, esta última, que se encontrava em crescimento no período.

Tendo em vista seu amplo portfólio de produtos, os supermercados tiveram de lidar em seus anos iniciais com a concorrência de várias modalidades tradicionais de abastecimento presentes na economia brasileira, como lojas especializadas (quitandas, açougues, peixarias, padarias, lojas de vestuário), lojas não especializadas (mercearias e armazéns), além dos mercados municipais divididos em pequenas bancas e das feiras livres (STILMAN, 1962). Dentre estes, as feiras livres eram as mais importantes e se caracterizavam pelo caráter temporário, de instalações simplórias e com foco em qualidade e variedade de itens, sobre os quais têm uma rotação praticamente diária dos estoques. Dentre os 20 supermercados analisados no trabalho de Stilman (1962), 13 deles (65%) responderam que elas influenciavam nas vendas, em alguns casos muito ou muitíssimo. Uma vez que praticamente não enfrentam custos fixos, as feiras livres se conformavam como um meio de distribuição acessível, sobretudo, às camadas de menor rendimento da população.

Como a feira vende seus produtos nas ruas, não paga aluguel, luz, água, gás e outras despesas usualmente associadas com a operação de uma loja de varejo, permitindo, assim, o desenvolvimento de um sistema barato de distribuição de alimentos. [...] é um meio de distribuição de custo relativamente baixo. (KNOKE, 1963, p. 95).

Além disso, lembramos que os primeiros supermercados brasileiros pouco se beneficiavam das economias de escala, visto que, conforme Pintaui (1981, p. 89) nesta primeira fase de implantação a atividade não interessou aos grandes capitais, e ao contrário das primeiras lojas dos Estados Unidos, seu modo de operação, com

visual mais elaborado, maior prestação de serviços e a uma localização mais próxima do mercado consumidor, não permitia a obtenção de economias suficientes para uma busca pelo aumento da rotação dos estoques a partir do enfrentamento concorrencial no critério preço. É de se considerar, inclusive, que as populações de mais alta renda foram consideradas as mais propensas para receber os supermercados nos moldes do modelo inicialmente trazido ao país, justamente por serem aquelas que poderiam acolher melhor o serviço e suas mercadorias, aceitando com mais rapidez este formato que, em virtude de suas características não se destacava no quesito preço. Sobre esta questão, Pintaudi argumenta que:

O fato é que um supermercado, um hipermercado, um centro de compras, são estabelecimentos implantados justamente onde se espera uma renovação constante nos estoques, porque as mercadorias aí se realizariam mais rapidamente. E para tanto, a existência de um mercado consumidor é fundamental. (1981, p. 104)

Como apontamos em Gomes (2017, p. 46), desse modo, compreende-se a ligação inicial dos supermercados com os estratos de maior rendimento da população, que absorvia o maior preço dos produtos em troca de determinadas comodidades. Com isso, restava aos supermercados, a atração ao público consumidor a partir de outras frentes de atratividade, como maior qualidade e variedade dos produtos além de um maior conforto nas lojas, com a oportunidade de encontrar vários itens em um mesmo lugar.

Tendo em vista o ineditismo do autosserviço no Brasil, a atividade supermercadista requereu uma adaptação frente a sua forma de comercialização por parte do consumidor, tal como em relação às diferentes formas de acondicionamento, medidas fixas das embalagens, bem como pela necessidade de busca e leitura das informações dos itens a venda, diferenciando-se do atendimento por balcão. Enquanto a aceitação dos supermercados era pequena, parte das inovações do formato supermercadista foi rejeitada ou aceita apenas lentamente pela clientela, o que lhes conferiu mais desvantagens em relação às feiras livres, sobretudo em determinadas linhas de produto in natura. ação (BRASIL, 1971).

Segundo Gomes (2017) a modernização da comercialização sugerida incluía todo o sistema de distribuição dos produtos, visando a criação de estruturas de transportes, concessão de crédito para estruturas de estocagem até o fomento das

redes supermercadistas e demais operações comerciais do autosserviço. Conforme consta no plano do I PND:

Modernizar as estruturas de comercialização e distribuição de produtos agrícolas, mediante: criação de estruturas especializadas de Transportes ("Corredores de Transportes"), associadas à modernização dos principais portos; programas de crédito aos produtores rurais, para ampliar a capacidade de estocagem a nível de fazenda, bem como ao setor privado, para expandir a armazenagem intermediária, instalação do sistema nacional de Centrais de Abastecimento, e, nos principais centros urbanos, redes de supermercados e outros sistemas de auto-serviço. (BRASIL, 1971,).

Apesar de explicitar a busca pelo fomento da atividade supermercadista, o fato de o I PND ter a promoção de fusões e incorporações como algumas de suas diretrizes, evidencia a preferência delegada às empresas de maior porte e à centralização de capitais. Conforme Cyrillo (1987), os empréstimos, que eram concedidos ao ramo supermercadista pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), foram restritos a empresas já de grande porte no período, visto a existência de uma série de requisitos para seus tomadores, como de tamanho da empresa, faturamento mínimo, bem como garantias ofertadas. Assim, foram poucos os grupos que deles se beneficiaram, aos quais, foi possibilitada a execução de planos de crescimento, inclusive inorgânico, acentuando a concentração econômica no varejo da época.

No período de 1968 a 1973 o Brasil viveu um período chamado de "milagre econômico", ao mesmo tempo em que se observou o endurecimento do regime de exceção. Nesse recorte temporal o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu em média 11% ao ano com taxas de inflação declinantes e relativamente baixas para o padrão brasileiro de então, bem como por superávits no balanço de pagamentos (VELOSO, VILELLA, GIAMBIAGI, 2008, p. 224).

São variadas as interpretações encontradas na literatura para seus determinantes, tanto quanto para a derrocada daquele modelo desenvolvimentista. Segundo os autores acima, os determinantes econômicos para esse período de aceleração do crescimento econômico podem ser divididos em três grupos não mutuamente excludentes: a) a política econômica do período 1968-1973, com destaque para as políticas monetária e creditícia expansionistas e os incentivos às exportações; b) o ambiente externo favorável, devido à grande expansão da economia internacional, melhoria dos termos de troca e crédito externo farto e barato; c) as

reformas institucionais, em particular as reformas fiscais/tributárias e financeira, que teriam criado as condições para a aceleração subsequente do crescimento (VELOSO, VILELLA, GIAMBIAGI, 2008, p. 228).

Este período de crescimento econômico promoveu, conforme Cyrillo (1987, p. 38), três processos importantes para a atividade supermercadista:

1) a rápida expansão do número de supermercados;

2) o aumento de empresas desta categoria e;

3) a ampliação da escala daquelas já operantes, com forte ênfase ao processo de expansão das redes intragrupo das empresas mais bem estruturadas do setor, tanto por meio de crescimento orgânico, quanto inorgânico, com as ações de centralização de capitais.

Como relatado, a principal empresa beneficiária em termos de crescimento neste período foi o Grupo Pão de Açúcar, que praticamente triplicou seu número de lojas entre 1972 e 1978, passando de 79 para 236 unidades (COSTA, 2003, p.8), sendo o principal símbolo deste período.

Em seu processo de crescimento se destacam as incorporações de outras redes do ramo, por meio das quais a empresa entrou em novos mercados longínquos, inclusive em outras regiões fora o Sudeste, no qual concentrava grande parte de suas operações, com isso rompendo o acordo tácito relativo aos mercados regionais (CYRILLO, 1987, p. 94), produzindo uma rede intragrupo de extensão e complexidade sem precedentes para a atividade supermercadista brasileira, lembrando, com apoio de recursos públicos.

Enquanto isso, no Brasil, foi apenas em meados da década de 1980 que as grandes redes começaram a implantar, ainda de maneira bastante incipiente, instrumentos de tecnologia da informação e automação.

Neste sentido, é ilustrativo o caso verificado por Silva (2008, p. 163), para o Grupo Angeloni, no final da década de 1980, quando passou a adotar, ainda que em caráter experimental, o código de barras, além de outros sistemas de informática computadorizados, com vistas a melhorias no controle dos estoques, na reposição das mercadorias e na emissão de notas fiscais.

Este cenário nos permite afirmar que a atividade supermercadista brasileira da época estava bastante atrasada em termos tecnológicos se comparada ao que era conduzido no contexto estadunidense. Apesar da continuidade do crescimento do ramo supermercadista no início da década de 1980, feito por Cyrillo (1987), as indefinições quanto aos impactos das iniciativas governamentais de controle de preços sobre as formas tradicionais de obtenção dos ganhos inflacionários, lembrando a desatualização da atividade em relação às mais modernas técnicas em uso em outros países, se constituíram, no pós-meados desta década, como elementos problemáticos a suas operações.

Neste sentido, é necessário frisar que os dados de BNDES (1998), apontam uma importante retração para as vendas do segmento na transição para a década posterior, quando no ano de 1990 houve uma queda de cerca de 20% do faturamento em relação ao ano anterior.

Em meados da década de 1990 é necessário destacar que as motivações das mudanças da atividade supermercadista devem ser contextualizadas principalmente sob a luz de dois novos fatores, sendo o primeiro deles o início do Plano Real, de 1994 e que como resultados, conferiu um cenário de estabilidade econômica e controle inflacionário, e, o segundo, um acentuado processo de internacionalização tocado a partir de 1995 no qual destacaram-se alguns dos maiores grupos supermercadistas em âmbito mundial.

A partir de meados da década de 1990 segundo Gomes (2017, p. 66) uma importante ruptura se apresenta na reorganização da atividade e, conseqüentemente, de seu topo concorrencial: a entrada de um volume inédito de capitais estrangeiros que rapidamente assumiu a proeminência na promoção de mudanças diretas e indiretas no ramo, a chegada de outras redes internacionais de supermercados.

Já nos anos 2000 até atualidade, os supermercados mante-se consolidados e as grandes redes mantêm seu crescimento pujante, no qual o Grupo Pão de Açúcar e Carrefour ultrapassam o número de 100 filiais espalhadas pelo país, marcado pela situação de crescimento econômico do país, favorecendo na obtenção de crédito do BNDES, e também no maior poder de compra da população brasileira marcada pela constante expansão do consumo, principalmente da população de baixa renda. Haja vista que iniciado em 2003 o governo de Luís Inácio Lula da Silva e os seus

programas, resultam em um aumento de seu poder de compra, refletindo nos dados de consumo da população, aquecendo a economia.

Esses processos econômicos pelo qual a história dos supermercados passou forçaram as empresas a se deparar com a necessidade de se sobressair umas das outras, competição econômica característica do sistema atual.

Vale destacar que os supermercados são classificados pela Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS) utilizando-se de alguns critérios, como a áreas de vendas, números de check – outs, porcentagem de vendas de não alimento etc. O primeiro a destacarmos são aqueles estabelecimentos que observamos em nossos bairros residenciais, os chamados **supermercados compactos**, são estabelecimentos tradicionais geralmente instalados em bairros afastados do centro da cidade e administrados pela família do proprietário. São lojas com área entre 300-800m²; 5.000 itens divididos nas seções de mercearia, hortifrutis, carnes, aves, frios, laticínios e bazar.

Apesar de todas as inovações no sistema de auto-serviço este tipo de estabelecimento mantém o atendimento de balcão, pois a adequação para o sistema de pegue-pague exigiria a contratação de novos funcionários que aumentaria os custos e a venda não cresceria na mesma proporção. Nesse estabelecimento ainda mantém a “venda de confiança” através do uso das cadernetas, mais também se utiliza cheques e cartões de créditos para pagamentos, os “funcionários” são normalmente membros da família.

De acordo com essa classificação o **supermercado convencional** possui uma área de vendas entre 800 – 2500 m²; 5 % das vendas referentes a não alimentos; de 8- 20 check-outs; número médio de 10. 000 itens e seções de mercearia, hortifrutis, bazar, carnes, aves, peixaria, padaria, frio e laticínios. São supermercados que se adaptam a localidades e ao público no qual está inserido.

Assim, uma mesma rede pode ter lojas com características distintas conforme as exigências dos consumidores locais. A **super loja é um “super mercadão”** devido à grande área compreendida entre 2500-5000m². Porém, não é considerado um hipermercado pois o mix de produtos da seção bazar é restrito e não oferece eletrônicos, apenas os eletro portáteis e algumas categorias de produtos 4 têxteis, como cama, mesa e banho. Outros elementos são: os número de checkouts devem

estar entre 20-35; apresentarem 18.000 itens oferecidos ao consumidor; 10% das vendas referentes à não alimentos e seções de mercearia, hortifrutis, bazar com têxtil, carnes, aves, peixaria, padaria, frios, laticínios e eletro portáteis. São estabelecimentos localizados em bairros afastados proporcionando assim um grande posto de venda abastecedor

O **hipermercado** caracteriza-se por possuir grandes áreas e muita variedade. Sua área deve compreender 5.000-14.000m²; 35% das vendas referem-se a não alimentos; apresenta de 40-80 check-outs; 60.000 itens divididos nas seções de mercearia, hortifrutis, carnes, aves, padaria, frios, laticínios, têxtil e eletroeletrônicos.

Aqui vale referenciar que, de acordo com a classificação feita pela ABRAS, temos certa dificuldade em especificar os estabelecimentos de Dourados, pois tanto o Assaí como o Atacadão, apresentam algumas diferenças quando consideramos a classificação apresentada.

O Assaí, tem terreno o próprio de mais de 80 mil m² e possui 15 mil m² de área construída, sendo quase 6 mil m² de área de venda. Estão disponíveis para os consumidores 28 check-outs e mais de 400 vagas de estacionamento sendo 120 cobertas. Oferece em torno de 7 mil itens entre hortifrúti, mercearia, alimentos, embalagens, higiene, bebidas e limpeza.

Já o Atacadão possui mais de 20.000 m², 30 check-outs e amplo estacionamento com 408 vagas para carros, sendo que 154 delas são cobertas. O sortimento de itens reúne mais de 10.000 opções de produtos, com destaque para bebidas, cuidados pessoais, artigos de limpeza, frios e laticínios.

Ambos não apresentam fornecimento de linha de eletrodomésticos e vestuários, não se encaixando, portanto, na definição de hipermercados, ainda que seu tamanho e número de itens serem elevados para os níveis de um supermercado mais convencional. Por tais motivos, optamos por usar supermercados Assaí e Atacadão em Dourados.

3.2 – Considerações sobre o grupo Carrefour (Atacadão) e o Pão de Açúcar (Assaí)

O Grupo Carrefour foi fundado em 1959 por Marcel Fournier, Denis Defforey e Jacques Defforey em Annecy, França. Após onze anos realizou a abertura de capital para investidores e em 1973 iniciou suas operações estrangeiras, primeiramente na Espanha (MINADEO, CAMARGOS, 2009, p. 119). Em 2014 a empresa operava em 33 países, nos quais obteve um faturamento de US\$ 98,6 bilhões, garantindo a posição de segundo maior supermercadista e terceiro maior varejista mundial (DELOITTE, 2015). As operações da subsidiária brasileira (Carrefour Com. Ind. Ltda.) datam de 1975 (CARREFOUR, 2015), sendo o Brasil um dos primeiros países nos quais a empresa se lançou à internacionalização.

Suas operações brasileiras sediadas em São Paulo (SP) alcançaram em 2014 um faturamento de R\$ 37,9 bilhões, por meio de 258 lojas operadas por 75.115 funcionários (SUPERMERCADO MODERNO, 2015), com oito centros e sete plataformas de distribuição (CARREFOUR, 2018), colocando-o como maior empresa supermercadista no país e a segunda maior operação do grupo no mundo em termos de faturamento (RIBEIRO, 2015). O Grupo Carrefour vem a algumas décadas adotando uma ampla estratégia multiformato em sua estrutura intragrupo, tendo atualmente supermercados de vizinhança (Carrefour Bairro e Carrefour Express), hipermercados, com a bandeira Carrefour e atacados de autosserviço, como o Atacadão e a recém-lançada Supeco, que são complementadas por ações em outros ramos, como drogarias, postos de combustíveis, dentre outros.

Todas as unidades federativas, exceto o Amapá e Roraima, têm operações Carrefour. Das regiões brasileiras, o Sudeste possui a maior concentração de lojas (61,03%), seguido pelo Nordeste e pelo Centro-Oeste, com, respectivamente, 14,96% e 11,42%, enquanto no Sul e no Norte do país sua atuação é bastante reduzida. As operações do Grupo Carrefour no Brasil estão concentradas em cidades de grande população, pois todas aquelas com mais de 500.001 habitantes, com exceção de Duque de Caxias (RJ), inserida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e Joinville (SC), cujo estado tem apenas uma loja, bem como muitas daquelas entre 200.001 e 500.000 habitantes possuem seus estabelecimentos. Esta concentração é tamanha,

que os municípios de tais faixas populacionais contêm juntos, 226 (90,16%) das unidades sob sua condução. Além disso, alguns municípios possuem isoladamente uma grande quantidade de lojas, como a capital paulista, com 37 delas (14,56%), a capital mineira, com 20 (7,87%) e Brasília (DF), com 10 unidades (3,93%). Outros municípios com importantes concentrações de estabelecimentos comerciais são Campinas (SP) e Rio de Janeiro (RJ), com oito cada, e Manaus (AM), com sete, sendo o Carrefour, a única Empresa Supermercadora de Atuação Internacionalizada (ESAI) com grande atuação neste mercado. No total, o Carrefour opera em 22 capitais de unidades federativas, com 119 lojas (46,85% do total), não atuando apenas nas capitais estaduais Macapá (AP), Boa Vista (RR), Florianópolis (SC), Vitória (ES) e Palmas (TO).

Os dados do demonstram que o Grupo Carrefour seleciona principalmente centros urbanos de maior centralidade, como metrópoles e capitais regionais, que, sozinhas, concentram 70,1% de suas unidades comerciais. Abaixo desses níveis, são poucos os centros urbanos com estabelecimentos, apenas algumas capitais sub-regionais e um Centro de zona, Jundiaí (SP), que, apesar da baixa centralidade, possui quase 400.000 habitantes. Por último, ressaltamos que várias das cidades sem classificação própria que contam com unidades da empresa fazem parte de aglomerações urbanas e/ou regiões metropolitanas, como a de São Paulo. Nessa última, a metrópole dispõe sozinha de 37 unidades e, outros 11 municípios, contam com mais 17 estabelecimento, concentrando a RMSP, no todo, 54 lojas (22,83%) do total.

Por sua vez, o Grupo Pão de Açúcar começa com a ação do grupo francês Casino Guichard-Perrachon S.A fundado em 1898 por Geoffroy Guichard em Saint-Etienne, França (GPA, 2015). Apesar de antigo, sua internacionalização teve início apenas em 1984, quando se expandiu para os Estados Unidos (VARGA, 1999). Suas atividades no Brasil se iniciaram em 1999, ao adquirir 21% do capital do Grupo Pão de Açúcar (VARGA, 1999), fatia esta ampliada em 2005 para 68,8%, tendo assumido seu controle em 2012.

O Grupo Pão de Açúcar, por sua vez, é um conglomerado que teve suas ações iniciadas em 1948, quando Valentim dos Santos Diniz, fundou uma doceria em São Paulo (SP). Contudo, a fase de maior expansão da empresa se deu a partir de 1959, com o início de suas operações supermercadistas, já em 1966 estendidas para outras

idades e que, em 1970, serviram de base para um processo de internacionalização, inicialmente em Portugal e, logo em seguida, expandido para Espanha e Angola (COSTA, 2004). É importante frisar a participação do Grupo Pão de Açúcar nesse movimento de internacionalização do ramo supermercadista, para mostrar que o Brasil não foi apenas receptáculo de investimentos estrangeiros, mas também emissor de iniciativas do tipo por meio de um representante que lançou operações internacionais enquanto a maioria das grandes empresas supermercadistas do mundo ainda não havia executado nenhuma ação do tipo (GOMES, 2017)

No âmbito nacional, o gigantismo do grupo Pão de Açúcar teve seu ápice em 1986, momento em que operava em 18 estados, com 626 lojas do ramo, além de contar com um conjunto de 40 empresas de outras atividades, como serviços bancários, publicidade, agricultura, transportes, entre outros (DINIZ Apud COSTA, 2004, p. 7-8).

O Grupo Pão de Açúcar possui, como fruto de sua estrutura multiformato, uma ampla variação das atividades comerciais, que são divididas em quatro unidades: Cnova (comércio eletrônico de bens de consumo duráveis) e Via Varejo (comércio de eletrodomésticos, eletrônicos e móveis), representados principalmente pelas bandeiras Casas Bahia e Ponto Frio, com participações adquiridas em 2009; Multivarejo (super/hipermercados, drogarias, postos de combustíveis e galerias comerciais) e Atacado de Autosserviço, com o Assaí Atacadista. Este grupo congrega 2.037 lojas e 56 centros de distribuição, 25 deles para o ramo supermercadista, e emprega 154.486 pessoas (GPA, 2014). As duas últimas divisões são as de interesse direto para este trabalho, pois reúnem suas bandeiras de supermercados de vizinhança, (Minimercado Extra e Minuto Pão de Açúcar), os super/hipermercados, (Extra Supermercado, Extra Hiper e Pão de Açúcar), e atacados de autosserviço, (Assaí Atacadista). Em Dourados além do Assaí, a bandeira do Extra também se encontra na avenida Marcelino Pires em frente ao shoppings center da cidade.

Suas atividades supermercadistas, sediadas em São Paulo (SP), renderam em 2014, R\$ 37,3 bilhões (51,68% do faturamento total) em 865 lojas, com 76.354 funcionários, lhe inserindo como a segunda maior empresa no ramo supermercadista do país (SUPERMERCADO MODERNO, 2015), com lojas em 18 estados.

O estado com a maior destas concentrações é São Paulo, que conta sozinho com 433 lojas (67,03%), seguido pelo Rio de Janeiro, com 104 (16,10%) delas. Fora

esses, apenas o Ceará, com 26 (4,02%) e o Distrito Federal, com 18 (2,79%) possuem operações expressivas. Tal concentração chama a atenção também de outra faceta, a existência de estados com grande população, mas poucos estabelecimentos, como Minas Gerais, Bahia e Paraná, ou, com nenhum, como o Rio Grande do Sul. Além disso, dentro dos próprios estados existem concentrações operacionais em alguns tipos de municípios de acordo com suas faixas populacionais.

Suas informações dão conta de que em quase todos os centros urbanos brasileiros com mais de 500.001 habitantes a empresa está presente, sendo ainda bastante comum naqueles entre 200.001 e 500.000 habitantes. Somados, os centros urbanos dessas faixas populacionais dispõem de 90,25% de suas lojas. Por outro lado, são raras as operações em centros urbanos com menos de 200.000 habitantes, apenas 45, sendo que 38 estão no estado de São Paulo e seis no Rio de Janeiro, contextualizando que a inserção de seus estabelecimentos em municípios com menos de 200.000 habitantes pode ser condicionada à sua presença nos estados que são seus maiores mercados.

Dentre as concentrações, a de maior destaque do Grupo Pão de Açúcar é a da metrópole paulista, com 236 lojas (36,53%), mostrando tanto que o GPA tem uma importância ímpar no abastecimento desta população, quanto que este mercado é fundamental para a acumulação da empresa. Além disso, se somarmos com os dados dos municípios da Região Metropolitana de São Paulo, alcançamos um total de 304 lojas, (47,36%), dado muito acima das demais ESAs, que apesar de terem uma importante atuação na capital paulista e nos demais municípios de sua região metropolitana, concentram neles uma quantidade muito menor de lojas. Além de São Paulo (SP), outras capitais como Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (BA) e Brasília (DF) possuem muitas lojas, respectivamente 64, 24 e 16.

O Grupo Pão de Açúcar opera em 18 capitais com 389 lojas (60,21%), sendo que apenas Olinda (PE), Palmas (TO) e Aracaju (SE), que estão entre as de menor população no Brasil, possuem somente um estabelecimento, mostrando que, via de regra, suas operações em capitais visam a formação de maiores participações sobre seus mercados consumidores por meio da implantação de várias unidades. Além disso, uma singularidade da empresa é que a mesma possui uma quantidade significativa de lojas no litoral paulista, em Santos, Guarujá e Praia Grande, com

respectivamente 16, 9 e 8 unidades, número inclusive maior que o de outros municípios não litorâneos mais populosos.

O Grupo Pão de Açúcar tem a maioria de suas lojas (70%) em centros urbanos de maior centralidade. Deste conjunto, grande parte está na capital paulista, em capitais de outras unidades federativas e, em menor medida, em outras capitais regionais. No entanto, apesar desta empresa ser o agente estudado que conta com mais estabelecimentos, alguns centros urbanos de elevada centralidade, incluso capitais como Florianópolis (SC), Porto Velho (RO), São Luís (MA) e Vitória (ES), além de algumas das capitais estaduais mais populosas do Brasil, como as metrópoles Belém (PA), Manaus (AM) e Porto Alegre (RS), e as capitais regionais, como Caxias do Sul (RS), Itabuna (BA), Juiz de Fora (MG) e Montes Claros (MG), não contam com sua presença, mostrando que a empresa possui uma penetração limitada inclusive em vários centros urbanos de maior centralidade e população do Brasil. Por último, frisamos que, assim como constatado para os mercados menos populosos em que atua, todos aqueles de menores níveis de centralidade que possuem seus estabelecimentos, como centros locais e centros de zona estão nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

O “Quadro 01” a seguir mostra a atuação destes grupos no país. Juntos tem 1476 lojas espalhadas por todas as regiões. Esse processo se deu por meio da expansão de ambos os grupos e de fusões ou compras de outras bandeiras ou marcas.

Quadro 01: Estabelecimentos dos Grupos Pão de Açúcar e Carrefour em todo território nacional (2019)

Grupo Pão de Açúcar		Grupo Carrefour	
Bandeira	Número de Lojas	Bandeira	Número de Lojas
Assaí	149	Atacadão	175
Extra	412	Carrefour	103
Mercado Extra	43	Carrefour Bairro	41
Mini Extra	155	Carrefour Express	119
Minuto Pão de Açúcar	82		
Pão de Açúcar	197		
TOTAL	1038		438

Fonte: GPA e Carrefour. Org. William Vascon

No estado de Mato Grosso do Sul, as bandeiras do GPA estão presentes em Campo Grande e Dourados. O grupo Carrefour, no ano de 2019, também inaugurará uma filial em Três Lagoas.

3.3 - O Comércio Atacadista, suas ramificações, funções e finalidades

Considerando que estamos abordando dois supermercados que exercem a função atacadista é válido ressaltar as características deste seguimento, no qual sabemos que é aquele destinado ao comércio em grande quantidade de determinado produto, que nasceu da necessidade de intermédio entre o fabricante e o varejista, ou pequeno comerciante. Isso se dava, sobretudo, pelo fato dos fabricantes não se satisfazerem em vender em pequenas quantidades para comércios pequenos, pois os custos com transportes e impostos desanimavam os varejistas. A dificuldade era comprar em grande escala, principalmente pelo seu baixo capital, devido às despesas e outros empecilhos.

Assim, a partir da necessidade de um mediador entre dois segmentos, surge o comércio de atacado. Primeiramente, se dava em barracões, onde os fabricantes, produtores e agricultores vendiam seus produtos em grandes remessas. Estes barracões estocavam os produtos e revendiam em pequenas quantidades para os varejistas. Silva em sua pesquisa sobre comércio de atacado diz que:

No decorrer do desenvolvimento deste comércio, as mercadorias eram diretamente intercambiadas nos chamados posto de troca que, mais tarde, evoluíram para Armazéns Gerais que se situavam em pontos de rede de transportes, como entroncamentos no caminho das caravanas e estações ferroviárias. Com isso os comerciantes faziam seus pedidos por meio de caixeiros-viajantes, o que por sua vez, transmitiam as encomendas aos fornecedores que providenciavam as remessas. (2010, p. 9).

A Divisão Estatística das Nações Unidas possui uma definição para o comércio de atacado, que se apresenta com a revenda (venda sem qualquer modificação) de bens novos e usados para comerciantes, destinado a usuários nos setores industrial, comercial, institucional ou profissional. Ocorre também outros atacadistas que agem como agente ou corretor na compra ou venda de mercadorias para determinadas pessoas ou empresas.

Os atacadistas frequentemente embalam, separam e classificam fisicamente as mercadorias em lotes, embalando e distribuindo em lotes menores. Oferecem preços mais baratos por se tratar de um elo da cadeia do comércio, sendo responsável

por fornecer os produtos para os comerciantes.

Xavier afirma que:

As empresas atacadistas têm realizado esforços direcionados ao exercício de novas funções voltada à prestação de serviço, estabelecendo novos circuitos de cooperação, particularmente com o pequeno varejo. Seu objetivo é promover a modernização e fidelização do pequeno comerciante para que ele sobreviva à concorrência imposta pelas redes regionais e grandes cadeias de super e hipermercados, tornando-se imprescindível sua existência. (2011, p.9).

Com estas mudanças associadas à maior fluidez das empresas, destacam-se os atacadistas, que passa a melhorar seu sistema de estocagem e o desempenho de sua logística de distribuição.

O comércio de atacado também passa a ser classificado em especialidades. Rosalem e Santos (2010) afirmam que existem vários tipos de atacado no Brasil, se diferenciando devido à forma de atendimento ao cliente.

Os atacados são: **Atacadista distribuidor**, que conta com equipes de vendas, atendendo um número elevado de clientes, faz entregas com frota própria ou terceirizada. **Atacadista de balcão**, também conta com uma equipe de vendedores internos preparados para atender aos clientes que visam este tipo de estabelecimento, trabalham com um mix representados pelos produtos de maior giro no mercado, dentro das lojas dos varejistas e o cliente, geralmente levam consigo a sua compra, não tendo entrega a domicílio. **Atacadista Operador Logístico** é o tipo de atacado que trabalha diretamente com a indústria, assumindo todas as responsabilidades de distribuição, que engloba o recebimento de mercadorias, movimentação, armazenamento, embalagem, carregamento, entregas, gerenciamento de estoques e de transportes com atendimento direto ao cliente. **Atacadista de Broker**, este é o atacado de operador logístico ainda mais especializado, pois ele se responsabiliza até pela venda e apresentação do produto para o consumidor final e, por último, o Atacadista de **Autosserviço**, que é o caso do Atacadão e Assaí este tipo de atacado é caracterizado pelo seu baixo preço, devido ao corte de custos, como por exemplo: embalagens, infraestrutura barata, o cliente é que leva suas mercadorias, assim, o hipermercado não tem despesas com transporte de entrega.

O comportamento do consumidor para Kotler e Armstrong (1999), é afetado pelos estímulos para a decisão de compra. Este comportamento de compra do consumidor é afetado pelas suas características específicas e seu processo pessoal de decisão.

As características do consumidor incluem quatro componentes principais que são os fatores culturais, classes sociais, influências pessoais e a família. Segundo Kotler e Armstrong (1999), os consumidores passam por um processo decisório que consiste em reconhecer uma necessidade, buscar informações, avaliar as alternativas, decidir a compra e seu comportamento pós compra.

Cada estágio do processo decisório é importante para que se possa compreender o seu comportamento de compra e assim poder desenvolver estratégias eficientes para o seu mercado alvo. O mercado de atacado constitui-se por todas as atividades que envolvem a venda de bens ou serviços para aqueles que os compram para revenda ou uso industrial. Podemos chamar de atacadistas aquelas empresas envolvidas na atividade de atacado e desempenham várias funções: venda, promoção, compra e formação de sortimentos, quebra de lote, armazenamento, transporte, financiamento, prestação de serviços entre outros.

Segundo Albaneze e Barretti (1970, p.27), “O comércio atacadista estabelece ainda ligações diretas entre os que exploram as matérias-primas e os varejistas”. Há casos que podem ser utilizados sem a transformação de indústrias, como os ovos, verduras, legumes, etc. O papel do atacadista é reunir estes bens, e colocá-los a disposição do varejista, assim o seu papel é definido pela função de distribuir estes estoques acumulados para os varejistas que se localizam nos bairros das grandes cidades²⁶.

Segundo dados da Associação Brasileira Atacadista e Distribuidores (ABAD) o ramo atacadista é um dos melhores negócios no Brasil, crescendo significativamente ano a ano: em 2008 o percentual de negócios realizados no atacado representou 17%

²⁶ De acordo com Cobra (1997), os atacadistas se diferem dos varejistas e dentre as principais diferenças estão: • Mercados atendidos: os varejistas vendem mercadorias e serviços ao consumidor final para uso próprio. Os atacadistas vendem basicamente a varejistas (ou a outros atacadistas), cujo propósito é a revenda de mercadorias. • Tamanho das compras: os atacadistas, em geral, compram em quantidades maiores do que os varejistas, sendo que uma de suas fontes básicas é oferecer ao varejista a oportunidade de comprar em pequenas quantidades. • Métodos de operação: os atacadistas, brasileiros, operam com grandes armazéns para depósito de mercadorias. Os varejistas usam áreas de acesso mais fáceis e adequadas ao tipo de produto que vendem e ao tipo de consumidor final visado. • Área atacadista: os atacadistas tendem a cobrir uma área geográfica mais extensa do que varejistas. A maioria dos varejistas cobre áreas geograficamente menores, em que pese o incremento de vendas por mala-postal e por telefone. • Custo das mercadorias: embora atacadistas e varejistas possam comprar diretamente do mesmo fabricante, o atacadista geralmente consegue preços mais baixos em função do seu tipo de negócio. (COBRA, 1997, p.96)

das operações e, apesar do percentual ainda baixo, a expectativa é de que chegue a 28% em 2010. Isso reflete o crescimento dessa opção de comércio frente às diferenciações existentes entre o mercado atacadista e varejista.

Feitas tais considerações, no próximo capítulo, discutiremos, por meio de um recorte mais analítico e empírico, o papel dos estabelecimentos Atacadão e Assaí, no reforço da centralidade de Dourados.

[...] o direito à cidade (não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais etc.). A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) exigem o domínio do econômico (do valor de troca, do mercado e da mercadoria) [...]

Lefebvre, 2010, p. 139)

CAPÍTULO IV

O PAPEL DOS SUPERMERCADOS ASSAÍ E ATACADÃO EM DOURADOS-MS

Conforme já apontado, o comércio atacadista, por meio da presença dos estabelecimentos Atacadão e Assaí, promove deslocamentos regionais em direção à Dourados.

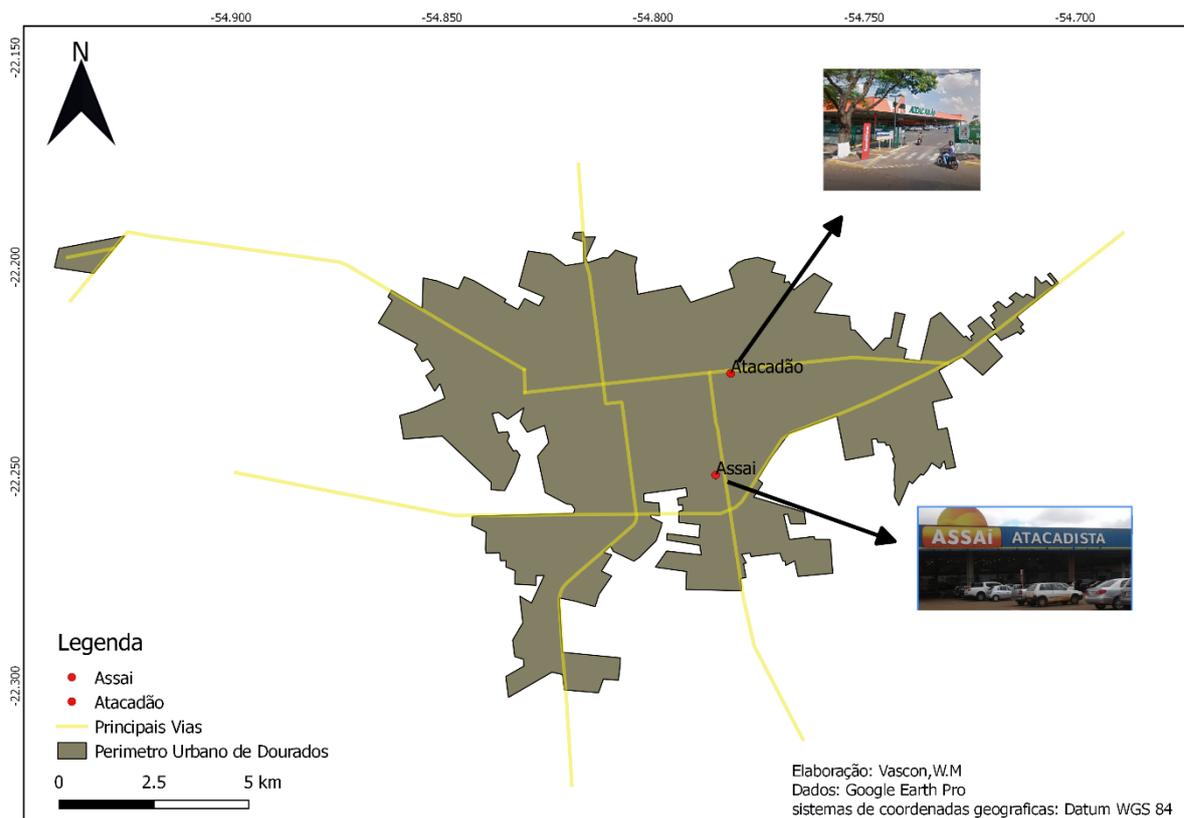
Tais fluxos materiais e imateriais são comuns em cidades médias que concentram a produção, o consumo e a gestão de bens e serviços, ou especializações funcionais de determinadas áreas. Essa concentração promove coesões entre formas e funções espaciais que configuram a centralidade.

A própria localização desses supermercados (ver **Figura 08**), fora da área central, estando ao Leste e Sudeste da cidade, próximos as rodovias que a ligam a outras cidades (BR-163 e MS-156), já tende a demonstrar a preocupação em atender os consumidores da região sul do estado. Logo, ambos, utilizam das mesmas estratégias de logística, com a intenção de atender tanto os consumidores de Dourados, como das cidades ao entorno.

Calixto (2017), coloca que a localização intraurbana também é pensada de modo a possibilitar o acesso do consumidor da região.

Por sua vez, Corrêa (2007), vai dizer que a localização de atividades comerciais e de serviços concentrada em certos pontos do espaço citadino produz coesão espacial. É essa distinção que marca a diferenciação socioespacial urbana, configurada na divisão econômica e na divisão social do espaço. Conseqüentemente, processos, funções e formas-conteúdos distintos irão produzir diferenciações, articuladas entre si e tendendo a interdependências (CORRÊA, 2007).

FIGURA 08
DOURADOS-MS - LOCALIZAÇÃO DOS SUPERMERCADOS ASSAÍ E
ATACADÃO (2018)



Assim, há uma conjunção de fatores que fazem com que uma área exerça atração sobre as adjacências, centrada, principalmente, em atividades comerciais e de serviços concentrados e que geram fluxos permanentes de pessoas e mercadorias (SPOSITO, 2002).

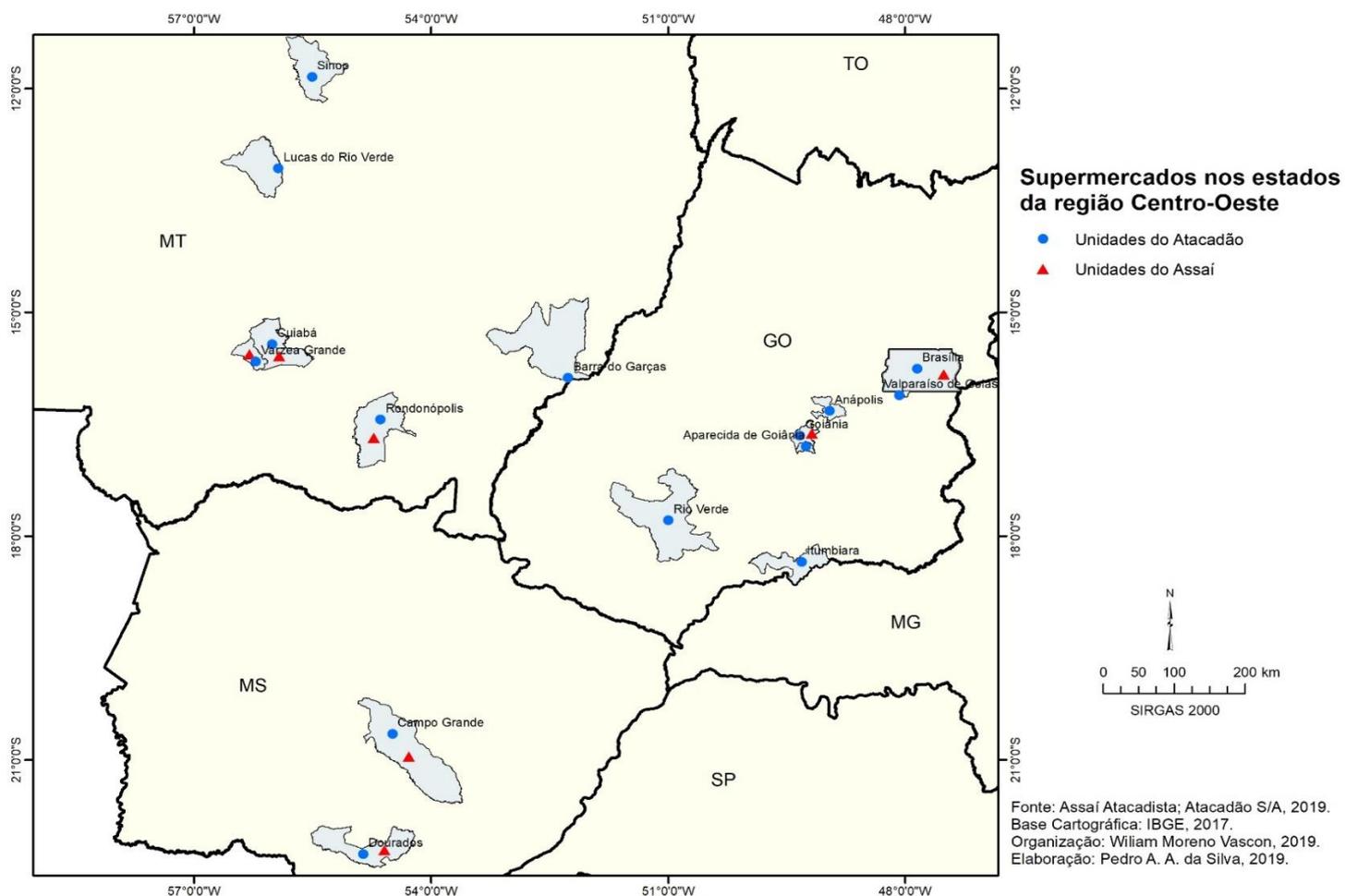
Sposito (1998), adverte que esse processo expressa uma completa diversificação da centralidade intraurbana e interurbana, haja vista que novas formas de comércio e de serviços promovam novos fluxos entre cidades de diferentes portes e permitem a emergência de uma centralidade múltipla e complexa no lugar da centralidade principal, e muitas vezes única, que marcou, há algumas décadas, a reestruturação interna das cidades.

Nesse sentido, a centralidade torna-se complexa, gerando ao mesmo tempo um reforço e uma modificação na articulação dos fluxos entre a escala intraurbana e interurbana, pois as novas centralidades compreendem uma lógica, a partir da “escolha de localizações que possam ser estratégicas de sorte a atrair mercados consumidores de mais de uma cidade” (SPOSITO, 1998, p. 34). Por isso, reforça a centralidade da cidade ao mesmo tempo em que a multiplica.

As grandes empresas não escolherão cidades em todos os lugares, elas farão escolhas estratégicas do ponto de vista da localização para estimular e realizar o consumo, e estas escolhas estratégicas se apoiam sempre no par da polarização -difusão, quer dizer, quais são as cidades que polarizam um conjunto grande de outras cidades e que podem se constituir como pontos no espaço a partir dos quais se difundirão hábitos de consumo. (SPOSITO, 2009, p.26).

Frente à escolha das cidades, considerando a região Centro-Oeste temos a seguinte distribuição dos supermercados Assai e Atacadão – Figura 09.

FIGURA 09
REGIÃO CENTRO-OESTE - SUPERMERCADOS ASSAÍ E ATACADÃO (2019)



Em Dourados, o supermercado Atacadão inaugurou sua loja no ano de 2002, promovendo redefinição das linhas de transporte público, pois requeria a abertura ou (re)funcionalização de vias de acesso. No caso do supermercado Assaí (inaugurado em 2016), para sua melhor logística, toda a rodovia de acesso ao estabelecimento foi modificada no ano de 2018, por meio de obras da prefeitura. Este último, o supermercado Assaí, também contribuiu para o aumento do IPTU dos terrenos vizinhos. Essa informação, ainda que não tenha sido possível confirmar, nos foi relatado por alguns proprietários de imóveis do entorno.

Sendo assim, as expressões de centralidade, a partir da constituição de áreas especializadas na produção e consumo de atividades comerciais e de serviços, possibilita um jogo dialético que se reflete nas formas e conteúdos espaciais, sendo a centralidade produto e produtora (CORREA, 2006).

Partindo então para um enfoque mais específico, lembramos que o comércio atacadista desenvolvido pelos supermercados estudados é aquele destinado ao comércio de maiores quantidades de determinado produto, sendo intermédio entre o fabricante e o varejista, ou consumidor final. Primeiramente, tal tipo de comércio se dava em barracões, onde os fabricantes, produtores e agricultores vendiam seus produtos em grandes remessas. Estes barracões estocavam os produtos e revendiam em pequenas quantidades para os varejistas.

Os atacadistas frequentemente embalam, separam e classificam fisicamente as mercadorias em lotes, distribuindo em lotes menores. Oferecem preços mais baratos por tratar-se de um elo da cadeia do comércio, sendo responsável por fornecer os produtos para os comerciantes.

Associados à maior fluidez para atender seus consumidores, tendo em vista a propagação de suas demandas, os estabelecimentos atacadistas de Dourados adotaram as seguintes estratégias de logística: o supermercado Atacadão, se localiza em uma posição de fácil acesso, na principal via da cidade, Avenida Marcelino Pires, prolongamento da rodovia BR-163, que liga Dourados a capital Campo Grande e cidades do entorno. Assim, facilitando o acesso para os consumidores de outras cidades, que também podem aproveitar dos horários de funcionamento, em dias úteis das 7h00 às 22 horas, e nos domingos e feriados das 07h00 às 18 horas.

Por sua vez, o Assaí Atacadista se instala em uma área mais próxima de outras grandes empresas de estocagem de grãos e distribuição de bebidas, tendo proximidade também com o distrito industrial de Dourados e fácil acesso ao trevo que liga as BR-163, BR463 e MS156, que são rotas das diversas cidades da área de influência de Dourados. Inaugurado em novembro de 2016 é a terceira unidade do ramo no estado.²⁷ A loja funciona de segunda-feira a sábado, das 07h00 às 22h00 e aos domingos e feriados, das 07h00 às 18h00.

²⁷ Antigamente existia apenas Atacadão e Makro, este último, na capital do estado.

FIGURA 10
DOURADOS-MS - SUPERMERCADO ATACADÃO (2018)



Fonte: www.atacado.com.br, acessado em 11 de novembro de 2018.

FIGURA 11
DOURADOS-MS - ASSAÍ ATACADISTA (2017)



Foto: Wiliam Vascon. 07 de novembro de 2017.

Assim, os horários de atendimento são idênticos ou muito parecidos, a arquitetura também praticamente a mesma, são grandes barracões de estrutura pré-moldada, como podemos observar nas Figuras 10 e 11. No interior dos supermercados há a presença de grandes prateleiras com 6 metros de altura para a estocagem dos produtos, os corredores são largos, com média de 1,8 metros, facilitando assim, o fluxo de consumidores no interior desses estabelecimentos.

FIGURA 12
DOURADOS-MS - INTERIOR DOS SUPERMERCADOS ATACADÃO E ASSAÍ
RESPECTIVAMENTE (2018)



Foto: Wiliam Vascon (2018)

Os dados da Associação Brasileira de Atacadista e distribuidores de produtos industrializados²⁸ (ABAD), apontam que segmento atacadista distribuidor cresceu 0,7% em termos reais e 3,7% em termos nominais, obtendo faturamento de R\$ 259,8 bilhões, garantindo aos agentes de distribuição uma lucratividade de 53,6% do mercado mercearil²⁹ nacional. É o décimo terceiro ano consecutivo em que a participação do atacado distribuidor no qual os supermercados Assaí e Atacadão fazem parte, permanece superior a 50%. O mercado mercearil representou a soma de R\$ 484,9 bilhões em 2017 e compreende produtos de uso comum das famílias, como alimentos, bebidas, limpeza, higiene e cuidados pessoais.

²⁸ <https://abad.com.br/indicadores/setor-atacadista-distribuidor-cresce-07-em-2017-e-fatura-r-2598-bi/>

²⁹Corresponde aos produtos de linha doméstica, como produtos de limpeza e alimentos de subsistência. Fonte: <http://playvender.com.br/institucional/mercado-mercearil/>

No caso de Mato Grosso do Sul, por sua vez, são os únicos presentes em toda a região sul. Além de Dourados, estão presentes apenas na capital do estado, Campo Grande³⁰.

Em entrevistas realizadas, com gerentes dos supermercados em Dourados, tivemos a declaração de ambos que os motivos das instalações de filiais na cidade se dão pelo potencial de crescimento das lojas devido a uma gama considerável de consumidores a serem atendidos em toda a região sul do estado. O gerente aponta que o Atacadão escolheu Dourados, justamente, pelo fato de ser um centro comercial, de serviços e de empregos para a região. Afirmou ainda, que a empresa, ao abrir uma sede “escolhe a dedo” as cidades onde serão instaladas.

No caso do Assaí Atacadista ocorreu todo um estudo sobre fluxo de consumidores e buscaram uma logística que atendesse tal demanda, resultando na escolha de um local apropriado.

Em uma das etapas da pesquisa de campo realizamos levantamentos sobre qual é o montante de consumidores de Dourados e de outros municípios. Assim, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2017, iniciou-se a contagem sobre a quantidade de veículos que adentrava o pátio do supermercado³¹, entre os dias de maior movimento, no caso do dia 5 ao dia 20, durante o horário considerado de pico, entre 17h30 e 18h00. Durante este período, foram contados, 1032 veículos que adentravam o supermercado Assaí no mês de novembro. Desse número, 63,8 % (658), eram de Dourados, e 36,2 % (374), de consumidores oriundos de outras cidades do entorno de Dourados.

Em dezembro de 2017 voltamos a utilizar a contagem de carros, para avaliar se o contingente de consumidores de outras cidades era realmente significativo. Dessa vez, fizemos o levantamento no pátio do supermercado do Atacadão. Foram contados, em 14 dias, 1470 veículos, sendo 984 veículos com placas de Dourados (67%) e 486 (33%), de veículos com placas de outras cidades da região sul de Mato

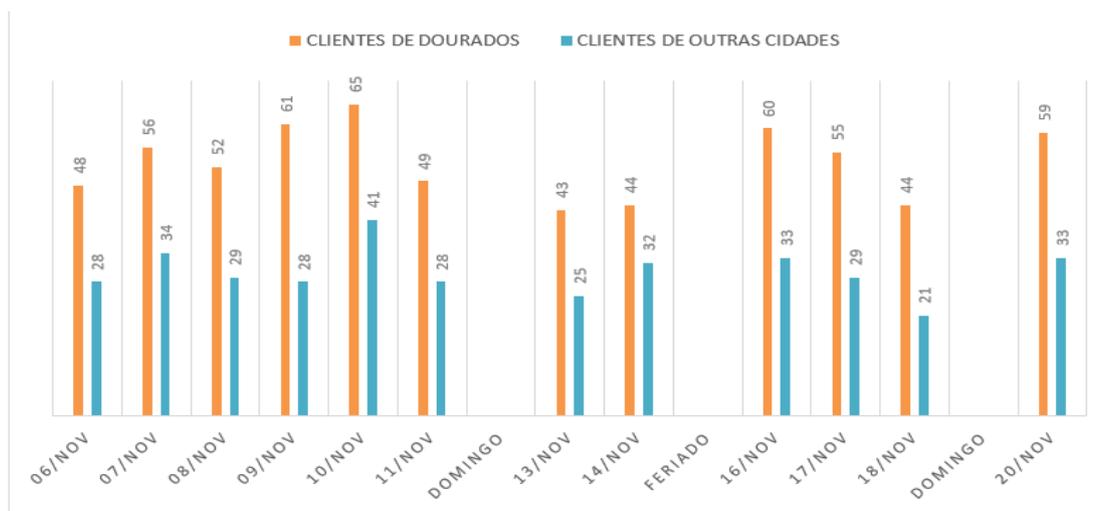
³⁰ Destacamos que é possível encontrar vantagens em consumir nos supermercados no Paraguai, devido ao baixo preço dos produtos presentes, e também pela fronteira se localizar a 100 quilômetros de distância de Dourados, no entanto, o fato da ilegalidade de trazer produtos em grande escala para o Brasil, desinteressa os comerciantes.

³¹ ³¹ Informamos que utilizamos tal método pois os supermercados Atacadão e Assaí Atacadista não possuem uma estrutura de vendas, com a realização de cadastro dos consumidores. As vendas são efetuadas apenas em dinheiro, em cartão de crédito ou débito automático, não realizando normalmente notas fiscais para seus clientes, fazendo com que a empresa não tenha informações dos mesmos.

Grosso do Sul. Lembrando que, para maior qualidade no levantamento de dados foram excluídos da contagem motos, motonetas e caminhões de grande porte. Podemos visualizar melhor estes dados nos gráficos abaixo.

FIGURA 13

DOURADOS-MS - SUPERMERCADO ASSAÍ – ORIGEM DOS CONSUMIDORES (2017)

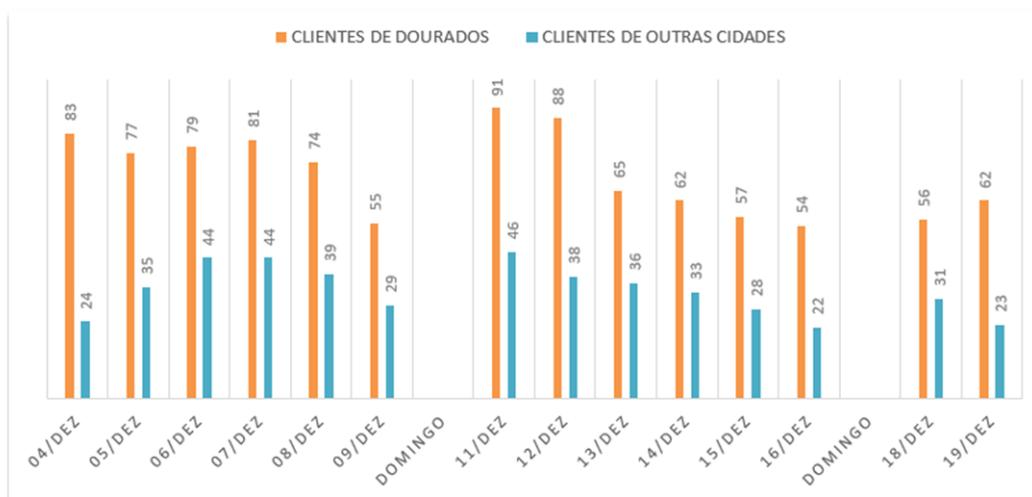


Fonte: Pesquisa de campo

Org.: Wiliam Vascon

FIGURA 14

DOURADOS-MS - SUPERMERCADO ATACADÃO – ORIGEM DOS CONSUMIDORES (2017)



Fonte: Pesquisa de campo.

Org.: William Vascon

Em conversa com os funcionários dos estabelecimentos, estes relataram que é notável presença de consumidores de outras cidades diariamente nos supermercados, e que podem ser identificados, nas compras que efetuam, normalmente de maiores portes, e pela solicitação de ajuda em informações sobre a cidade de Dourados (onde fica o shopping, o hospital, o centro da cidade), o que caracteriza, que eles vêm para Dourados por outros motivos e interesses, novamente reforçando o papel de Dourados como referência regional em tais serviços.

Também destacamos entrevistas realizadas com alguns comerciantes, que colaboraram com a pesquisa e responderam os questionários. Aplicamos 30 questionários com consumidores que vieram de outras cidades para consumir em Dourados. Dentre eles, proprietários de mercearias, bares, mercados, padarias, restaurantes etc. Também aplicamos questionários junto a produtores residentes em áreas rurais (que buscam fazer compras em grande quantidade), e com os consumidores finais que estão de passagem por Dourados, em busca de outros serviços como de saúde, educação ou até mesmo lazer e acabam por realizar suas compras nos supermercados da cidade.

Durante os meses da pesquisa de campo, visitamos tanto os supermercados como também comerciantes e outros consumidores de cidades que compõem a rede urbana Dourados (Guia Lopes, Jardim, Naviraí e Caarapó), visando melhor compreender como se efetiva a relação de compra nesses supermercados e, por decorrência, a relação que se estabelece na rede urbana.

Foram realizadas perguntas como local de onde se deslocam (cidade ou zona rural), “locais” para onde se dirigem em Dourados com determinada frequência, forma de deslocamento, entre outras, compunham parte do questionário.

Antes de passarmos às considerações elaboradas a partir dos dados levantados, cabe destacar alguns pontos com relação às respostas dos entrevistados. Quando perguntado se costumavam vir para Dourados, aqueles que indicaram que sim podiam citar mais de um destino, o que implicava, na maior parte dos casos, em

duas ou mais respostas. Isso também se deu para a frequência de deslocamento, para o motivo do deslocamento e para o meio/forma de deslocamento.

Assim, no decorrer do texto, ao trabalharmos com um número determinado de pessoas, não raro teremos uma quantidade maior de informações, ou seja, num universo de 10 pessoas, por exemplo, poderemos ter 20 informações sobre os deslocamentos, se cada uma citar mais de uma localidade de destino em Dourados, se concentrando em atendimentos médico hospitalares, em lazer e consumo.

Com relação à frequência de deslocamento estabelecemos algumas opções que variavam de uma vez por mês (mensalmente), uma vez na semana (semanalmente), várias vezes na semana ou todos os dias (diariamente). Cabe ainda pontuar que diversas vezes alteramos a forma de perguntar “quais outros serviços utilizam na cidade?”, questão que muitas vezes levava a uma confusão de associar serviços a empregos, substituindo pela pergunta “o que falta em sua cidade que têm em Dourados?”, o que incluía uma gama de serviços a ser mencionada pelos entrevistados. As informações recolhidas permitiram-nos visualizar um pouco mais de perto como se dão as interações espaciais.

Salienta-se que como (Catelan, 2013b *apud* Gomes, 2016), a temporalidade dos fluxos se constitui como fator de importância para analisarmos as interações espaciais, aqui expressas na frequência de deslocamento a partir das cidades que compõem o centro-sul do estado de Mato Grosso do Sul. Nesse âmbito de análise, podemos definir certo grau de coesão espaço-temporal na produção das interações espaciais e da rede urbana. Analisando-se o perfil dos entrevistados com o deslocamento para outro centro urbano, assim como a frequência e forma/meio de deslocamento destes. Verificamos que mesmo sendo de cidades diferentes ocorre realidades muito parecidas, todavia com algumas especificidades.

A princípio, pensávamos que a revenda de produtos, no caso por comerciantes de varejo, era fator determinante do deslocamento para o consumo nos supermercados. No entanto, ocorreu um número considerável de entrevistados na condição de consumidor final (ver apêndice 2), mesmo que estes consumam um número menor de produtos, há o deslocamento, apesar de a frequência ser, majoritariamente, de uma vez ao mês (mensalmente).

O deslocamento, bem como sua intensidade/periodicidade, está associado a outros fatores que não só os econômicos, como nos lembra Whitacker (2003). Em aproximação às ideias do autor, necessidades e desejos movem os usos do e no espaço, o que nos leva a ponderar que as interações espaciais estruturadoras do espaço são movidas por necessidade e desejos dos entrevistados em diferentes dimensões da produção de seus modos de vida. (GOMES, 2016)

Nesse sentido, vemos a diversidade dos consumidores, podendo ser consumidores finais, que se deslocaram para atender a outros interesses além do consumo nos supermercados, como lazer e atendimento médico, sendo o que também ocorreu com os próprios comerciantes varejistas que, mesmo se deslocando de suas referidas cidades para consumir nos supermercados, também utilizavam de outros serviços oferecidos por Dourados.

Diante da realidade apresentada, os dados colocam-se assim: dos 11 consumidores finais entrevistados, 8 também estavam na cidade para utilizar de outro tipo de serviço, sendo 5 de serviços de saúde (entre consultas médicas, exames e visita à familiares enfermos). No quesito lazer eram 2 entrevistados, um iria utilizar o shopping e o outro iria em uma festa da cidade. Por fim, houve também um entrevistado que iria utilizar o seu deslocamento para uma entrevista de emprego.

Quanto aos comerciantes, que somam 19 entrevistados, 12 também estavam utilizando seu deslocamento para outros fins, como saúde (8 entrevistados), lazer (4 entrevistados). Os demais vieram apenas para realizar compras nos supermercados.

Com relação ao transporte utilizado, todos os entrevistados, utilizavam de seus carros particulares. O motivo apresentado por eles, era a comodidade de poder ter autonomia de horários e locais para se deslocar. No entanto é notável a presença de consumidores adentrando aos supermercados utilizando o transporte coletivo, motocicletas e vans, estas principalmente intermunicipais.

Destacamos que, no andamento da pesquisa, foi importante a coleta de informações desses perfis de consumidores, para melhor qualificar os dados apresentados. São meios que, além de evocarem elementos de singularidades na análise das cidades analisadas na inserção da rede urbana do sul do estado de Mato Grosso do Sul, demonstram também o grau das interações interurbanas.

Destaca-se também, que segundo relatos dos entrevistados ocorre uma realidade que visa “fugir” aos preços praticados, e também à baixa variedade de produtos de suas cidades, em que os varejistas ao buscar consumir nos estabelecimentos Assaí e Atacadão poderiam ter uma maior margem de lucro. Já os consumidores finais, são atraídos pelas ofertas e visam uma vantagem ao consumir pagando com preços menores do que em suas localidades.

Os resultados obtidos com os dados quantitativos e questionários aplicados corroboram a identificar o motivo dos consumidores buscarem consumir em Dourados. A partir de tais levantamentos, podemos apontar alguns elementos que nos permitem destacar a importância dos supermercados Atacadão e Assaí, tanto regionalmente, quanto para a cidade de Dourados. A presença desses estabelecimentos demonstra e reforça o papel de centralidade de Dourados para com seu entorno.

Como exemplo, podemos citar o caso do proprietário de uma fazenda no município de Guia Lopes da Laguna, a 210 quilômetros de Dourados, o senhor Jonas Ribeiro de Azevedo. Em entrevista no pátio do supermercado Assaí relatou que se deslocou de sua cidade para fazer a revisão de sua Caminhonete na Concessionária Perkal no período da manhã, durante a tarde foi fazer alguns exames de rotina no Laboratório da CDM e, ao final da tarde, foi ao estabelecimento para fazer as compras do mês. Relatou também que esta é uma rotina mensal, se deslocando também para a compra de insumos agrícolas.

Citamos também a realidade da Dona Maria Batista, proprietária de um restaurante no município de Jardim, localizado a 216 quilômetros de Dourados. Durante a entrevista, também no pátio do Assaí, ela relatou que estava fazendo uma visita a alguns familiares e que, para “compensar” a viagem (palavras da mesma), resolveu fazer compras para seu estabelecimento: congelados, verduras e enlatados. Disse ainda, que sempre busca a cidade de Dourados para lazer, visitando também o shopping e os parques. Em visita ao seu município de Jardim conseguimos observar uma carência da oferta dos produtos que a proprietária do restaurante necessita, assim como também um maior custo atribuído à tais produtos, sendo observado que o preço das verduras, tem um aumento de mais de 20% com relação a Dourados.

FIGURA 15

JARDIM-MS - IMAGEM DO RESTAURANTE DA ENTREVISTADA (2018)



Foto: William Vascon

Salientamos ainda, o relato de Pedro Amaral (proprietário de uma padaria em Naviraí, a 138 quilômetros de Dourados), que foi entrevistado no pátio do supermercado Atacadão. Nos relatou que todo mês se descola para Dourados fazer compras de todo o seu estoque. Relata que mesmo com gastos de combustível no deslocamento, ainda é mais rentável consumir no estabelecimento. Nessa ocasião, ele aproveita também para comprar peças para o seu carro e utilidades domésticas no centro da cidade.

Em uma visita na cidade de Naviraí percebemos que vários produtos que o proprietário consome no Atacadão estão mais caros nos supermercados da sua cidade, a farinha, por exemplo, ao consumir por atacado em Dourados, ele paga 40% mais barato que o consumo em sua cidade, o ovo, outro produto muito consumido pelo entrevistado é 50% mais barato .

FIGURA 16
NAVIRAÍ-MS - IMAGEM DA PADARIA DO ENTREVISTADO (2018)



Foto: Wiliam Vascon

Também destacamos entrevistas realizadas com comerciantes, como é o caso de Celso Falinski, dono de um mercado na cidade de Caarapó-MS. O referido comerciante se dispôs a colaborar com a pesquisa e apresentou números que demonstraram que comprar do fornecedor asseguraria maior margem de lucro, com a revenda, se comprasse em grande quantidade. Um exemplo é a Coca-Cola, em que o representante da marca faz visitas frequentes em seu estabelecimento e apresenta preços menores, em compras de grande quantidade. Se comprar em menor quantidade, os preços se igualam ao do Atacadão e Assaí. Contudo, segundo relatou o comerciante, o fator transporte influencia muito, haja vista que pode demorar até cinco dias úteis para a chegada do produto. Isso faz com que o comerciante prefira comprar nos supermercados em Dourados.

Tal entrevista permite identificar o motivo dos varejistas buscarem uma facilidade de comprar o que deseja na quantidade necessária e no mesmo lugar. Em contrapartida, o fabricante economiza com distribuição e logística e o varejista que busca um comércio de atacado em outra cidade (no caso, Dourados), enxerga uma lucratividade e variedade maior de produtos e recompõe seu estoque mais rápido.

Torna-se necessário contextualizarmos também as entrevistas com os gerentes dos estabelecimentos Atacadão e Assaí, ambas realizadas em outubro de 2018. Os relatos de Paulo Davi, gerente do Atacadão e Éder, gerente do Assaí, nos

permitiu verificar o perfil dos consumidores de outras cidades e compreender um pouco mais seus deslocamentos. Como eles não são autorizados a disponibilizar nenhum material ou dado real dos seus estabelecimentos, a entrevista então, tornou-se uma das formas de obter informações pertinentes.

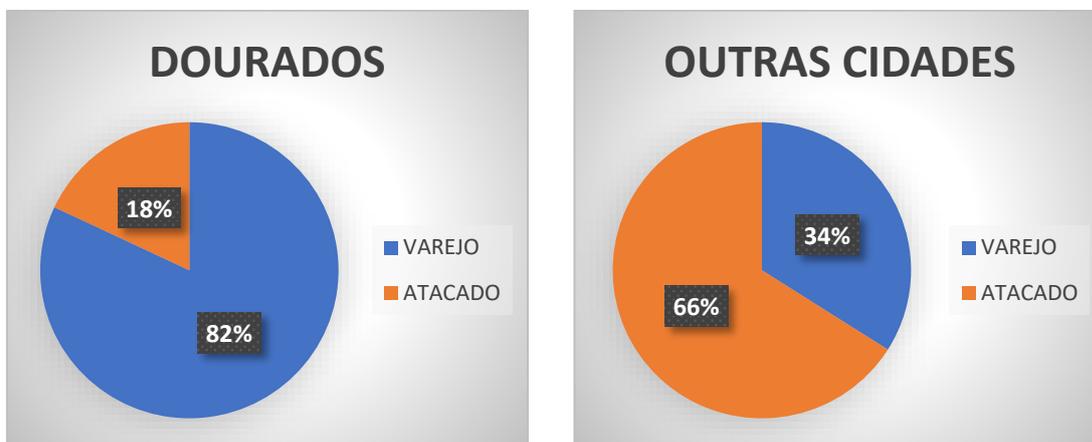
De acordo com o gerente do Atacadão, a porcentagem de clientes de outras cidades do montante final é de cerca de 30%. Segundo ele, os consumidores das cidades vizinhas são os que consomem mais por atacado, mensurando um número de 80% dos seus clientes desse segmento.

Por sua vez, o gerente do Assaí reforça essa realidade ao afirmar ser cerca de 20% o volume de clientes de outras cidades que consomem diariamente no estabelecimento. Declarou também que, entre 70 a 75% das vendas por atacado são normalmente realizadas por clientes de cidades vizinhas³².

Com base nestes relatos, voltamos a fazer pesquisa de campo no interior dos supermercados, abordando novamente os clientes para responder um questionário. Na Figura 17 vemos a proporção dos clientes analisados. Foram 100 consumidores abordados nos dois estabelecimentos, em que dos 50 consumidores residentes em Dourados apenas 9 (18%), deles fizeram compras por atacado. Por sua vez, dos 50 entrevistados residentes de outras cidades obtivemos o número de 33 (66%), realizando compras no atacado. Ou seja, de acordo com o levantamento que realizados, os consumidores de cidades vizinhas consomem mais por atacado. Isso corrobora com as afirmações feitas pelos gerentes e agrega informações para compreender tal deslocamento.

³² Vale ressaltar que após a defesa deste trabalho foram apresentados todos os dados e resultados da pesquisa de campo para o Gerente do supermercado Assaí. O mesmo demonstrou satisfação com os números apresentados e elaborou uma estratégia inovadora para atender os consumidores da região. Em 1 de julho de 2019, o supermercado Assaí passou a fornecer um micro-ônibus para transportar clientes das cidades de Itaporã, Caarapó e Fátima do Sul, como também os distritos de Dourados, Panambi, Indapólis, Vila Vargas, Vila Sapé, Vila Formosa e Vila São Pedro. Tal estratégia é um projeto piloto elaborado pela gerência do supermercado, com horários e rotas ainda não definitivos, porém o transporte de consumidores de suas respectivas localidades até o Assaí está sendo realizado, até então, duas vezes ao dia, sendo na parte da manhã e à tarde. Tal projeto dá ênfase aos resultados obtidos e apresentados neste trabalho.

FIGURA 17
DOURADOS-MS – SUPERMERCADOS ATACADÃO E ASSAÍ - CONSUMIDORES
(VENDA POR ATACADO E VAREJO) - 2018



Org: VASCON, W.M.

Durante as entrevistas (Apêndice 03), com os 50 consumidores dos estabelecimentos Assaí e Atacadão percebemos que se deslocam de suas cidades para consumir, majoritariamente em atacado. Já os consumidores residentes em Dourados consomem na maioria em varejo, apesar de ocorrer consumidores que abastecem seus estabelecimentos e compram por atacado, porém em número inferior.

Frentes a isto podemos destacar entrevistas realizadas com alguns comerciantes, como é o caso de Edivan Marques da Silva, proprietário de uma panificadora em Dourados. O mesmo afirma que prefere comprar no Atacadão pela facilidade de poder escolher os produtos e a quantidade necessária para suprir a demanda de seu comércio.

Por sua vez, Rafael Alves, filho do proprietário de um restaurante em Dourados, apontou que compra diretamente nos supermercados atacadistas devido ao custo, destacando ainda, que pode escolher os produtos. O comerciante ressalta também que comprar do fornecedor, em pequena escala, acarreta custos maiores, principalmente com transportes, haja vista que se comprasse uma carga de frango congelado do fornecedor, que é de outra cidade, ficaria muito caro. Além disso, a remessa precisaria de um caminhão, que tivesse capacidade para manter os frangos congelados, o que elevaria o custo.

Quando consideramos os consumidores de outras localidades, perguntamos também se o motivo principal para o deslocamento era apenas o consumo no supermercado. Do total de 50 entrevistados, 14 afirmaram que se deslocaram apenas com o intuito de consumir nos locais em que foram fazer compras. Os demais (72%), afirmaram que aproveitam a viagem para realizar outras atividades na cidade, como: ir ao médico, ir ao shopping etc.

Baseado nestes relatos, percebemos que os supermercados Atacadão e Assaí contribuem reforçar os deslocamentos para Dourados, não o fazem de forma individual, porém reforçam de modo singular essa relação, que contribui para o reforço da centralidade desse centro urbano.

Para Levebfre (2008), o espaço urbano produz e reproduz a cidade como um foco que materializa de forma ímpar o fenômeno da centralidade, mas não individual, uma vez que ela possui um magnetismo que atrai tudo para si, seja da natureza, seja do trabalho. Enfim, a cidade centraliza as criações e as produções, pois nada existe sem relações – troca, aproximação, distanciamento. O poder inerente ao contexto citadino e o urbano realizado na cidade propiciam o reforço de uma centralidade, para onde convergem os acontecimentos dos fazeres diários.

Nesse sentido, conforme já mencionado anteriormente, a pesquisa nos permitiu perceber, nas entrevistas feitas no Assaí e Atacadão, que o deslocamento das pessoas para a Dourados é definido, na maioria das vezes, por uma combinação de interesses ligados a comércio, serviços, lazer etc. Ou seja, a maioria dos entrevistados em nossa pesquisa, não se desloca até Dourados, única e exclusivamente, para consumir nos supermercados Assaí e Atacadão. Geralmente, aproveitam esses momentos para realizar outras atividades, como ir ao médico, ao shopping etc.

Dessa forma, o comércio atacadista coloca-se como elemento reforçador dos deslocamentos e, por decorrência, da condição de centralidade de Dourados na rede urbana regional, haja vista que também se dão em função de interesses e/ou necessidade de outras ordens ou naturezas. Sendo assim, no próximo capítulo incluímos outras variáveis (como saúde, educação superior e o shopping Avenida Center), a fim de melhor dimensionar essa relação.

CAPÍTULO V

OS DESLOCAMENTOS NO ÂMBITO DA REDE URBANA: OUTRAS VARIÁVEIS QUE CONTRIBUEM PARA O REFORÇO DA CENTRALIDADE

Neste capítulo, buscaremos realizar uma discussão acerca dos deslocamentos estabelecidos no âmbito da rede urbana, considerando, além dos supermercados Assai e Atacadão, outras variáveis como saúde, educação superior e o shopping Avenida Center³³, haja vista que asseguram e intensificam, articulações e interações espaciais com o contexto regional. (CALIXTO, 2017).

Contudo, uma vez que também consideramos a questão de deslocamento para o consumo, ressaltamos as contribuições de Nucci (2017), que nos aponta que, em uma definição mais simples, que o consumo é a parcela da renda que é usada para comprar bens e serviços e, assim satisfazer necessidades. De acordo com a autora:

... o consumo é a última fase das atividades econômicas que permite a satisfação imediata das necessidades materiais, mediante a utilização de bens e serviços, uma vez que esta abordagem pode ser classificada consumo privado (das pessoas) e consumo público (do Estado), consumo intermédio (isto é, utilizado para produzir outros bens) ou consumo final (devido ao desgaste ou destruição) (NUCCI, 2017, p.86)

Por sua vez, Siqueira (1996), mostra como o desenvolvimento de uma rede de supermercados, visa captar segmentos de consumidores específicos como o caso dos objetos (Assai e Atacadão) aqui estudado. Villaça (1998), destaca os deslocamentos espaciais como fatores essenciais na constituição e manutenção de uma centralidade.

³³ Para maiores informações sobre o papel do Shopping Avenida Center na redefinição da centralidade em Dourados, ver: ROMERO, Hamilton. "O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana e das práticas socioespaciais em Dourados – MS". Dourados, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – FCH/UFGD.

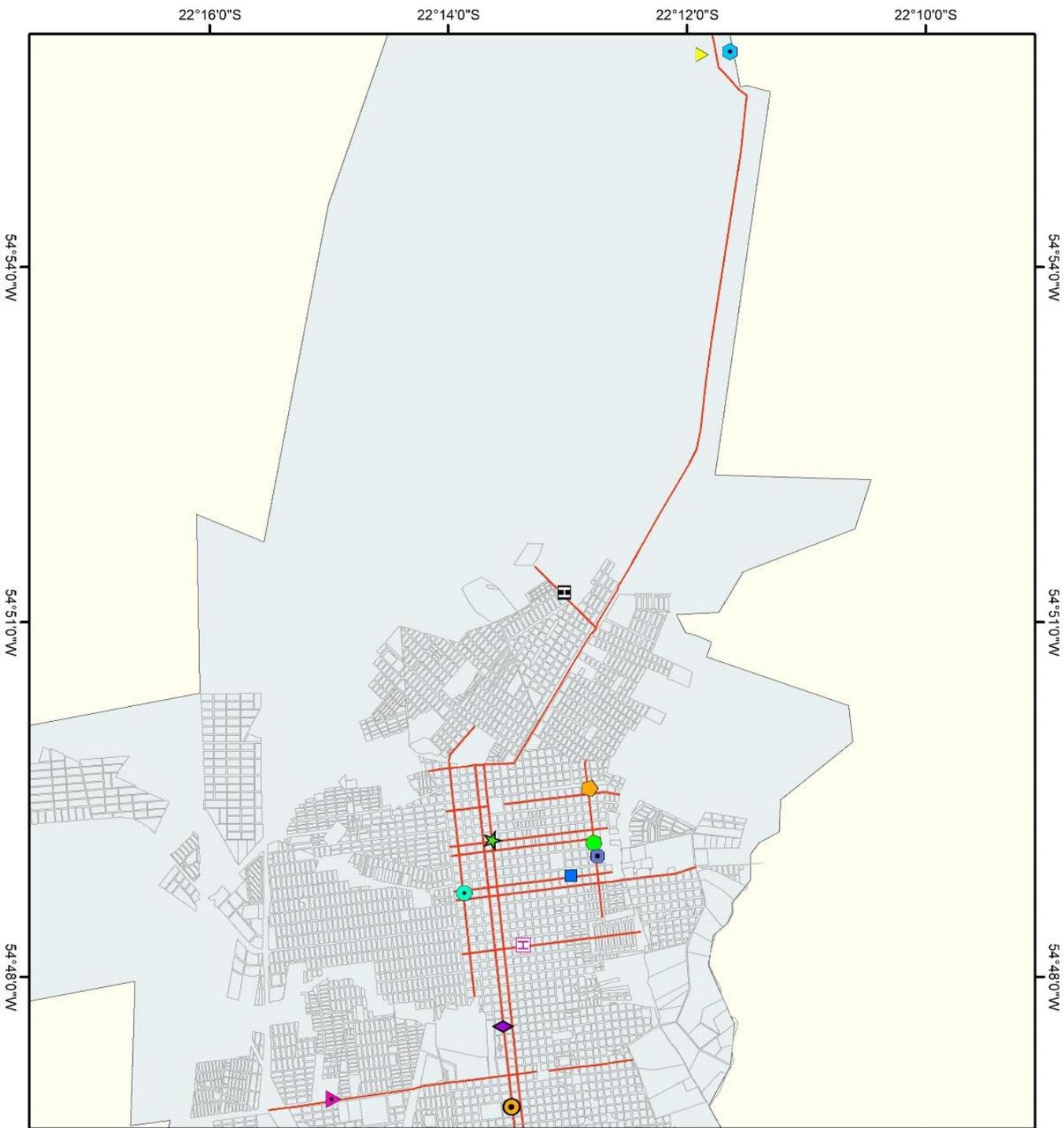
Tendo em vista que os consumidores dos supermercados Assai e Atacadão, geralmente, aproveitam o deslocamento para a compra, para realizar outras atividades na cidade de Dourados, resolvemos considerar outros locais que os que se deslocam das cidades do entorno procuram. Sendo assim, nesse momento do texto, conforme apontado, traremos outras variáveis, como o caso da saúde, educação e shopping (que une consumo e lazer³⁴), a fim de demonstrar o reforço dessa centralidade.³⁵

Portanto, para desenvolvermos a análise proposta neste capítulo, além das entrevistas realizadas, nos baseamos nos trabalhos de pesquisa realizados por Silva (2011), Calixto (2017), Romero (2010) e Rodrigues (2016).

FIGURA 18
DOURADOS-MS – LOCALIZAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS
ANALISADOS (2019)

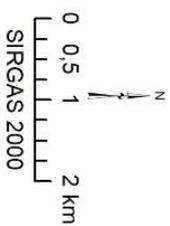
³⁴ No quesito lazer, iremos utilizar o shopping Avenida Center de Dourados, devido aos relatos dos próprios entrevistados que mencionam o passeio pelo shopping como um lazer.

³⁵ Ressaltamos também que os deslocamentos diários a Dourados também ocorrem em função de outras necessidades ligadas à indústria, ao comércio de vestuários, aparatos agrícolas, serviços de manutenções, etc., porém, neste trabalho consideraremos as variáveis elencadas acima, haja vista a complexidade na coleta de dados e a qualificação dos mesmos.



Estabelecimentos de fluxos diários

- ANHANGUERA
- Atacadão
- ▲ Assai
- ★ EAD/UFGD
- FADIR - UFGD
- Hospital Universitário da UFGD
- Hospital da Vida
- Shopping Avenida Center
- ◆ UNIGRAN
- UNIGRAN NET
- Unidade 1 - UFGD
- Unidade 2 - UFGD
- ▲ UEMS
- Logradouros
- Perímetro Urbano de Dourados



Fonte: Pesquisa in loco, 2019.
 Base Cart.: Prefeitura M. de Dourados, 2017.
 Organização: William Moreno Vascon, 2019.
 Elaboração: Pedro A. A. da Silva, 2019.

A Figura 18 apresenta os estabelecimentos que foram analisados pelos fluxos e deslocamentos que os mesmos oferecem. A representação demonstra como a localização de tais estabelecimentos deve ser pensada na realidade da rede urbana. Vale destacar que o maior desafio desse levantamento foram os procedimentos metodológicos a serem adotados, frente as possibilidades a serem utilizadas, principalmente nas três variáveis aqui consideradas: educação superior, saúde e shopping.

5.1 - Os deslocamentos ligados aos serviços de saúde

Conforme já colocado, a centralidade de Dourados se reforça em função da presença de atividades ligadas a diferentes variáveis/setores. No caso do serviço de saúde,

...destaca-se regionalmente pela oferta e pela presença de dispositivos equipados de referência pública e, sobretudo, privada. Funcionam, na cidade, os seguintes hospitais: Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados (HUFGD); Hospital Santa Rita Ltda; Hospital da Caixa de Assistência dos Servidores do Estado de Mato Grosso do Sul (CASSEMS - Unidade Dourados); Hospital Evangélico Dr. e Sra. Goldsby King – que conta com as unidades do Hospital da Mulher e do Hospital da Vida –; e Hospital da Missão Evangélica Caiuá. (RODRIGUES, 2016, s.p)

Ao considerarmos esse serviço convém ressaltar que sua abrangência supera os limites do estado de Mato Grosso do Sul, alcançando municípios paranaenses e, também, municípios paraguaios. A população dos centros urbanos menores recorre a Dourados para serviços mais complexos e especializados, o que também reforça a articulação com o seu entorno, consolidando o seu papel urbano-regional.

Torna-se importante a abordagem dos serviços de saúde, pois é um dos fatores que ajuda na compreensão da divisão territorial do trabalho, aliado ao fato de que “a análise do caráter geográfico dessa distribuição espacial dos serviços de saúde, tanto no seu espaço intra e interurbano como uma importante contribuição da ciência geográfica ...”. (RAMIRES 2013, p. 193).

A dificuldade ao acesso à saúde, juntamente à diversas dinâmicas envolvidas, promovem alterações na constituição da rede urbana por meio da procura de

atendimento médico e hospitalar, tanto no setor de serviços públicos como privados. Assim, vale destacar que esses fluxos materiais e imateriais apenas se consolidam e ampliam-se devido à concentração de diversos serviços, principalmente, de média e alta complexidade em determinados locais. “As cidades médias brasileiras já concentram serviços de saúde de média e alta complexidade, antes apenas encontrados nos grandes centros urbanos”. (SILVA, 2011, p. 73).

Esta particularidade oferece suporte para o consumo desse e demais serviços ao mesmo tempo em que se observa a centralização desses fluxos. Neste sentido, a procura pelo acesso médico e os demais serviços ligados à saúde exercem um importante papel nas interações urbano-regional e na produção do espaço intraurbano, haja vista que os serviços de saúde na cidade apresentam além da centralização desses equipamentos, a presença de:

[...] Mascates, restaurantes, terminais de ônibus, pontos de táxi, estações de metrô, enfim, toda uma gama de atividades existentes em virtude dos serviços de saúde faz dos seus arredores o que muitos denominam de “corredor sanitário”. Por aí convivem pacientes rejeitados em outros serviços e que circulam horas pela cidade à procura de atendimento. É a cidade das filas, das dificuldades, carências, denúncias de queda do padrão de atendimento, risco de infecção hospitalar, demora na marcação de consultas, falta de recursos nas emergências médicas. (GUIMARÃES, 2000, p.22)

Ainda que não seja nosso objeto de análise, vale referenciar que Silva (2011), salienta que embora as cidades médias exerçam atração de pessoas, embasadas num discurso de melhor serviço de saúde, estas muitas vezes não conseguem sanar de maneira satisfatória as demandas locais. Ou seja, ao mesmo tempo em que se pauta o discurso de que as cidades médias oferecem melhor qualidade de serviços, em comparação às demais cidades de seu entorno, é contraditório que apresente problemas de atendimento básico para a população local.³⁶

Para Guimarães:

³⁶ Sobre a problemática de atendimento das demandas sociais por saúde, Guimarães argumenta que [...] a oferta e a demanda por serviços obedecem a lógicas diferentes de compreensão da saúde. De um lado, a saúde como objeto técnico inserido no tecido urbano, ocupando parcelas do solo como equipamento urbano, é a própria materialidade da compreensão que a medicina social tem do que vem a ser o trabalho do médico, o cidadão, a vida urbana e a própria cidade. Por sua vez, esta racionalidade técnica é vista pela população na perspectiva das carências. (2000, p.19). Dentre os problemas encontrados na oferta desses serviços, destaca-se o papel do Estado como um dos agentes sociais participativos desse processo, embora seja válido salientar que de acordo com Guimarães outros agentes e grupos de interesses estão envolvidos na rede da saúde, atuando de forma significativa.

A rede de saúde é um meio de produção de um território reticular, um sistema interconectado que funciona por meio da circulação de pessoas, mercadorias ou informações. Mas o sentido da rede não está dado, é uma questão em aberto. Não se trata só de uma rede de equipamentos conectados, mas de um conjunto de atores que a frequentam buscando um objetivo ou cumprindo uma tarefa bem localizada territorialmente. Por intermédio de nós que demarcam a posição dos atores sociais (hospitais, unidades básicas de saúde e locais de aglomeração da população circunscrita à área de exercício do poder médico), a rede é o meio e o fim de múltiplas relações de controle, de vizinhança, de distanciamento e de aproximação que criam e recriam lugares. (2000, p.24)

As múltiplas relações e interações espaciais que se estabelecem no contexto regional e no espaço interurbano, a partir da oferta de serviços de saúde devem ser vistas como parte “integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadoria, capital e informação no espaço” (CORRÊA, 1997, p.280).

Assim, os serviços de saúde compreendem uma teia de relações complexas que se estende desde a geração de empregos, dinâmica das indústrias de medicamentos, materiais e equipamentos ligados ao atendimento do setor e a configuração das interações espaciais no espaço regional.

Os dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), de 2011, nos permitiam observar que havia uma concentração dos serviços de saúde na capital do estado – Campo Grande -, diminuindo em direção ao interior. Observa-se que com exceção da capital a cidade que apresentava em 2011 maior número de estabelecimentos de saúde era Dourados, com um total de 241 estabelecimentos, apresentando-se como referência regional em oferta de serviços de saúde. (SILVA, 2011, p.77).³⁷

Quando consideramos os dados levantados em fevereiro de 2019 verificamos que Mato Grosso do Sul apresenta 3440³⁸ estabelecimentos de saúde. Da mesma

³⁷ O estado de Mato Grosso do Sul de acordo com os dados do CNES (2011), possuía um total de 3284 estabelecimentos de saúde, sendo que Dourados representa 7,33% destes estabelecimentos, um número significativo quando observamos a participação dos demais municípios que variam de 0,09% à 4,87%, com exceção da capital do estado, Campo Grande, que representa 35,26% do total. (SILVA, 2011, p.76).

³⁸ http://cnes2.datasus.gov.br/Mod_Ind_Tipo_Leito.asp?VEstado=50 acesso em fevereiro de 2019.

forma, os dados de 2019 mostram que Dourados se mantém como o maior número de estabelecimentos do interior do estado.

Dentre os estabelecimentos de saúde no estado de Mato Grosso do Sul destacamos a presença dos hospitais, ressaltando novamente a participação do município de Dourados. Pois, ao consideramos o número total de hospitais que é de 121 entre Hospital Geral e Especializado, percebemos que Dourados concentra 6,61% dos hospitais do estado, número expressivo se comparado a outros municípios do interior que não ultrapassam a 2,47.

Desta forma, observa-se que as atividades ligadas ao setor da saúde criam novas articulações, produzindo fluxos de capital e pessoas não somente nos deslocamentos dos usuários até as unidades de atendimento, mas também de profissionais especializados.

Silva (2011), já mencionava que embora não tenha conseguido acesso a dados mais precisos do perfil de usuários, que comprovem um número real de deslocamentos, era notório observar nos estacionamentos dos hospitais, clínicas, pontos de ônibus e até mesmo na rodoviária, a quantidade de pessoas de outros municípios que vinham à cidade, à procura de atendimento médico-hospitalar. De acordo com entrevistas realizadas, pela autora, com responsáveis pela administração dos hospitais, a influência de Dourados abrange vários municípios do sul do estado de Mato Grosso do Sul, considerando também o estado do Paraná e países de fronteira Paraguai e Bolívia, além do atendimento da população indígena local.

Corroborando com o que estamos destacando até o momento sobre a prestação de serviços de Dourados e os deslocamentos, apresentamos um levantamento feito pela Central de Regulação de Leitos realizado no mês de abril de 2017, fornecidos para a nossa pesquisa em janeiro de 2019³⁹. Dentre os dados apresentados no quadro abaixo podemos verificar o quantitativo de pacientes de outras cidades que se deslocam diariamente.

³⁹ Esclarecemos que de acordo com a coordenadora da Central de Leitos, os dados fornecidos são de todos os atendimentos, sejam eles do SUS ou de planos de saúde particulares.

QUADRO 02**DOURADOS-MS - PACIENTES INTERNADOS E SUAS RESPECTIVAS CIDADES DE ORIGEM (ABRIL DE 2017).**

MUNICÍPIOS	PACIENTES	PERCENTUAL
DOURADOS	795	64,16%
AMAMBAI	15	1,21%
ANAUROLANDIA	10	0,81%
ANGÉLICA	16	1,29%
ANTONIO JOÃO	7	0,56%
ARAL MOREIRA	5	0,40%
BATAYPORÃ	1	0,08%
CAARAPÓ	41	3,31%
CORONEL SAPUCAIA	9	0,73%
DEODAPOLIS	6	0,48%
DOURADINA	0	0,00%
ELDORADO	7	0,56%
FATIMA DO SUL	40	3,23%
GLORIA DE DOURADOS	6	0,48%
IGUATEMI	12	0,97%
ITAPORÃ	38	3,07%
ITAQUIRAÍ	8	0,65%
IVINHEMA	31	2,50%
JAPORÃ	0	0,00%
JATEI	4	0,32%
JUTI	15	1,21%
LAGUNA CAARAPÃ	7	0,56%
MUNDO NOVO	4	0,32%
NAVIRAÍ	25	2,02%
NOVA ANDRADINA	24	1,94%
NOVO HORIZONTE DO SUL	12	0,97%
PARANHOS	7	0,56%
PONTA PORÃ	45	3,63%
RIO BRILHANTE	21	1,69%
SETE QUEDAS	4	0,32%
TACURU	5	0,40%
TAQUARUSSU	12	0,97%
VICENTINA	6	0,48%
TOTAL GERAL	1.238	100,00%

Fonte: Central Regulação de Leitos – Prefeitura de Dourados/MS

Como percebemos no “**Quadro 02**” dos 1.238 pacientes internados no mês de abril de 2017, 443 (35,84%), eram de cidades da rede urbana de Dourados. Complementando os dados apresentados, a coordenadora da central leitos de Dourados, Tatiana Ribeiro, nos informou em entrevista e questionário realizado em janeiro de 2019, que o número de pacientes de outros municípios é muito expressivo.

De acordo com os dados fornecidos pela coordenadora, na data de 14 de janeiro de 2019, das 213 vagas de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), de pacientes em estados críticos (eminência de morte com urgência na internação hospitalar), apenas 3 destes eram de pacientes de Dourados, os outros 210, de acordo com o cadastro do Sistema Único de Saúde (SUS), residiam em outros municípios⁴⁰.

No que diz respeito a proporção de pacientes atendidos diariamente em Dourados, a referida coordenadora, nos informou que, fazendo um levantamento dos últimos três meses de 2018 (outubro, novembro e dezembro), o quantitativo de pacientes que passaram pela regulação de leitos de origem da cidade de Dourados foi de 67,74%, sendo 32,26% de cidades vizinhas. Nesse caso, ela não nos apresentou o número total de pacientes, apenas as proporções. Destacou ainda que, os hospitais que mais atendem são os Hospitais da Vida (FIGURA 19) e o Universitário (FIGURA 20).

⁴⁰ Este número é apenas pelos atendidos pelo SUS, o número de pacientes com planos de saúde particulares não podemos quantificar, pois são dados mais sigilosos e a central de leitos não disponibilizou.

FIGURA 19

FOTO: DOURADOS-MS – HOSPITAL DA VIDA (2019)



Foto: VASCON, W.M. (07 de janeiro de 2019).

FIGURA 20

FOTO: DOURADOS-MS - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO/UGD (2019)



Foto: VASCON, W.M. (janeiro de 2019)

Frente a tal informação, podemos analisar os seguintes dados, cedidos pela Central de Regulação de Leitos, datados também de abril de 2017.

QUADRO 03

DOURADOS-MS - PACIENTES INTERNADOS NO HOSPITAL DA VIDA (ABRIL DE 2017)

MUNICÍPIO DE ORIGEM	NÚMERO
AMAMBAI	5
ANAUROLANDIA	4
ANGÉLICA	2
ANTONIO JOÃO	2
ARAL MOREIRA	2
CAARAPÓ	22
CORONEL SAPUCAIA	3
DEODAPOLIS	3
DOURADOS	282
ELDORADO	3
FATIMA DO SUL	29
GLORIA DE DOURADOS	1
IGUATEMI	1
ITAPORÃ	31
ITAQUIRAI	1
IVINHEMA	1
JATEI	1
JUTI	1
LAGUNA CAARAPÃ	3
NAVIRAI	2
NOVA ANDRADINA	1
NOVO HORIZONTE DO SUL	1
PARANHOS	3
PONTA PORÃ	1
RIO BRILHANTE	6
SETE QUEDAS	1
VICENTINA	4
Total Geral	492

Fonte: Central Regulação de Leitos – Prefeitura de Dourados/MS

Org: Wiliam Vascon

QUADRO 04**DOURADOS-MS - PACIENTES INTERNADOS NO HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO/UGD (ABRIL DE 2017)**

MUNICÍPIO DE ORIGEM	NÚMERO
ANAURILANDIA	2
ANGELICA	3
ANTONIO JOÃO	3
ARAL MOREIRA	2
CAARAPÓ	18
CORONEL SAPUCAIA	4
DEODAPOLIS	1
DOURADOS	338
ELDORADO	1
FATIMA DO SUL	5
IGUATEMI	3
ITAPORÃ	5
ITAQUIRAI	3
IVINHEMA	8
JATEI	1
JUTI	6
LAGUNA CAARAPÃ	3
MUNDO NOVO	1
NAVIRAÍ	7
NOVA ANDRADINA	10
NOVO HORIZONTE DO SUL	1
PONTA PORÃ	18
RIO BRILHANTE	7
TACURU	1
TAQUARUSSU	3
Total Geral	462

Fonte: Central Regulação de Leitos – Prefeitura de Dourados/MS

Org: Wiliam Vascon

Podemos novamente perceber as proporções de atendimentos, em que no Hospital da Vida 57,3% (282), dos pacientes atendidos foram de Dourados, restando 42,7% (210), de pacientes provenientes de outras localidades. Já no Hospital da

Universitário/UFGD, o número de pacientes de Dourados chegou a 73% (338) e os pacientes das outras localidades a 27% (124).

Considerando novamente os estudos feitos por Silva (2011), com os realizados atualmente, percebemos resultados muito parecidos, pois no referido estudo, feito há 8 anos, apresentava que 60% dos atendimentos realizados somente nos hospitais eram de usuários de outros municípios, que se deslocam, diariamente ou mensalmente, de acordo com o serviço buscado (que varia desde consultas de rotina a tratamentos mais especializados).

Já no ano de 2019, em entrevistas realizadas nos hospitais públicos, Hospital da Vida e Hospital Universitário, pudemos constatar como ocorre esse deslocamento. Dos 40 entrevistados⁴¹, 92% relatou que também busca consumir outros serviços da cidade de Dourados, serviços estes relacionados à educação, comércio e lazer. Ou seja, os deslocamentos são sempre combinados com interesses de consumo/lazer, de dois ou mais tipos de comércio e/ou serviços.

Assim, Dourados destaca-se como um centro prestador de serviços de saúde de alta e média complexidade, com significativa participação do setor privado na oferta de serviços ambulatoriais, com atendimento das necessidades da população local além da sua região de influência. Embora, o setor privado de saúde apresente significativo número de estabelecimentos, é válido ressaltar a participação da rede pública de saúde nos atendimentos realizados, principalmente, quando integram o serviço de urgência e de tratamentos imunobiológicos. (SILVA, 2011)

Cabe destacar, que a oferta destes serviços, tanto na esfera pública quanto no setor privado, desde os atendimentos de alta e média complexidade, oferece elementos para que Dourados exerça cada vez mais centralização de capital, de técnica e de pessoas. Assim, a diversidade em atividades ligadas aos serviços de saúde, materializam-se no espaço via interação de ... fixos e os fluxos – que reforçam

⁴¹ Destacamos que todos os entrevistados eram acompanhantes de pacientes, pelo motivo de consciência moral e ética optamos por sempre abordar acompanhantes de casos mais simples, como retornos médicos, pequenas lesões, cirurgias de baixa complexidade, entre outros. Agregando assim, uma melhor contribuição dos entrevistados e dos dados à pesquisa, pois por se tratarem de casos considerados mais simples, julgamos estarem menos abalados, o que permitia que relatasse a os motivos do deslocamento, que na maioria das vezes eram combinados com a busca de outros serviços oferecidos por Dourados.

antigas hierarquias urbanas e criam novas articulações não necessariamente hierárquicas. (RAMIRES, 2007, p.173)

Sobre o papel de atração tanto de capital, técnicas, pessoas e informações, com direção as cidades médias, é ainda Ramires quem argumenta:

Verificam-se, em muitas cidades médias, um crescimento do número e diversidade dos serviços de saúde, além do aumento da densidade técnica em procedimentos e equipamentos sofisticados. Os referidos serviços da alta complexidade concentram-se em cidades de grande porte, produzindo fluxos de pessoas, produtos e informação que reforçam o papel polarizador das atividades econômicas dessas localidades. (2007, p.173)

A dinamicidade que caracteriza Dourados no contexto regional extrapola o caráter estritamente econômico. Assim, muitas são as possibilidades de entender as várias dinâmicas que regem e que estimulam a funcionalidade de Dourados regionalmente. Contudo, a oferta dos serviços médico-hospitalares ganha cada vez mais destaque no âmbito das relações e na consolidação da importância regional de Dourados.

5.2 – Os deslocamentos ligados à educação Superior

Dentre as diferentes variáveis que podemos considerar para entender a importância das cidades médias no contexto regional, sem dúvida os serviços de educação, especialmente o ensino superior, conforme já dito, merecem destaque, devido ao poder de atração que exerce, impulsionando fluxos de pessoas, de informação e de técnica. Os fluxos estabelecidos, aliados a outras dinâmicas, denotam singularidade à cidade, reforçando seus papéis no âmbito regional.

Sendo assim, consideraremos neste momento do texto, os fluxos e deslocamentos provenientes da presença das instituições de ensino superior em Dourados, que atualmente, segundo levantamento,⁴² atende cerca de 25 mil estudantes, que se dividem em cinco instituições: a Universidade Federal da Grande

⁴² Disponível em: <http://coximagora.com.br/2018/12/20/dourados-tem-25-mil-universitarios-mais-que-habitantes-de-59-municipios/>

Dourados (UFGD)⁴³, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)⁴⁴, Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran)⁴⁵, Seminário Batista e Faculdade Anhanguera Dourados⁴⁶, ofertando 276 cursos entre graduação e pós-graduação, incluindo aqui as modalidades presencial, semipresencial e Ensino a Distância (Ead). Segundo informações das plataformas virtuais das instituições de ensino superior, são 93 cursos de graduação presencial, 91 cursos de graduação pelo sistema EaD; 11 cursos de pós graduação na modalidade doutorado, 32 cursos de pós (mestrado) e outros 61 pós (latu senso). Na modalidade pós (latu senso) pelo EaD são mais 32 cursos oferecidos nas quatro universidades.

O que podemos destacar é que em Dourados, diferentemente de muitas outras cidades médias do país, encontra-se a sede de duas universidades públicas.

Perante as informações apresentadas sobre as instituições de ensino utilizamos como metodologia de análise, a entrevista com alunos de 10 cursos de

⁴³ A UFGD iniciou como Centro Pedagógico de Dourados (CPD), em 1971, ligado à UFMT. Depois passou a ser campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e em 2005 passou a ter autonomia, transformando-se na UFGD. A universidade é a maior do município e conta com 37 cursos de graduação presencial e seis a distância, 13 especializações e cinco especializações EaD, 20 cursos de Mestrados, 9 Doutorados e 3 cursos de residência médica. É a única das instituições de ensino superior, do interior do estado, a oferecer o curso de Medicina, o mais disputado entre estudantes. Na graduação, a UFGD é a que mais possui cursos na área de agrárias, com Agronomia, Engenharia Agrícola, Engenharia de Aquicultura, Zootecnia, e também na área de Engenharias. Tem ainda dois cursos de graduação com pedagogia de alternância – Licenciatura Intercultural Indígena e em Ciências da Natureza. Na pós-graduação, também é a que mais possui cursos e a que mais atrai estudantes de vários estados do País.

⁴⁴ A UEMS foi criada em 1993. Com a proposta de interiorizar o ensino superior no Estado, sua sede foi constituída em Dourados e não na capital Campo Grande. Atende 25 cidades com unidades universitárias e polos EaD. Em Dourados são 16 cursos de graduação, 18 especializações, 12 mestrados e dois doutorados. Possui graduação como Ciência da Computação, Sistema da Informação, Turismo, Direito, Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Engenharia Física, Letras, Matemática, Pedagogia, Química, Química Industrial, Enfermagem.

⁴⁵ A Unigran, fundada em 1976, é a segunda mais antiga. O Centro Universitário tem 25 graduações presenciais e 30 especializações, sendo a que mais disponibiliza cursos na área da saúde, como nutrição, fisioterapia, enfermagem, biomedicina, odontologia, farmácia. No ensino a distância a instituição é pioneira e conta com 33 cursos de graduação e 27 MBA. Tem ainda 11 cursos semipresenciais.

⁴⁶ A Anhanguera Dourados é a instituição mais recente, criada a partir da Faculdade de Administração de Dourados (FAD), em 1999. Posteriormente foi adquirida pela Uniderp e na sequência vendida ao Grupo Anhanguera, em 2007. A Faculdade Anhanguera oferta 15 cursos de graduação presenciais e 52 no EaD e semi presencial. Dentre os presenciais estão Administração, Agronomia, Ciências Contábeis, Educação Física (bacharelado), Direito, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Farmácia, Fisioterapia, Medicina Veterinária, Nutrição e Psicologia.

graduação das instituições de ensino superior para descobrir o quantitativo de estudantes que são originalmente de Dourados e os que se deslocam diariamente de suas cidades, assim como os que são originais de outras cidades e estão morando em Dourados, no período da graduação.

No processo de centralização e concentração do ensino superior observa-se que estas cidades são alvos de intenso deslocamento, que podem apresentar pelo menos três formas e dinâmicas, uma seria o que denominaremos de definitiva (quando alunos e professores acabam fixando moradia na cidade), as sazonais (quando estes moram na cidade durante o período das aulas) ou pendulares (quando estes fazem o deslocamento diário). Ou seja, Dourados atrai deslocamentos tanto sazonais, quanto definitivos ou mesmo pendulares. Assim, a cidade de Dourados, desempenha no interior do estado centralidade na atração de fluxos dessa natureza. (SILVA, 2011, p.102)

Na UFGD escolhemos 4 cursos para analisar, entre eles os dois mais concorridos: Medicina e Direito, além de Biotecnologia e Matemática. Na UEMS escolhemos os cursos de Engenharia Ambiental, Física e Enfermagem. Na Unigran visitamos dois cursos, entre eles o de Direito e Engenharia Civil, e por último, na Anhanguera, fizemos pesquisa no curso de Ciências Contábeis.

Todos os cursos analisados são presenciais e realizados com turmas que estivessem o maior número de alunos presente, então optamos por utilizar o primeiro ano letivo de cada curso no ano de 2018. Ou seja, as entrevistas foram todas realizadas nos meses de setembro, outubro e novembro de 2018, em horários diurnos e noturno, com 392 calouros de seus respectivos cursos.

QUADRO 05

DOURADOS-MS - LEVANTAMENTO DA ORIGEM DOS ACADÊMICOS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

CURSO	INSTITUIÇÃO	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	ESTUDANTES DE DOURADOS	ESTUDANTES DE OUTRAS CIDADES
MEDICINA	UFGD	57	8 (14%)	49(86%)
DIREITO	UFGD	52	22(42%)	30(58%)
BIOTECNOLOGIA	UFGD	40	12(30%)	28(70%)
MATEMÁTICA	UFGD	31	25(75%)	6(25%)
ENGENHARIA AMBIENTAL	UEMS	28	14(50%)	14(50%)
FÍSICA	UEMS	15	11(60%)	4(40%)
ENFERMAGEM	UEMS	38	25(65%)	13(35%)
DIREITO	UNIGRAN	59	39(65%)	20(35%)
ENGENHARIA CIVIL	UNIGRAN	50	28(56%)	22(44%)
CIÊNCIAS CONTÁBEIS	ANHANGUERA	22	19(87%)	2(13%)
		TOTAL: 392 (100%)	203(53%)	189(47%)

Fonte: trabalho de campo. Org.: VASCON, W. M.

Cabe ressaltar que dos 189 (47%), alunos que são de origem de outras cidades, aproximadamente 60 (32%), deslocam-se diariamente de suas cidades para estudar em Dourados, normalmente de ônibus intermunicipais, vans ou veículos particulares. Este número é perceptível na quantidade de ônibus presente nos estacionamentos das instituições.

Silva (2011), ressalta ser inegável o papel de Dourados na oferta de serviço de ensino superior. A autora também destaca número significativo de alunos de municípios com menos de 50 km de distância, que se deslocavam diariamente, em busca do ensino fundamental e médio, principalmente em escolas particulares da cidade.

Assim, de acordo com as 262 entrevistas por ela realizada em junho de 2010, com alunos da UFGD, UEMS e UNIGRAN, a autora percebeu o fluxo de estudantes de outros municípios e de outros estados, totalizando cerca de 160 alunos, sendo que aproximadamente 90% deste total reside em Dourados nos períodos de aulas e voltam à cidade de origem durante as férias.

A referida autora ainda reforça que:

Este tipo de deslocamento é o que estamos considerando como sazonal, os demais, 10%, são de alunos que moram em cidades próximas com distâncias inferiores a 60 km e se deslocam diariamente. Em entrevistas realizadas com os motoristas de ônibus de 06 cidades, com distâncias inferiores a 60 km de Dourados, que realizam o transporte de alunos diariamente (tanto de graduação e pós-graduação nos períodos matutino e noturno), percebeu-se que o maior fluxo de alunos se dá em direção a UEMS, UFGD e UNIGRAN e com menor intensidade para Anhanguera-UNIDERP. De acordo, com as entrevistas realizadas cerca de 1962 alunos são transportados diariamente à Dourados, este total representa o fluxo de alunos de municípios com distância inferiores a 60km. (SILVA, 2011, p.113)

Por sua vez, nas entrevistas por nós realizadas em 2018, dos 60 alunos que se deslocavam diariamente, 56 (96%), utilizavam o ônibus, o restante utilizava seus veículos particulares, como carros e motos.

Lembrando ainda que, todos os entrevistados do setor da educação revelaram consumir outros serviços da cidade de Dourados, como saúde, comércio e lazer.

Complementando o que argumentamos anteriormente, os fluxos oriundos do consumo de estudantes universitários das instituições de Dourados reforçam também sua centralidade regional sendo que essas instituições extrapolam os limites da rede urbana, atraindo estudantes de diferentes regiões do Brasil e até mesmo da América do Sul, com presença de diversos estrangeiros nas universidades douradenses.

Dessa forma, os dados apresentados nos permitem observar que há um processo de ampliação do raio de influência de Dourados, no qual abrange cada vez mais cidades de outros estados, promovendo fluxos que redesenham as interações espaciais no cenário regional e nacional.

Os serviços de educação devem ser pensados como variável indispensável na compreensão da constituição de algumas cidades médias, já que entendemos que se faz necessário ao processo de análise, observar e respeitar as especificidades de cada cidade, compreendendo as peculiaridades que redefinem os papéis e funções destas.

5.3 – Os deslocamentos ligados ao Shopping Avenida Center

A implantação do shopping Avenida Center (FIGURA 21), em Dourados em junho de 2006, redefiniu o papel do centro tradicional e ocasionou mudanças nas estratégias de localização, haja vista que o empreendimento foi instalado estrategicamente para atender os interesses de toda a região, assim, como de determinados segmentos econômicos: seja na “valorização” imobiliária, seja na prestação de serviços relacionados a um público específico ou não, tanto de Dourados como das cidades ao entorno.

FIGURA 21

FOTO: DOURADOS-MS - SHOPPING AVENIDA CENTER (2018)



Foto: Wiliam Vascon

Contudo, o novo empreendimento, no caso o primeiro no interior do estado de Mato Grosso do Sul traduz novas formas socioespaciais, novos deslocamentos para consumo/lazer, contribuindo para uma nova dinâmica no âmbito da rede urbana.

Para auxiliar na análise do reforço a centralidade de Dourados, nos basearemos na pesquisa de Romero (2010) e Assad (2016) e de um levantamento, por nós realizado, no interior do shopping, com entrevistas e diálogos com funcionários e clientes do estabelecimento.

Convém destacar que, o shopping se localiza na mesma avenida do Atacadão, a aproximadamente 900 metros. Também está localizado ao lado do EXTRA Hipermercado, do Terminal Rodoviário e a 400 metros da loja Havan. Possui duas entradas principais, sendo uma na Avenida Marcelino Pires e a outra na Avenida Joaquim Teixeira Alves, onde situa-se também o Parque Alnulpho Fioravante, um dos locais de prática de esporte e lazer.

Ainda no tocante à localização, a Avenida Marcelino Pires, via de maior movimento da cidade, proporciona, de acordo com os níveis de circulação, maior comodidade aos usuários de veículos, pois o shopping, além de ser ladeado pelas principais avenidas da cidade, contou com mudanças do sentido das demais vias que o circundam, facilitando o acesso ao estacionamento.

Com efeito, o shopping, quando implantado em 2006, apresentava um número pequeno de lojas distribuídas pelos 20 mil m² de área bruta locável (ABL), sendo 40 mil m² a área total edificada, voltada, aparentemente, para um público de menor poder aquisitivo ou popular, dado o caráter das lojas. Atualmente, cresce o número de lojas nas áreas internas do empreendimento. Além de um supermercado, lojas âncoras e de departamentos, como Avenida (antiga Tecelagem Avenida), as Lojas Americanas que ocupa uma grande área no estabelecimento e, como tal, cumpre o papel de atrair o público, pois possui grande variedade de produtos como brinquedos, roupas, utilidades e inclusive gêneros alimentícios, incentivando o superconsumo. (ROMERO, 2010, p.41)

Como atrativo para o lazer e consumo, o shopping conta com uma praça de alimentação com diversas franquias e três salas de cinema. No levantamento que realizamos em 2018, identificamos 76 lojas em funcionamento. O shopping Avenida Center também se caracteriza pelo chamado lazer entretenimento, por conta da presença do cinema, da praça de alimentação, park games etc. Conforme relato dos

entrevistados⁴⁷ que não residem em Dourados, acabam consumindo nas lojas, alimentando-se na praça de alimentação e, por vezes, indo ao cinema.

Nesse sentido, deslocam-se de suas cidades com esse objetivo, mas, na maioria dos casos, aproveitam a vinda a Dourados para outros fins, indo ao Shopping Avenida Center, unir lazer ao consumo.

Dos 80 entrevistados, 32 (40%), visitavam o Shopping Avenida Center para realizar apenas compras. Os demais 48 (60%), estavam à passeio sem pretensões de consumir algum produto nas lojas, se dividindo entre assistir filmes no cinema, olhar as lojas, pesquisando produtos, ou apenas frequentando a praça de alimentação para “passar o tempo”.

Conforme pontuado em nota acima, do total de 80 entrevistados, 22% eram de cidades circunvizinhas à Dourados e pertencentes a sua rede urbana (3 de Itaporã, 3 de Fátima do Sul, 2 de Maracaju, com apenas um entrevistado representado temos os municípios de Angélica, Caarapó, Deodápolis, Jateí, Juti, Laguna Caarapá, Mundo Novo, Ponta Porã e Rio Brilhante).

Contudo, aqui cabe ressaltar é que 90% dos 17 entrevistados de outras cidades estavam no shopping por razões secundárias. Ou seja, estavam aproveitando a viagem a Dourados, para ir até o shopping: 6 estavam em Dourados para realizar consultas médicas ou exames, 4 estavam na cidade porque são estudantes e os outros 5 estavam visitando a cidade para consumir outros tipos de serviços como os agropecuários, alimentícios, manutenções automotivas e/ou ir aos supermercados.

Sposito (2001), aponta que a caracterização das cidades médias⁴⁸ pelo enfoque funcional sempre esteve associada a [...]

“definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o

⁴⁷ Foram aplicados 80 questionários entre os clientes das Lojas Americanas, Rei do Matte e Studio Z, todas estas localizadas no interior do shopping center. Do total de entrevistados, 17 pessoas eram de outras cidades da rede urbana de Dourados.

⁴⁸ Neste sentido, Deus (2004) indica que: [...] o que define uma cidade média é sua função, seu grau de polarização, seus equipamentos de serviços e de lazer e o papel que sua estrutura urbana exerce na região recebendo e emitindo externalidades, ou seja, a cidade média nada mais é que uma cidade com uma população acima da média regional, que exerce uma influência em uma determinada sub-região, com funções que a fazem assumir o papel de polo regional na hierarquia urbana, provendo o consumo produtivo e coletivo da sub-região onde está inserida. (p. 89-90)

consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades” (SPOSITO, 2001, p. 635).

Nesse sentido, a presença do Shopping Avenida Center, juntamente com as demais atividades de comércio e serviços, como saúde e educação, potencializa os deslocamentos e fluxos, contribuindo, por meio de interações socioespaciais, para o reforço da centralidade de Dourados e de sua condição de cidade média.

Assim, cidades médias como Dourados, desempenham papel, cada vez mais importante, de articulação e intensificação dos fluxos (de bens e serviços), entre centros de diferentes níveis hierárquicos. (AMORIM FILHO & SERRA, 2001, p. 28).

Nesse sentido, neste capítulo, procuramos apontar outras variáveis (ensino superior, saúde e shopping), que, juntamente com os supermercados Assai e Atacadão, também contribuem no processo de reforço da centralidade de Dourados e de seu papel de cidade média. Contudo, pelo fato de ser complexa, esse estudo está longe de esgotar a discussão sobre a temática e, sendo assim, essa dinâmica abre a perspectiva de outras investigações e reflexões, podendo suscitar novas pesquisas e novas propostas metodológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propusemos a discutir a centralidade de Dourados no âmbito regional, a partir da análise do setor atacadista de alimentos, tomando como referencial os supermercados Atacadão e Assaí e outras variáveis que desencadeiam deslocamentos no interior da rede urbana.

Partimos do papel das políticas públicas, que desencadearam investimentos que, ao promoverem a diversificação e a ampliação do sistema de transporte, do sistema de telecomunicação e da produção de energia, tornaram as interações espaciais mais intensas, complexas, reforçando o processo de consolidação dos papéis regionais de Dourados e, por consequência, de sua condição de cidade média.

Além do espaço tornar-se mais fluido, assegurando, assim, os fluxos intra e interurbanos, torna-se importante destacar que o reforço da centralidade de Dourados na rede urbana regional, também é assegurado pela própria existência de centros urbanos de menor porte e pela relação que mantém com estes, haja vista que Dourados se apresenta como centro prestador de serviços e de atividades de comércio.

Dessa forma, o papel regional de Dourados tem relação direta com a sua área de influência. Ao mesmo tempo em que a presença do comércio atacadista, das instituições de ensino superior e hospitais públicos reforçam a sua centralidade interurbana, Dourados também depende da demanda regional para que essa condição seja assegurada. Essa realidade revela, entre Dourados e seu entorno, uma relação de complementaridade e diversidade. (CALIXTO, 2017)

Portanto, essa relação entre Dourados (local onde os moradores das cidades menores buscam atividades mais especializadas de serviços e comércio), e seu entorno é fundamental para entendermos sua condição de centralidade regional e seu papel de cidade média.

A cidade que exerce centralidade destaca-se como prestadora de serviços, construindo dessa forma, interações espaciais a partir de fluxos materiais e imateriais, vindo a assumir novos papéis e função no âmbito regional ou mesmo nacional e internacional.

Visando melhor compreender essa relação, tomamos como referência o comércio atacadista. As entrevistas feitas, nos supermercados Assaí e Atacadão, nos permitiram perceber o montante de consumidores de outras localidades, cujo deslocamento para Dourados se dava, na maioria das vezes, por uma combinação de interesses ligados a serviços, comércio, lazer etc. Ou seja, a pesquisa nos possibilitou verificar que a maioria dos entrevistados de outras localidades não se desloca até Dourados, unicamente, para consumir produtos e mercadorias nos supermercados considerados para análise. Geralmente, aproveitam para realizar outras atividades, utilizar o serviço médico, ir ao shopping etc.

Nesse sentido, resolvemos considerar outros locais em que os que se deslocam do entorno procuram na cidade de Dourados. Com esse propósito consideramos também variáveis, como os serviços de saúde, de ensino superior e shopping.

Aqui vale reforçar que 35% dos consumidores pesquisados nos supermercados eram originários de outras cidades. Nos hospitais públicos, o montante de pacientes de outras localidades estava em torno de 38%. Por sua vez, no ensino superior, de acordo com os cursos considerados, 47% dos alunos eram de origem de outras cidades, se deslocando diariamente ou residindo na cidade durante a realização do curso. Desta forma, essas dinâmicas possibilitam alterações nos papéis e funções de Dourados, implicando em uma redefinição do espaço urbano-regional, por meio das interações espaciais que, por consequência, reforçam a centralidade e a condição de cidade média.

Essa realidade, é indicadora do fato de que Dourados concentra a demanda, por intermédio de comércio e serviços e, por consequência, tende a concentrar fluxos de pessoas, bens, ideias, capital etc.

Um aspecto merece ser aqui ressaltado, a pesquisa nos possibilitou verificar ainda que os consumidores dos supermercados que se deslocam de cidades vizinhas são os responsáveis pelo maior montante do consumo no atacado. Sendo atraídos pelas variedades de produtos e pelos preços que, no atacado, parecem ser mais lucrativos seja para revenda ou consumo final.

Sendo assim, este estudo procurou fornecer elementos para análise e reflexão sobre essa cidade média, buscando contribuir para sua compreensão. Contudo, aqui também vale destacar, que são muitas e diferentes as variáveis que podem nos permitir quantificar e qualificar os deslocamentos diários e, por decorrência, a centralidade regional e, nesse sentido, esta pesquisa, certamente, poderá abrir a possibilidade de novos estudos sobre a temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAS. Ranking ABRAS/SuperHiper 2015 mostra os grandes números do setor e as maiores empresas. 2015. Disponível em: <<http://www.abras.com.br/clipping.php?area=20&clipping=50049>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

ABREU, Silvana de. **Planejamento governamental: a SUDECO no espaço matogrossense**. contexto, propósitos e contradições. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP.

ALBANEZE, D. P.; BARRETTI, S. **Prática de Comércio**. São Paulo: Atlas, 1970.

ALVES, L.A. **Reestruturação urbana e criação de novas centralidades: Considerações sobre os Shopping Centers** - Caminhos de Geografia Uberlândia v. 12, n. 37 mar/2011 p. 171 – 184.

ASSAD, W. D. **Shopping Center como espaço de atividades de lazer e jogos: uma possibilidade**. Licere, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar/2016.

BELLET, C. S.; LLOP, J. M. T. **Miradas a otros espacios urbanos: las ciudades intermedias**. Scripta Nova, Universidade de Barcelona, v.8, n.165, maio, 2004. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-165.htm>. Acesso em: 16 abril 2013.

BELTRÃO, SPOSITO, M. E. et. **O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica**. In. BELTRÃO SPOSITO, M. E. et.al. Cidades Médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p.35-67.

BNDES. **Comércio Varejista - Supermercados**. 1996. Rio de Janeiro. BNDES, 1996. 33 p.

_____. **Hiper e supermercados no Brasil**. 1998. BNDES, 1998. 40 p.

_____. **Reestruturação do comércio varejista e de supermercados**. 2001. BNDES, 2001. 26 p.

BRASIL. **Censo da Contagem da População**. Regiões de Influência das Cidades (REGIC) - 2007.

_____. **Censo demográfico 2010**. Versão Digital (planilha eletrônica). IBGE: Unidade no estado de Mato Grosso do Sul, 2010.

CACHINHO, Herculano. **Centros Comerciais em Lisboa: os novos espaços de consumo**. Lisboa : Gepe, 1991.

CALIXTO, Maria José Martinelli. **O processo de consolidação da centralidade de Dourados-MS na rede urbana: uma contribuição para a análise de uma cidade média**. In: XI WORKSHOP DA REDE DE PESQUISADORES SOBRE CIDADES MÉDIAS – Recime, 2013, Dourados. Anais... Dourados-MS, 2013.

_____. **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade**. UFGD. Dourados – MS, 2008.

_____. **A centralidade regional de uma cidade média no sul do estado de Mato Grosso do Sul: Uma leitura da relação entre diversidade e**

complementaridade: In Cidades médias e região/org. Hélio Carlos Miranda de Oliveira, Maria José Martinelli Silva Calixto, Beatriz Ribeiro Soares. – 1.ed.- São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

_____. **O papel exercido pelo poder público local na (re)definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados-MS.** 2000. 296 f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, São Paulo. 2000.

_____. BERNARDELLI, M.L.F.H. **Dourados/MS: Uma cidade média entre os papéis regionais e a dinâmica globalizada.** In. SPOSITO, M.E.B.; MAIA, D.S. (Orgs). Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Dourados e Chapecó. -1.ed. São Paulo:Cultura Acadêmica. 2016.

CARREFOUR. Carrefour lança projeto para otimizar suas propriedades no Brasil. 2014a. Disponível em: <<https://www.carrefour.com.br/institucional/imprensa/releases/carrefour-lanca-projeto-para-otimizar-suas-propriedades-no-brasil>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

_____. Grupo Carrefour lança Supeco, formato inédito de atacarejo de conveniência. 2014b. Disponível em: <<https://www.carrefour.com.br/imprensa/grupo-carrefour-lancasupeco-formato-inedito-de-atacarejo-de-conveniencia/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

_____. Localizador de lojas. 2015. Disponível em: <<https://www.carrefour.com.br/nossasmarcas/localizador-de-lojas/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

CASTELLO BRANCO, M. L. **Cidades Médias no Brasil.** In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Orgs.) Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

CASTELLS, Manuel. **La intervención administrativa en los centros urbanos de las grandes ciudades. Papeers:** Revista de Sociologia, Barcelona, n. 11, p. 227-250, 1979.

_____. **A questão urbana.** 4. ed., Tradução de Arlene Castro, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. Innovation technologique et centralité urbaine. Cahiers de recherche sociologique, v. 6, n. 2, p. 27-36. 1988.

_____. **O centro urbano.** In: _____. Problemas de investigação em sociologia urbana. Lisboa: Presença, 1979 [1971]. p. 181-208

CLAVAL, Paul (2000) **Réflexions sur La centralité. Cahiers de géographie du Québec,** 44 (123) : 285-301.

CLEPS, Geisa Deise Gumiero. **Estratégias de reprodução do capital e as novas espacialidades urbanas: o comércio de auto-serviço em Uberlândia (MG).** 2005. 312 fls. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. 2005.

COBRA, M. H. N. **Marketing básico: uma perspectiva brasileira.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 1997.

- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- _____. **Estudos sobre a rede urbana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2006. 336 p.
- _____. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais**. Cidades. Presidente Prudente, n.6, v.4, p.62-72, 2007.
- _____. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2003. 7ª ed. Série Princípios
- COSTA, Armando João Dalla. **A importância da logística no varejo brasileiro: o caso do pão de açúcar**. Cadernos da escola de negócios da Unibrasil. Curitiba, v.1, n. 2, p. 65-84, janjun. 2004.
- _____. **O Pão de Açúcar e a passagem do poder nas empresas familiares: Um caso de sucesso**. Ciência e Opinião, Curitiba, v. 1, n.2, p.21-43. 2003.
- CYRILLO, Denise Cavallini. **O papel dos supermercados no varejo de alimentos**. São Paulo: IPE. 1987. 197 p.
- DEUS, Adailton. I. de. **A Berrini na centralidade de São Paulo**. 2007. 109f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- DELOITTE. **Global Powers of Retailing - Embracing Innovation**. Londres: Deloitte, 2015. 44p.
- DINIZ, Abílio. **O Brasil na era dos supermercados**. 2015. Disponível em: <[http://abiliodini z.uol.com.br/eu-abilio/opiniao/o-brasil-na-era-dos-supermercados.htm](http://abiliodini.z.uol.com.br/eu-abilio/opiniao/o-brasil-na-era-dos-supermercados.htm)>. Acesso em: 28 set. 2018.
- ELIAS, D. **Agricultura e produção de espaços urbanos não metropolitanos: notas teóricometodológicas**. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). Cidades médias: espaços em transição. 1. Ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2007. 632 p.
- ELLICKSON, Paul. **The evolution of supermarket industry - From A&P to Wal-Mart**. 2011. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1814166>. Acesso em: 05 set. 2015.
- GOMES, I. R. P. **Cidades pequenas e rede urbana: interações espaciais a partir do sudoeste do estado de mato grosso do sul**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas, UFGD.
- GOMES, Vinicius Biazotto. **As atividades das grandes empresas do ramo supermercadista e a rede urbana brasileira no período recente**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- _____. **A coexistência dos circuitos da economia urbana do setor supermercadista em Londrina (PR)**. 2013. 200 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- _____. **A questão escalar e a conformidade espacial do circuito superior supermercadista no Brasil contemporâneo**. In: III Simpósio Internacional Cidades

Médias, n.1, 2015, Rio de Janeiro. Anais do: III Simpósio Internacional Cidades Médias: 2015. P. 1 - 20.

GUIMARÃES, R. **Saúde pública e política urbana: Memória e imaginário social**. 2000. São Paulo. 2000. Tese (Doutorado em Geografia). FFLCH/USP.

GPA. Relatório Anual 2000. São Paulo, Edelman. 2000. 53 p.

_____. Relatório Anual 2002. São Paulo, Contadino. 2002. 59 p.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 312p.

JUNIOR, J. R. S. **Formação Territorial da Região da Grande Dourados: Colonização e Dinâmica Produtiva**. Geografia - v. 00, n. 0, jan/jun. 2009 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências.

KNOKE, William. **O supermercado no Brasil e nos Estados Unidos: Confrontos e contrastes**. Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 91–103, out–dez. 1963.

KOTLER, P. **Administração de Marketing: A Edição do Novo Milênio**. 2.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

_____.; ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. 7.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialética**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. **O direito à cidade**. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2008a [1968].

_____. LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999[1970].

_____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008c [1972].

_____. **Reflexões sobre o estruturalismo e a história**. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org). **O método estruturalista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 80-103.

LIMA FILHO, A. de O. **Distribuição Espacial do Comércio Varejista da Grande São Paulo**. São Paulo: Instituto de Geografia – USP, Série Teses e Monografias, 15, 1975.

LIMA, A. C. C. **Teorias do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica no pós guerra: o caso do Brasil**. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT19042012200458.pdf> Acesso em: 22 de ago. de 2018.

MINADEO, Roberto; CAMARGOS, Marcos Antônio. **Fusões e aquisições no varejo alimentar: uma análise das estratégias de entrada e de crescimento do Carrefour e Wal-Mart no mercado brasileiro**. Revista de Ciências de Administração. Florianópolis, v. 11, n. 24, p. 102-135, mai/ago 2009.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. **Relatório de Pesquisa na área de Grande Dourados**. Sistema de produção e êxodo rural. Manaus, 1984, p. 20.

MORENO, B. B. **A centralidade do ensino superior e o processo de redefinição socioespacial em Dourados-MS**. 2013. 276f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

NAGLIS, S. G. B. **Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto. Os colonos da Colônia Agrícola de Dourados – CAND (1943-1960)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

NASCIMENTO, F.F, **O papel de Dourados-MS na prestação de serviços de saúde (hospitais). Considerações para a análise da relação/articulação entre uma cidade média e uma cidade de pequeno porte**. Dourados, 2014. Monografia (Graduação em Geografia) FCH/UFGD.

NUCCI, J. Consumo. In SPOSITO, Eliseu S. (Org). Glossário de Geografia Humana e Econômica. São Paulo: UNESP, 2017.

PEREIRA, A. P. C. LAMOSO, L. P. **O Comércio varejista na cidade de Dourados-MS**. Revista do Departamento de Geociências v.14, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>

PINTAUDI, Silvana Maria. **Os supermercados na grande São Paulo - contribuição ao estudo da transformação do comércio varejista de gêneros alimentícios nas grandes metrópoles**. 1981. 108 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 1981.

_____. **O lugar do supermercado na cidade capitalista**. Geografia. Rio Claro, V. 9, n. 17-18, p. 37-54, 1984.

RAMIRES, J. C. L. **Cidades Médias e serviços de saúde: algumas reflexões sobre os fixos e os fluxos**. In: BELTRÃO SPOSITO, M. E. (Org.). Cidades Médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 173-186

RIBEIRO, Erica. **Redes investem no serviço de entregas**. 2015. Disponível em: <<http://brasileconomico.ig.com.br/negocios/2015-01-07/redes-de-supermercado-investem-noservico-de-entregas.html>>. Acesso em: 09 mai. 2015.

RODRIGUES, A. P. **Cidade Média, fronteira e serviço de saúde: uma proposta a partir de Dourados-MS**. VI Seminário Internacional AMÉRICA PLATINA (VI SIAP) e I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços. Campo Grande. 2016.

ROSALEM, V.; SANTOS, A. C. dos. **Qualidade Como Vantagem Competitiva: Um Estudo em Empresa Atacadista**. Disponível em: http://inf.aedb.br/seget/artigos06/596_QUALIDADE%20COMO%20VANTAGEM%20COMPETITIVA.pdf. Acesso em 27 maio 2010.

ROMERO, H. **O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana e das práticas socioespaciais em Dourados-MS**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) FCH/UFGD.

RUA, M. G. **Análise de Políticas Públicas: Conceitos Básicos**. In: O estudo da política: tópicos selecionados. Brasília: Paralelo 15, 1998

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Repensar a cidade face a novos desafios**. Philosophica, Lisboa, n. 4, p. 69-80, 1994a.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **Manual de geografia urbana.** 3. ed., São Paulo: EDUSP, 2008

_____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território do início de século XXI.** 6. Ed. Rio de Janeiro: Record. 2004.

SERPA, A. **Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea.** Cidades, Vol. 10, n. 17, p.61-75, 2013.

SILVA, M.C.T. **Expansão do complexo agroindustrial e o processo de mudança no espaço de Dourados** - Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Geografia, 1992. São Paulo.

SILVA, V. F. **Os Papéis de Dourados – MS no Contexto Regional: Apontamentos para Análise de um Cidade Média.** Dourados, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) FCH/UFGD.

_____, V. F. **Sob a perspectiva do novo: um olhar sobre a dinâmica intraurbana de Dourados-MS e seu processo de urbanização.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 34, v. 2, p. 97-119, ago./dez. 2012

SILVA, W.R. **Fragmentação do espaço de Londrina.** Geografia: Londrina, v.10, n.1, jan./jul. p. 514, 2001.

SHIWA, R.M. **O uso do solo nas ruas Fernando Ferrari e Filomeno João Pires em Dourados-MS: apontamentos para a análise de um subcentro.** 2018. 120f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

SOJA, E.W. **Geografias Pós Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro. Zahar. 1993.

SOUZA, N, J. **Desenvolvimento Regional.** Editora Atlas. Ed.1. 2009

SPOSITO. M.E.B. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana.** Revista Geográfica, n. 10, p. 01-18, Presidente Prudente/SP, 1991.

_____. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo,** 2004. 504f. Tese (Livre Docência)- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

_____. **A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade.** Revista Território, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 3, n. 04, p. 27-37, 1998.

_____. **Loteamentos fechados em cidades médias paulistas – Brasil.** In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SORBAZO, O. (Orgs.). Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista.** Scripta Nova (Barcelona), v.11, p.11,2007.

- SOUZA, I. de. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- STILMAN, Meyer. **O comércio varejista e os supermercados na cidade de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1962. 378 p.
- SUPERHIPER. São Paulo: ABRAS. v. 40, n. 454. abr. 2014.
- SUPERMERCADO MODERNO. Ranking 2015 formato. 2015b. Disponível em: <http://www.sm.com.br/Portal/Principal/arquivos/Revista/174/upload/SM_201504_lowres.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2015.
- SUPERMERCADO MODERNO. **Grupo Dia fecha primeiro semestre com 944 lojas no Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.sm.com.br/detalhe/ultimas-noticias/grupo-diafecha-primeiro-semester-com-944-lojas-no-brasil>>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- TORNÉ, J. M. L.; SANFELIU, C. B. **Ciudades intermédias y urbanización mundial: presentación del programa de trabajo de la Unión Internacional de Arquitectos**. (UIA). Lleida (España), Documento 4, 2002.
- TOURINHO, A.O. **Do centro aos centros: bases teórico-conceituais para o estudo da centralidade em São Paulo**. 2004. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- TRICART, J. **Contribuição ao estudo das estruturas urbanas**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, v. 14, n. 135, p. 473-481, 1956.
- VARGA. László. **A aposta do Casino**. 1999. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/33126_A+APOSTA+DO+CASINO>. Acesso em: 11 jul. 2015.
- VASCON, W. M. **O Hipermercado Atacadão e sua importância regional em Dourados-MS**: apontamentos iniciais para análise de uma cidade média. Vitória, UFES, VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. 2014.
- VELOSO, Fernando; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. **Determinantes do "Milagre" econômico brasileiro (1978-1973)**: Uma análise empírica. Revista Brasileira de Economia, v. 62, n.2, p.221-246. abr/jun. 2008.
- VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2001, 298 p.
- WHITACKER, A. M. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto**. 2003. 238f. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2003.
- _____. MIYAZAKI, Vitor Koiti. **O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana**. Apontamentos metodológicos. G.O.T. - Geografia e Ordenamento do Território, Revista Electrónica. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO - CLIENTES DOS SUPERMERCADOS

1. ONDE SE LOCALIZA SUA MORADIA OU COMÉRCIO?
 DOURADOS
 OUTRA CIDADE/QUAL ? _____

2. POR QUAIS MOTIVOS VOCÊ DEU PREFERÊNCIA PARA CONSUMIR NESTE ESTABELECIMENTO?
 PROXIMIDADE
 MELHORES PREÇOS
 OUTROS/QUAIS? _____

3. VOCÊ UTILIZA OS PRODUTOS COMPRADOS NESTE ESTABELECIMENTO PARA CONSUMIR OU REVENDER ?
 CONSUMIR
 REVENDER

4. QUAIS ESTABELECIMENTOS DE COMÉRCIO DE ALIMENTOS VOCÊ TAMBÉM COSTUMA CONSUMIR?
 ATACADÃO/ASSAÍ
 REDE ABV
 EXTRA
 SÃO FRANCISCO

5. PARA VOCÊ CLIENTE QUE SE DESLOCA DE OUTRAS CIDADES PARA CONSUMIR EM DOURADOS, QUAIS OUTROS SERVIÇOS PROCURA EM DOURADOS?
 SERVIÇOS DE SAÚDE
 SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO
 LAZER
 OUTRAS PRESTAÇÕES DE SERVIÇO/QUAIS? _____

6. QUAL O MEIO DE TRANSPORTE QUE UTILIZA?
 CARRO
 ÔNIBUS

() OUTROS _____

7. COM QUAL FREQUÊNCIA VEM A DOURADOS?

() DIARIAMENTE

() SEMANALMENTE

() MENSALMENTE

APÊNDICE 2

	1.O SEU OBJETIVO DE COMPRA NO ESTABELECIMENTO É PARA CONSUMO OU REVENDA?	
CONSUMO		11
REVENDA		19
	2. POR QUAIS MOTIVOS VOCÊ DEU PREFERÊNCIA PARA CONSUMIR NESTE ESTABELECIMENTO?	
PROXIMIDADE		2
MELHORES PREÇOS		18
POR ESTAR DE PASSAGEM		10
	3. PARA VOCÊ CLIENTE QUE SE DESLOCA DE OUTRAS CIDADES PARA CONSUMIR EM DOURADOS, QUAIS OUTROS SERVIÇOS PROCURA EM DOURADOS?	
SERVIÇOS DE SAÚDE		12
SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO		2
LAZER		11
OUTROS		5
	4. QUAL A FREQUÊNCIA DE DESLOCAMENTO ATÉ DOURADOS?	
DIARIAMENTE		4
SEMANALMENTE		18
MENSALMENTE		8

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO - FUNCIONÁRIOS DOS SUPERMERCADOS:

NOME: _____ CARGO:

EMPRESA: _____

“DOURADOS É UMA CIDADE QUE PROPORCIONA FLUXOS E DESLOCAMENTOS DIÁRIOS DE MORADORES DE CIDADES VIZINHAS PARA CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS, SUA CONTRIBUIÇÃO IRÁ AUXILIAR MUITO EM NOSSA PESQUISA”.

NA EMPRESA QUE VOCÊ TRABALHA, VOCÊ CONSEGUE NOTAR A PROPORÇÃO DE CLIENTES DE OUTRAS CIDADES? QUAL SERIA A PROPORÇÃO?

CONSEGUE MENSURAR QUAL CLIENTE CONSOME MAIS? OS DE DOURADOS OU DAS CIDADES VIZINHAS? _____

QUEM COMPRA MAIS POR ATACADO? E POR VAREJO?

COMO VOCÊ ENXERGA A IMPORTÂNCIA DA EMPRESA QUE TRABALHA PARA ATENDER TODA UMA REGIÃO DE CLIENTES INTERURBANOS?

OCORREU ALGUM ESTUDO GEOGRÁFICO E LOGÍSTICO PARA A INSTALAÇÃO DA EMPRESA NESTE LOCAL?

COMO SERIA O MOVIMENTO DO SUPERMERCADO QUE VOCÊ TRABALHA SE NÃO ATENDESSE OS CLIENTES DAS CIDADES VIZINHAS? A PROPORÇÃO DE VENDAS SERIA MUITO MENOR?

OS CLIENTES DAS CIDADES VIZINHAS COSTUMAM CONSUMIR POR VAREJO OU ATACADO?

NA SUA OPINIÃO O QUE ATRAI OS CLIENTES DE OUTRAS CIDADES A CONSUMIR EM DOURADOS E MAIS ESPECIFICAMENTE NO ESTABELECIMENTO QUE VOCÊ TRABALHA?

APÊNDICE 4

QUESTIONÁRIO - FUNCIONÁRIOS: ÁREA DA SAÚDE

NOME: _____ CARGO:

EMPRESA: _____

“DOURADOS É UMA CIDADE QUE PROPORCIONA FLUXOS E DESLOCAMENTOS DIÁRIOS DE MORADORES DE CIDADES VIZINHAS PARA CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS, SUA CONTRIBUIÇÃO IRÁ AUXILIAR MUITO EM NOSSA PESQUISA”.

NA SAÚDE PÚBLICA PRESTADA POR DOURADOS, VOCÊ CONSEGUE MENSURAR A PROPORÇÃO DE PACIENTES DE DOURADOS E DE OUTRAS CIDADES? QUAL SERIA A PROPORÇÃO?

CONSEGUE MENSURAR QUAL HOSPITAL OU HOSPITAIS ATENDEM MAIS PACIENTES DAS CIDADES VIZINHAS?

QUAL O PRINCIPAL MOTIVO DO DESLOCAMENTO, SÃO CIRURGIAS, EXAMES DE ROTINA, CASOS DE URGÊNCIA, OUTROS?

COMO VOCÊ ENXERGA A IMPORTÂNCIA DOS SERVIÇOS PRESTADOS POR DOURADOS PARA ATENDER TODA UMA REGIÃO DE CLIENTES INTERURBANOS?

EXISTE ALGUM ESTUDO DA PREFEITURA PARA QUANTIFICAR OS DADOS DO NÚMERO DE PACIENTES QUE DOURADOS ATENDE NA REGIÃO?

COMO VOCÊ JULGA QUE SERIA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DA SAÚDE DOS HOSPITAIS DE DOURADOS SE NÃO HOUVESSEM OS FLUXOS DIÁRIOS DE PACIENTES CIRCUNVINHOS?

NA SUA OPINIÃO O QUE ATRAI OS PACIENTES DE OUTRAS CIDADES A CONSUMIR EM DOURADOS E MAIS ESPECIFICAMENTE NO SERVIÇO DE SAÚDE?
